

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Marcus Vinicius Neto Silva

**A CONSTRUÇÃO DA PULSÃO DE MORTE FREUDIANA: Um estudo histórico da
formação do conceito a partir de suas fontes**

Belo Horizonte

2014

Marcus Vinicius Neto Silva

**A CONSTRUÇÃO DA PULSÃO DE MORTE FREUDIANA: Um estudo histórico da
formação do conceito a partir de suas fontes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha

Belo Horizonte

2014

150

Silva, Marcus Vinicius Neto

S586C

2014

A construção da pulsão de morte freudiana [manuscrito] :
um estudo histórico da formação do conceito a partir de suas
fontes / Marcus Vinicius Neto Silva. - 2014.

99 f.

Orientador: Guilherme Massara Rocha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Morte – Aspectos psicológicos –
Teses. 3. Compulsão à repetição - Teses. 4. Regressão
(Psicologia) - Teses. I. Rocha, Guilherme Massara. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG
PSICO
LOGIA
UFMG

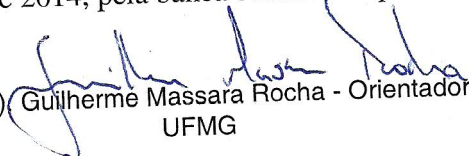
FOLHA DE APROVAÇÃO

A construção da pulsão de morte freudiana

MARCUS VINICIUS NETO SILVA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a) Guilherme Massara Rocha - Orientador
UFMG


Prof(a). Paulo Eduardo Viana Vidal
UFF


Prof(a). Angela Maria Resende Vorcaro
UFMG

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2014.

A Alfred, August, Barbara, Josef, Sabina e Sándor, na esperança de que esta tímida pesquisa ajude a resgatá-los das sombras a que foram relegados por tanto tempo.

AGRADECIMENTOS

Acredito que a melhor maneira de agradecer àqueles que contribuíram com a escrita desse trabalho é produzir algo de qualidade. Espero que esse objetivo tenha sido alcançado em alguma medida e tenha, dessa forma, deixado orgulhosos os que confiaram nessa possibilidade. Mesmo assim, julgo ser necessário agradecer nominalmente a alguns dos que participaram mais ativamente desse percurso.

Guilherme Massara Rocha, pela orientação estimulante sem deixar de ser cuidadosa, dando liberdade sem deixar de fornecer amparo. Por não apenas tolerar meus desvios por autores pouco convencionais, mas por se interessar em minha insistência em investigar cantos obscuros da Psicanálise freudiana.

Aos amigos: Henrique Aquino, Rafael Silva, Iara Biondi, Rafael Gomes, Érica Espírito Santo, Glauco Batista e Luciana Torquato, por participarem, cada um a seu modo, não apenas da árdua tarefa da escrita, mas por serem presentes em minha vida durante todo esse tempo.

A meus pais, que mesmo sem compreenderem exatamente do que se trata a pesquisa ou qual o objetivo de tanto estudo, foram capazes de manifestar seu apoio discreto, porém inabalável.

A Ken Robinson, Helène Martin, Mathew Thomson, Bruce Kirby, Sophie Leighton, Bryony Davies, Michael Schröter e Eran Rolnik, todos distantes geograficamente, mas que não se importaram em fornecer indicações valiosas sobre pontos-chave da pesquisa.

Um agradecimento especial a Renata Cromberg, por me permitir acesso a um material valiosíssimo sobre Sabina Spielrein, sem o qual boa parte do trabalho não teria sido possível.

RESUMO

Se analisarmos unicamente o texto de 1920 em que Freud introduz o conceito de pulsão de morte, ficaremos com a impressão de uma virada radical em sua teoria pulsional, que força inclusive a um reordenamento de outros pontos da teoria psicanalítica. Um olhar um pouco mais atento nos mostra, porém, que boa parte dos elementos que Freud utiliza para compor seu novo dualismo já estava presente em sua obra há muito tempo. Para compreender o que de fato opera essa mudança na forma de pensar as pulsões, se faz necessário isolar esses elementos e acompanhar de que modo foram se apresentando ao longo da obra freudiana. Com isso em mente, teremos de investigar a compulsão à repetição, a regressão e o princípio de Nirvana em detalhes. Para além disso, Freud se serve da obra de diversos autores para dar suporte à pulsão de morte, e cada um deles acaba contribuindo (direta ou indiretamente) para a forma final do conceito. Assim, é essencial acompanhar os textos de Adler, Breuer, Ferenczi, Low, Spielrein e Stärcke. Somente assim será possível ter algum entendimento do modo como Freud combina estes elementos externos e internos à sua obra e é capaz de fundi-los em um conceito tão complexo quanto a pulsão de morte.

Palavras-chave: Pulsão de morte. Compulsão à repetição. Regressão. Princípio de Nirvana. Agressividade.

ABSTRACT

If we analyze only the text of 1920 in which Freud presents the concept of death drive, we might get the impression of a radical turning in his drive theory, one that would force him to rearrange other points of the psychoanalytic theory. A closer look shows us, however, that part of the elements used by Freud to constitute his new dualism was already present in his work for a long time. To comprehend what, in fact, causes this change in his way of thinking, it becomes necessary to isolate these elements and to follow the way they were being presented throughout the freudian work. With that in mind, we must investigate the repetition compulsion, the regression and the Nirvana principle in detail. On the top of that, Freud also resorts to the work of several authors to get some support to the death drive. Each one of them ends up contributing (directly or indirectly) to the concept's final form. Therefore, it is essential to follow the texts of Adler, Breuer, Ferenczi, Low, Spielrein and Stärcke. Only through this it will be possible to achieve some level of understanding of the way which Freud combines internal and external elements to his own work and manages to fuse them in such a complex concept as the death drive.

Keywords: Death drive. Repetition compulsion. Regression. Nirvana principle. Aggression.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 – Uma leitura rigorosa de “Além do Princípio de Prazer”	12
1.1 – O texto propriamente dito	14
1.1.1 – O princípio de prazer em questão.....	14
1.1.2 – Desprazer e compulsão à repetição	17
1.1.3 – O funcionamento do aparelho	20
1.1.4 – O retorno ao inorgânico	21
1.1.5 – Pulsões de morte e de vida	24
1.1.6 – Breve reflexão sobre o texto	27
1.2 – A compulsão à repetição	28
Capítulo 2 – Regressão	32
2.1 – Breve histórico da regressão em Freud	33
2.2 – Ferenczi e o caráter regressivo das pulsões	36
2.2.1 – Os ecos de Ferenczi em Freud	39
2.3 – Stárcke e as forças pulsionais centrípeta e centrífuga.....	41
2.3.1 – Regressão em Stárcke	43
Capítulo 3 – Princípio de Nirvana.....	46
3.1 – Breuer, Freud e o princípio de constância	47
3.1.1 – As “Considerações Teóricas” de Breuer	50
3.1.2 – As diferenças entre o modelo quantitativo de Breuer e Freud	52
3.2 – Low e o princípio de Nirvana	54
3.2.1 – O princípio de Nirvana de Low	55
3.2.2 – O contato de Freud com Low	58
3.2.3 – O princípio de Nirvana de Freud.....	59
3.3 – Da constância ao Nirvana	60

Capítulo 4 – Agressividade, destrutividade e pulsão de morte.....	64
4.1 – Adler, Freud e a pulsão agressiva	64
4.1.1 – A pulsão agressiva de Adler.....	65
4.1.2 – A pulsão agressiva de Adler na visão de Freud	69
4.1.3 – O tema da agressividade em Freud	70
4.2 – Spielrein e a pulsão destrutiva	73
4.2.1 – Um resumo da literatura sobre Spielrein.....	74
4.2.2 – Breve relato biográfico.....	75
4.2.3 – A destruição como origem do devir	78
4.2.4 – O impacto do texto de Spielrein na obra freudiana.....	84
4.2.4.1 – Paralelos entre a teoria do Eu em Spielrein e em Freud	84
4.2.4.2 – Teoria pulsional spielreiniana e “Além do Princípio de Prazer”	86
Considerações finais	91
Referências	95

Introdução

O conceito de pulsão de morte é provavelmente um dos mais complexos da obra freudiana e também um dos mais controversos. Desde que Freud o apresenta em “Além do Princípio de Prazer”, em 1920, muito se escreveu sobre o tema. Alguns autores se posicionaram contrários a essa noção, outros a favor, outros ainda continuaram escrevendo seus trabalhos como se o conceito nunca tivesse existido.

Freud, após essa data, passa a atribuir um papel cada vez mais importante às pulsões de morte, a despeito de todas as dúvidas e incertezas que havia manifestado em seu texto de 1920. Com isso, somos levados a crer que ele acaba se convencendo do valor desse conceito para a teoria e prática psicanalítica. Como ele próprio chega a afirmar em “O Mal-Estar na Civilização”: “recordo minha própria atitude defensiva quando a idéia de um instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela” (Freud, 1930/1996, p.124).

Eventualmente, o conceito veio de fato a ser aceito e largamente utilizado. Diversos autores de destaque acabaram construindo suas próprias versões da pulsão de morte, que julgam poder ser deduzidas a partir das formulações freudianas. Mas, como talvez o próprio Freud pudesse nos lembrar, aceitação não significa que o conceito tenha sido compreendido e pode até mesmo indicar que ele foi, na verdade, distorcido.

Diante disso, o caminho mais seguro para chegar a uma compreensão da pulsão de morte freudiana é tentar refazer seus passos na construção do conceito. Tentaremos, dessa maneira, tomar como principal referência o texto em que Freud introduz a pulsão de morte, “Além do Princípio de Prazer”, e a partir de sua leitura, buscar as raízes dessa pulsão.

Para atingir nosso objetivo, realizaremos essencialmente duas tarefas que se complementam. A primeira é uma leitura cuidadosa da obra freudiana, com atenção especial à forma como seu pensamento vai se modificando ao longo do tempo. A segunda tarefa é a leitura das fontes citadas por Freud em “Além do Princípio de Prazer”.

Quanto a esse ponto, alguns esclarecimentos são necessários. Freud cita 26 autores ao longo do texto. Analisar todos seria inviável por diversos motivos. Primeiro, pelo volume do material, que, sem dúvida, é considerável. Segundo, porque essas fontes não tratam todas de uma mesma temática, tornando difícil ordená-las ao

longo de uma argumentação minimamente coerente e que não exija do leitor um esforço sobre-humano. Terceiro, em algumas ocasiões o texto citado não é de fato utilizável; por vezes, Freud destaca apenas uma frase ou parágrafo, de modo que todo o resto pode ser facilmente descartado. Quarto, pelo fato de serem textos já antigos, nem sempre estão disponíveis ou são extremamente difíceis de se acessar, mesmo por um pesquisador incrivelmente empenhado.

Devido a essas considerações de ordem prática, estabelecemos alguns critérios que nos foram extremamente úteis para a realização da pesquisa. Sem dúvida é interessante, se não imprescindível, explicitá-los aqui. Primeiro: utilizaremos apenas textos de autores do campo da Psicanálise. Excluimos desse modo referências a biólogos, filósofos, poetas e outros. Devemos notar que há autores que, na data em que Freud escreve o texto, já não eram mais psicanalistas, mas cujos textos citados foram produzidos num período em que ainda faziam parte do movimento psicanalítico, razão pela qual ainda serão considerados. Segundo: tentaremos explorar mais detalhadamente os autores que se mostrarem mais relevantes ao debate. Isso parece óbvio, mas se levássemos à risca apenas o primeiro critério, teríamos de distribuir 11 textos ao longo de nossa discussão, sendo que, muitas vezes, sua contribuição é modesta. Veremos que em certos pontos optamos por investigar mais a fundo algum texto que tenha se mostrado particularmente rico, enquanto passamos por outros sem nos estender além do necessário. Em alguns casos, o texto como um todo é irrelevante. Terceiro: no caso de certas obras de difícil acesso, por vezes nos deparamos com a barreira do idioma que, mesmo não sendo intransponível, acrescentava uma nova camada de dificuldades e exigia mais tempo do que seria desejável. Priorizamos a leitura das obras traduzidas para o português e inglês, e evitamos, por questões de ordem prática, textos em outros idiomas.

Levando em conta estes três critérios, onze textos atendiam à primeira condição, 9 passaram pelo crivo da segunda e 6 sobreviveram à terceira. Os textos que eliminamos dessa forma foram: “Psychoanalysis and the War Neuroses” (1919) (Psicanálise e as Neuroses de Guerra), de Ferenczi, Abraham, Simmel e Jones; “A Importância do Pai no Destino do Indivíduo” (1909), de Jung; “Der Künstler” (1907) (O Artista), de Rank; “Erotische Quellen der Minderwertigkeitsgefühle” (1919) (As Fontes Eróticas do Sentimento de Inferioridade), de Marcinowski e, por último, “Äusserungen infantil-erotischer Triebe im Spiele” (1919) (Expressões das Pulsões Eróticas Infantis nas Brincadeiras) de Pfeifer.

Os textos que servirão de referência são, portanto: “O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios” (1913), de Ferenczi; “”Psycho-analysis” (1920), de Low; “A Destruição como Origem do Devir” (1913), de Spielrein; “The Aggression Drive in Life and in the Neurosis” (1908) (A Pulsão Agressiva na Vida e na Neurose), de Adler; “Einleitung zur holländischen Übersetzung von S. Freud Die kulturelle Sexualmoral und die moderne Nervosität” (1914) (Prefácio à tradução holandesa de Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna de Freud), de Stärcke e o capítulo “Considerações Teóricas” (1895), de autoria de Breuer e que está contido na publicação conjunta com Freud, “Estudos sobre a Histeria”.

Com relação à primeira de nossas tarefas, que é investigar na obra freudiana as modificações sofridas por seu pensamento com relação ao nosso tema, a leitura de “Além do Princípio de Prazer” nos permite extrair a hipótese de que a compulsão à repetição é a manifestação de uma tendência à regressão, que atende em última instância ao princípio de Nirvana. Temos com isso três elementos centrais que darão sustentação a nossa argumentação: a compulsão à repetição, a regressão e o princípio de Nirvana. A eles se acrescenta também um quarto, que embora não possamos afirmar que serve de base para o conceito de pulsão de morte, está sem dúvida ligado a ele: a agressividade.

Nosso esforço será, então, de reconstruir a história de cada um desses elementos na obra freudiana e unir isso à leitura dos autores citados por Freud. Desse modo, no primeiro capítulo apresentaremos uma análise detalhada de “Além do Princípio de Prazer”, seguida por uma discussão da compulsão à repetição, já que com relação a esse tema Freud não faz referência a qualquer outro autor.

No segundo capítulo, avançaremos para o debate da regressão, seguindo também um método parecido, a análise da história do conceito na obra de Freud. Aqui, porém, incorporaremos a isso a leitura do texto de Sándor Ferenczi, tentando pensar em que medida suas formulações afetam Freud. Faremos ainda uma passagem um pouco mais breve pelo texto de August Stärcke, que também aborda a temática da regressão, embora por um viés diferente.

No terceiro capítulo, tomaremos como ponto de partida o princípio de Nirvana, que aparentemente tem relação íntima com o princípio de constância, razão pela qual investigaremos também este conceito. Tentaremos acompanhar de que modo Freud encontra nas hipóteses de Josef Breuer suporte para algumas de suas elaborações acerca do funcionamento do aparelho psíquico e em que medida ele

também se afasta das formulações desse autor. Em seguida, através de uma investigação da obra de Barbara Low, poderemos observar como o termo “princípio de Nirvana” encontra seu caminho até Freud, e o que é feito dele após essa apropriação freudiana.

No quarto capítulo, o tema da agressividade será pesquisado na obra freudiana e teremos de levar em consideração a proposição de Alfred Adler de uma pulsão agressiva. Observaremos como Freud repudia essa ideia, mas eventualmente é compelido a reintegrá-la à teoria psicanalítica de algum modo. Em seguida, tomaremos o texto de Sabina Spielrein, que é particularmente rico, mas também refratário a qualquer tipo de categorização ou enquadramento. Acompanharemos o pensamento da autora a respeito do componente destrutivo da pulsão sexual e os desdobramentos dessa ideia. Tentaremos também verificar o impacto de suas proposições na obra freudiana. Com isso, teremos conseguido reconstruir boa parte do caminho percorrido por Freud ao construir a pulsão de morte.

Uma última palavra ainda é necessária, antes de começarmos nossa jornada, com relação a uma questão de cunho metodológico. Embora, nos últimos anos, novas traduções dos textos de Freud tenham se multiplicado, quando se tenta realizar um trabalho de pesquisa que cobre um período tão extenso da produção freudiana, é difícil não acabar recorrendo à edição mais completa a que temos acesso (mesmo com todos seus equívocos), que é a Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, da editora Imago. Quando foi possível, tentamos também tomar como fonte os volumes traduzidos por Luiz Hanns, publicados também pela Imago. Com isso, por vezes acabamos, essencialmente nos momentos em que tivemos de realizar alguma citação mais extensa, usando termos que não seriam ideais, mas que preferimos não alterar. Isso diz respeito ao uso do termo “instinto”, que é o escolhido pelos tradutores para se referir a *Trieb*, mas que em alguns volumes (a editora Imago revisou e alterou a palavra em alguns textos) foi substituído por pulsão (que é a palavra escolhida na edição traduzida por Hanns). O nosso uso, nas citações, ora da palavra pulsão, ora da palavra instinto, não deve ser confundido com falta de rigor teórico ou nada parecido. Isso foi efeito apenas da inexistência de uma tradução que empregue o mesmo termo de forma coerente e que contenha todos os trabalhos de Freud que consultamos. Esperemos que isso seja remediado nos anos que se seguem, com a proliferação de traduções de qualidade no país.

Capítulo 1 – Uma leitura rigorosa de “Além do Princípio de Prazer”

Antes de adentrarmos à discussão de “Além do Princípio de Prazer” e analisar detalhadamente seu conteúdo, talvez seja interessante pensar no contexto em que foi escrito e publicado. De acordo com Jones (1957/1989) e também nos baseando nos comentários editoriais de Strachey, Freud começou a trabalhar em um rascunho do texto em março de 1919, tendo terminado sua redação em julho de 1920. Em maio de 1919, Freud esteve trabalhando em outro texto, “O Estranho”, em que faz referências (breves, na verdade) a uma compulsão à repetição e afirma que ela teria força suficiente para se sobrepor ao princípio de prazer. Isso adianta em alguma medida a argumentação que será desenvolvida em detalhes no texto de 1920.

Não há, porém, nenhuma referência a pulsões de morte. Strachey nos informa que o primeiro uso desse termo se dá na correspondência com Eitingon, na carta de 20 de fevereiro de 1920¹. Seja como for, a pulsão de morte faz sua aparição como conceito na obra freudiana em “Além do Princípio de Prazer” e é usada para pensar vários pontos da teoria psicanalítica nos anos posteriores. Podemos ver, por exemplo, como Freud se serve dessa noção em seu reordenamento do aparelho psíquico em 1923 em “O Eu e o Id”; sua reformulação da teoria do masoquismo em 1924 e até mesmo sua descrição de tendências destrutivas/agressivas em “Mal-Estar na Civilização”, já em 1930.

Mas apesar do uso extensivo que Freud faz desse conceito após 1920, ele não era, nem de longe, unanimidade entre os psicanalistas da época. Jones (1957/1989) chega a afirmar que dos cerca de cinquenta artigos que haviam sido publicados sobre o tema até a data, “na primeira década apenas a metade apoiava a teoria de Freud, na segunda década apenas um terço e na última década nenhum” (Jones, 1957/1989, p.269).

Dentro do grupo de autores que se opunham ao conceito encontramos o próprio Jones, Abraham, Rank, e outros de menor destaque. Alguns até mesmo

¹ Apesar da referência de Strachey, não há qualquer registro da existência dessa carta a Eitingon. Ela não consta nos Freud Archives, da Biblioteca do Congresso em Washington, nem na base de dados do Freud Museum de Londres e nem na Sociedade Psicanalítica de Israel, onde boa parte da correspondência de Eitingon está arquivada. Até mesmo o organizador da correspondência Freud-Eitingon, Michael Schröter, afirmou que não há nenhuma carta nessa data. Parece provável que Strachey tenha se enganado na data da carta. Segundo May (2013), Freud se referiu à pulsão de morte numa carta a Eitingon de 8 de março de 1920. Para além disso, a autora identificou referências de Freud à pulsão de morte em algumas anotações feitas por ele (não publicadas) que datam provavelmente de 1918. Mais detalhes, ver May (2013), pp. 128-131.

fizeram um esforço para demonstrar como a concepção de uma pulsão de morte era uma reação de Freud a certos eventos dolorosos de sua vida.

Wittels (1924), em sua biografia de Freud, escrita enquanto ele ainda era vivo, tenta associar a pulsão de morte ao falecimento de sua filha, Sophie. Segundo ele, o trabalho teria sido escrito ainda sob o efeito do choque dessa perda.

O próprio Freud, ao ler esse relato, protestou contra essa interpretação em uma carta a Wittels, afirmando que “o livro foi escrito em 1919, quando minha filha estava ainda com excelente saúde”. E prossegue: “ela faleceu em janeiro de 1920. Em setembro de 1919 enviei o manuscrito do livrinho para ser lido por alguns amigos em Berlim”. Segundo ele, o texto “estava acabado, exceto quanto à discussão concernente à mortalidade ou imortalidade dos protozoários”. E acrescenta, como que repreendendo Wittels: “o que parece verdadeiro nem sempre é verdade” (Freud, 1924/1996, p.321).

Jones faz algo semelhante no capítulo de sua biografia de Freud que aborda a metapsicologia. Na visão dele, há muito pouco apoio objetivo para a hipótese da pulsão de morte. Ele descarta a relação de certos eventos (morte da filha, aparecimento do câncer, morte do neto) com a formação do conceito, mas não deixa de tentar ligar a atitude de Freud com relação à morte à escrita do texto. Jones chega a afirmar que “à luz de todas essas considerações, penso ser correto sugerir que, ao formar uma opinião sobre a validade da teoria de Freud de um instinto de morte, é justificável que levemos em conta possíveis fontes subjetivas, em acréscimo aos argumentos que ele expôs em seus textos” (Jones, 1957/1989, p.281).

Esse tipo de empenho em explicar um conceito através de conteúdos subjetivos inferidos a partir da vida do autor parece equivocado, principalmente por ignorar (ou sequer considerar) as razões para o surgimento do conceito provenientes do interior da própria teoria e clínica psicanalíticas².

Ao fazer isso, os autores citados minimizam a importância do conceito no corpo da teoria e se poupam de um esforço real de compreender o lugar que ele ocupa

² Curiosamente, Freud estava protestando contra uma forma de interpretação que ele próprio havia ajudado a propagar. Ele faz o mesmo tipo de uso de explicações que recorrem a dados biográficos, por exemplo, em seu texto sobre Leonardo da Vinci. Vários psicanalistas da época também se habituaram a essa combinação de psicanálise e biografia, como podemos ver no trabalho de Abraham, “Giovanni Segantini: a psycho-analytical study” (1911), também em “Hamlet and Oedipus” (1910), do próprio Jones ou ainda o texto de Hirschmann, “Schopenhauer: attempt at a psychoanalysis of a philosopher” (1913).

na obra freudiana³. Tentaremos, num caminho bastante diverso, tomar o próprio texto em questão como objeto de uma análise detalhada. Isso não significa que fecharemos os olhos para possíveis influências sofridas por Freud na elaboração da pulsão de morte. Pelo contrário, tomaremos as próprias influências como objeto de estudo, para tentar estabelecer em que medida contribuíram na formação de um conceito tão complexo e mal compreendido.

1.1 – O texto propriamente dito

Conforme havíamos dito, nossa intenção é fazer uma leitura detalhada de “Além do Princípio de Prazer”, acompanhando as idas e vindas do raciocínio freudiano com o máximo de atenção. Isso será importante não apenas para que possamos identificar o que há de essencial no conceito de pulsão de morte, como também para nos situarmos no capítulo seguinte quando estivermos debatendo as fontes citadas por Freud nesse texto.

1.1.1 – O princípio de prazer em questão

Freud parte da consideração de que os processos psíquicos são regulados pelo princípio de prazer. Isso significa que quando uma tensão se acumula, ela desencadeia um movimento que resulta em uma redução da tensão, o que gera prazer ou evita o desprazer.

Com isso fica claro que prazer e desprazer se relacionam a uma quantidade (de excitação, de tensão, etc.), sendo que um aumento nessa quantidade corresponde a desprazer e uma diminuição a prazer. Isso não significa, porém, que todo aumento de tensão será desprazeroso e toda redução prazerosa e nem que a quantidade de aumento ou redução será proporcional à intensidade da sensação. Para Freud, “é provável que o fator decisivo para formar uma sensação seja a magnitude de redução ou aumento da excitação durante certo espaço de tempo” (Freud, 1920/2006, p. 136).

O prazer estaria ligado, nesse sentido, a uma estabilidade nas quantidades de excitação (Freud está aqui apoiando sua hipótese em Fechner). Daí também deduzimos que o princípio de prazer pode ser enunciado como a “tendência a manter

³ De toda forma, mesmo na defesa que Freud apresenta contra a interpretação de Wittels, fica visível que se ele havia escrito parte do texto em 1919 e o concluiu em 1920, após a morte de Sophie, então não há como descartar a possibilidade de ele haver reescrito algum trecho. Isso só seria possível se tivéssemos acesso aos rascunhos do texto, para comparar à versão final publicada.

a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos constante” (Freud, 1920/2006, p. 136). Nesse modo de enunciar o problema, o princípio de prazer parece ser idêntico ao princípio de constância, embora Freud afirme que ele se deriva dele.

O princípio de prazer, porém, não domina o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria deles geraria prazer ou nos aproximaria disso, o que não ocorre. Sendo assim, temos de pensar que há uma tendência ao princípio de prazer, mas há também algumas circunstâncias que agem de forma contrária a essa tendência. Desse modo, parte dos processos psíquicos pode acabar na verdade levando ao surgimento do desprazer. Freud passa então a analisar quais as circunstâncias que poderiam inibir a ação do princípio de prazer, ou colocá-lo fora de ação.

O primeiro exemplo de força que inibe o funcionamento do princípio de prazer é referente a sua relação com o princípio de realidade. Desde o início, o princípio de prazer se mostra inadequado e, se levado às últimas consequências, pode por em risco todo o organismo. Por essa razão, é gradualmente substituído (embora não completamente) pelo princípio de realidade. Este ainda persegue uma meta similar (obtenção de prazer), mas é capaz de tolerar um desprazer provisório. Entretanto, nem todas as pulsões se submetem ao princípio de realidade e podem, em alguns momentos se sobrepor a ele, causando prejuízos a todo o organismo.

A segunda fonte de desprazer, analisada por Freud, é a que provém do surgimento de conteúdos recalçados. Isso decorre do fato de que certas pulsões podem perseguir metas que entram em conflito com outras. A solução para esse conflito é isolar as pulsões que são intoleráveis através do recalque. Porém, estas pulsões não desaparecem e continuam a tentar conseguir acesso à satisfação. Quando elas eventualmente são bem sucedidas, mesmo atingindo uma satisfação substitutiva, causam desprazer ao Eu. Desse modo, o princípio de prazer é rompido por certas pulsões que, em seu esforço por obter satisfação (agindo de acordo com o próprio princípio de prazer) acabam causando desprazer. Esse desprazer, contudo, não é nada mais que “um prazer que não pode ser sentido como tal” (Freud, 1920/2006, p.138).

Para além dessas duas fontes de desprazer, Freud aponta ainda mais uma, de ordem perceptiva. Provém de uma pressão interna (pulsões insatisfeitas) ou de elementos do mundo externo que são desagradáveis ou que causam sensações desprazerosas no aparelho psíquico. Diante dessas sensações de perigo, bem como diante das pulsões insatisfeitas, tanto o princípio de prazer quanto o de realidade logo

entram em ação. Desse modo, todos os desprazeres experimentados até então descritos não nos forçam a pensar em nada que vá além do princípio de prazer. Freud anuncia que voltará sua atenção para a relação do organismo contra perigos externos, pois pode estar aí a chave para esse outro tipo de funcionamento.

Freud passa a analisar as neuroses traumáticas, na tentativa de localizar algum indício de processos que desconsiderem o princípio de prazer. A guerra havia terminado em 1919 e até essa data os psicanalistas tiveram oportunidade de estudar vários casos de neuroses traumáticas (neuroses de guerra)⁴. Esses casos eram bastante complexos por apresentarem uma variedade de sintomas motores, o que os tornavam semelhantes à histeria, mas com grandes alterações afetivas, que as tornavam semelhantes à melancolia. Ele destaca, entretanto, dois traços que ajudam a esclarecer estas neuroses: 1) o fator principal de causação é a surpresa ou susto que acomete o indivíduo; 2) se ocorre um ferimento concomitante a neurose em geral não aparece.

Para compreender a neurose traumática, Freud recorre ao estudo dos sonhos desses pacientes. Os sonhos deles os levam sempre a uma revivência da situação traumática, diante da qual acordam novamente assustados. Em geral se supõe que isso seja devido à intensidade da experiência, que produz uma espécie de fixação. No estado de vigília, porém, os doentes não se ocupam com a lembrança do acidente. Parecem, pelo contrário, evitar pensar nisso. Se tivermos de supor que o sonho o reconduza ao trauma, estaríamos reformulando a regra de que o sonho é a realização de um desejo.

Diante disso, ou teremos de supor que nesses casos a função do sonho foi abalada, “ou teríamos de invocar enigmáticas tendências masoquistas do Eu” (Freud, 1920/2006, p. 140). Portanto, ou a realização de desejo não ocorre ou é um desejo de punição e sofrimento.

Colocando esse problema em suspenso, Freud passa a analisar outro fenômeno, que acredita poder ajudar a esclarecer o problema. Trata-se da brincadeira infantil. Ele narra a brincadeira de seu neto, não sem antes deixar claro que ele tinha todas as características de um bom menino. O garoto havia desenvolvido o hábito de arremessar os objetos para longe de si, ao mesmo tempo em que emitia um “o-o-o” (supostamente equivalente à palavra “fort”) com satisfação. Numa certa ocasião, a criança estava com um carretel e o atirava por cima da beirada do berço para que ele

⁴ Nesse ponto Freud cita o livro “Para a Psicanálise das Neuroses de Guerra” (1919), que contém contribuições de Ferenczi, Abraham, Simmel e Jones, com um prefácio do próprio Freud.

desaparecesse (e pronunciava seu “o-o-o”) para em seguida puxar a corda e pronunciar um alegre “da” com seu surgimento. Essa era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. De modo geral, a primeira parte era repetida como uma brincadeira em si, embora a segunda parte fosse fonte de maior prazer.

A brincadeira poderia ser interpretada da seguinte maneira: ela representava a capacidade de renúncia pulsional da criança ao permitir a partida da mãe. A brincadeira era uma encenação dessa partida e do retorno dela.

Mas aí temos um problema: como explicar o fato de que a primeira parte da brincadeira ser repetida um número muito maior de vezes, sendo que a partida da mãe tinha um caráter claramente desprazeroso para ela?

Uma primeira hipótese é de que ao realizar a brincadeira, a criança se torna capaz de passar de uma vivência passiva para uma ativa, mesmo sendo uma experiência dolorosa. Outra possibilidade é a de que essa brincadeira satisfaça a um impulso de vingança contra a mãe por abandonar a criança.

Estas hipóteses ainda nos deixam na dúvida quanto ao motivo da repetição de algo desprazeroso, mas Freud afirma que isso só é possível porque “um ganho de prazer de outra ordem, porém imediato, se vincula a essa repetição” (Freud, 1920/2006, p. 143). Ele ainda aponta que repetições de situações desprazerosas são relativamente comuns nas brincadeiras e até mesmo na arte. Nesses casos o que é desprazeroso quando vivido pode se tornar fonte de prazer e processamento psíquico do sofrimento. Isso não nos ajuda, já que “estamos justamente em busca da ação de tendências que estariam além do princípio de prazer, isto é, tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer” (Freud, 1920/2006, p. 143).

1.1.2 – Desprazer e compulsão à repetição

Tendo recorrido às neuroses traumáticas e às brincadeiras infantis, sem com isso conseguir demonstrar uma tendência além do princípio de prazer, Freud passa agora a revisar a própria experiência clínica na busca da explicação para a repetição.

O método psicanalítico inicialmente tentava decifrar o inconsciente, organizar seus elementos e depois comunicá-los ao paciente. Como esse processo não era bem sucedido, o analista passou a guiar o paciente através de suas lembranças até o

conteúdo inconsciente. O trabalho do analista era agora localizar as resistências e vencê-las para que o tratamento pudesse prosseguir.

O que ocorre, porém, é que o paciente não se lembra de certos conteúdos e por vezes se esquece exatamente daquilo que seria o mais importante. Ele se vê compelido não a recordar uma experiência do passado, mas a repeti-la como uma vivência do presente.

O trabalho do analista é forçar ao máximo a recordação e tentar reduzir ao mínimo a repetição. É impossível, porém, evitar que o analisando repita algo; é uma parte necessária do trabalho. Sua própria ligação com o analista é uma repetição desse tipo, que é usada em favor do tratamento.

Para avançar na compreensão dessa compulsão à repetição, Freud afirma que precisamos ter clareza de que, ao combatermos as resistências do paciente, não estamos lidando com uma resistência do inconsciente. Segundo ele, “o inconsciente, ou melhor, o ‘recalcado’, não opõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento” (Freud, 1920/2006, p. 145). Ele tenta, na verdade, se livrar da tensão a que foi forçado, buscando acesso à consciência ou descarga. A resistência provém exatamente das camadas superiores que produziram originalmente o recalçamento. Ela provém, portanto, do Eu (com a ressalva de que o próprio Eu é dividido entre um Eu coerente e um Eu recalcado).

Essa resistência está claramente a serviço do princípio de prazer, já que pretende evitar a liberação de desprazer que ocorreria pelo surgimento do conteúdo recalcado. Mas qual é a relação entre o princípio de prazer e a compulsão à repetição? Embora o conteúdo que se esforça para ser repetido seja fonte de desprazer, ele não contradiz necessariamente o princípio de prazer, já que produz desprazer para um sistema, mas prazer para outro.

A novidade que Freud apresenta em seguida é que há certas experiências que são repetidas e que não incluem qualquer possibilidade de prazer para nenhum dos sistemas.

Que experiências seriam estas? A vida sexual infantil, que desde o início está fadada a apresentar desejos não só intoleráveis como impossíveis de se realizar. O surgimento de tais desejos coloca a criança diante de todo tipo de situação desagradável. A ligação com os pais se abala, seja devido ao ciúme pelo nascimento de um irmão, seja porque ele não é capaz de atender a essa demanda de amor exclusivo. Há também a redução da quantidade de atenção e cuidado que os pais

dedicam à criança na medida em que ela cresce, e os castigos e reprimendas que porventura pode sofrer parecem confirmar para a criança que os pais não a amam de fato⁵.

Na transferência, tudo isso retorna à cena. Todas essas experiências desprazerosas são repetidas, se atualizando como novas experiências de desprazer. Isso é repetido sem que haja a possibilidade de obtenção de prazer, o que nos habilita a afirmar que essa compulsão à repetição parece se sobrepor ao princípio de prazer. Se fôssemos ainda considerar o princípio de prazer, talvez esperássemos que essas experiências surgissem como recordações, gerando um desprazer menor. Porém, “a ação dessas pulsões é repetida mesmo assim, há uma coação que obriga a essa repetição” (Freud, 1920/2006, p. 147).

Mesmo na vida dos “não-neuróticos” essa repetição pode ser notada. Freud cita alguns exemplos: do homem que sempre encontra amigos que acabam traindo-o, benfeitor que é abandonado por seus protegidos, entre outros. Esse fato se torna ainda mais surpreendente quando consideramos repetições em que o indivíduo não tem papel ativo. Cita o exemplo, extraído de um texto de Jung, de uma mulher que por três vezes se casa e perde o marido pouco tempo depois por uma doença grave.

Todas essas descrições de repetições na transferência e na vida comum nos levam à hipótese de que há de fato na vida psíquica uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio de prazer. Freud aponta que “não podemos esquecer que são raros os casos em que os efeitos dessa compulsão à repetição se manifestam e são observáveis em estado puro, sem a participação de outros motivos” (Freud, 1920/2006, p. 148).

Se olharmos novamente para os exemplos que vínhamos discutindo (neuroses traumáticas, brincadeiras infantis), veremos que parte desses fenômenos são explicáveis sem que se precise recorrer a um “novo e misterioso motivo”, como a pulsão de morte⁶. Porém, uma explicação que leve em conta apenas o princípio de prazer deixa muitas lacunas, o que justifica recorrermos à compulsão à repetição. Ela

⁵ Nesse trecho Freud cita o texto de Marcinowski, “As Fontes Eróticas do Sentimento de Inferioridade” (1918).

⁶ Essa pareceria ser a primeira referência de Freud a uma pulsão de morte em sua obra publicada. Ele introduz o termo de forma tão abrupta e inexplicada que não fica de imediato claro o que pretende com isso. Um olhar mais atento, porém, demonstra que na verdade o termo “pulsão de morte” só aparece nesse ponto na tradução de Luiz Hanns, da editora Imago, de 2006. Na edição Standard, ele ocorre pela primeira vez na seção VI, e de forma combinada às pulsões do Eu. O mesmo ocorre no original alemão, onde Freud usa a palavra *Ich(Todes-)trieb* que poderia ser traduzido como pulsões do Eu (de morte).

seria “mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer, o qual ela suplanta” (Freud, 1920/2006, p. 148).

Se essa compulsão existe, então temos de descobrir qual sua função, como se manifesta e qual sua relação com o princípio de prazer. E é nesse rumo que Freud pretende avançar em sua discussão.

1.1.3 – O funcionamento do aparelho

Freud anuncia que desse ponto em diante do texto o que se segue é pura especulação. Mas, se tratando de uma especulação psicanalítica, partimos da investigação de processos inconscientes. Sendo assim, consideramos que a consciência não é um atributo universal do psíquico, mas apenas função de certos processos psíquicos.

A consciência fornece percepções de excitações que vem do exterior e sensações de prazer ou desprazer que se originam do interior do aparelho psíquico. Desse modo, o sistema Pcp-Cs teria de se localizar na fronteira entre o exterior e o interior. Esse mesmo sistema seria incapaz de ser dotado de memória, que deveria ser função de um outro sistema.

Aqui Freud inicia efetivamente a especulação que havia anunciado. Ele propõe que imaginemos o organismo vivo em sua forma mais simples, como uma vesícula indiferenciada de substância excitável. A parte exterior dessa vesícula, por sua própria localização, teria se diferenciado do resto e teria a função de receber os estímulos.

O impacto incessante dos estímulos sobre a superfície provoca uma modificação em sua substância de modo permanente e irreversível. Se forma uma crosta, que não é capaz de sofrer mais modificação. Freud supõe que esse mesmo tipo de coisa ocorra com o sistema Cs, que recebe estímulos sem ser modificado por eles.

Avançando no raciocínio, essa vesícula viva está em um meio carregado de energias de grande intensidade e, se não possuísse um escudo protetor contra estímulos, seria eventualmente aniquilada por essas forças. Esse escudo perde a característica da matéria viva e se torna inorgânico, com a função de proteger contra os estímulos. Essa camada protetora faz com que apenas uma parcela da quantidade de estímulos chegue ao interior.

Entretanto, esse organismo recebe, além de estímulos que provém do exterior, outros provenientes do interior. Contra os estímulos externos ele foi capaz de se

proteger com um escudo protetor, mas contra os internos tal proteção não é possível. Daí deduzimos que estes estímulos internos terão prevalência sobre os externos.

Nesse ponto, afirma Freud, estamos aptos a compreender o domínio do princípio de prazer (ou seja, como o organismo lida com os acréscimos na excitação interna), mas ainda não avançamos na compreensão dos casos que o contrariam. Ele propõe que tentemos dar outro passo adiante e chamemos de traumáticas as excitações externas que sejam fortes o bastante para romper o escudo protetor.

Com esse rompimento, o princípio de prazer é, num primeiro momento, colocado fora de ação. “Já que não é possível impedir que grandes quantidades de estímulos inundam o aparelho psíquico, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos capturando-o e enlaçando-o psiquicamente para poder então processá-lo” (Freud, 1920/2006, p. 154).

O organismo precisa reunir energia para que o excesso de excitação na região afetada possa ser devidamente contido. É produzido um conrainvestimento, mesmo que com isso tudo o organismo tenha ficado empobrecido energeticamente.

Com isso em mente, podemos pensar a neurose traumática como consequência de uma ruptura no escudo protetor. Por essa razão, o susto que acompanha essa neurose é um fator relevante, pois ele implica que o aparelho se encontrava despreparado internamente para o afluxo de estímulos.

Retornando agora aos sonhos traumáticos, eles claramente não podem ser vistos sob o domínio do princípio de prazer; não representam a realização de desejos. Eles aparentemente cumprem uma função que antecede o domínio do princípio de prazer e busca resgatar a capacidade do aparelho de operar de acordo com esse princípio. Eles obedecem muito mais à compulsão à repetição.

Freud aponta ainda que a explicação para o fato de um ferimento ocorrido no momento do trauma impedir o surgimento da neurose é que esse ferimento tem o efeito de mobilizar energias que capturam o excesso de excitações, de modo semelhante ao conrainvestimento que já havia citado.

1.1.4 – O retorno ao inorgânico

Se a camada receptora de estímulos não possui proteção contra as excitações que fluem do interior do organismo, esses estímulos internos terão importância maior

e podem inclusive causar perturbações semelhantes às neuroses traumáticas. Essas excitações internas, Freud afirma, são as pulsões.

O aparelho psíquico trabalha de forma diferente em cada parte do sistema. Quando se trata de energia livremente móvel, estamos no campo dos processos primários, que operam nos sistemas inconscientes. No caso de energia fixada e presa, falamos em processo secundário, que opera essencialmente nos sistemas conscientes⁷.

Nesse sentido, as camadas superiores do aparelho teriam como tarefa enlaçar as pulsões (que estão agindo de acordo com o processo primário). Se ocorrer um fracasso nesse enlaçamento, ocorrerá uma perturbação similar à neurose traumática, já que haveria um excesso de excitação livre no aparelho. Somente após ocorrer esse enlaçamento é que podemos dizer que há um domínio do princípio de prazer. Até que isso ocorra, a tarefa de ligar e enlaçar a excitação terá prioridade, não exatamente em oposição ao princípio de prazer, mas atuando de forma independente dele.

Retomando os exemplos que já foram utilizados (neurose traumática, brincadeira infantil, etc), notamos que eles podem ser explicados parcialmente por esse raciocínio. Freud cita o fato de certas repetições na infância que são até mesmo fonte de prazer.

Porém, segundo ele, no caso dos analisandos, a repetição que efetuam na transferência “se sobrepõe ao princípio de prazer em todos os sentidos”. Os traços que ele insiste em repetir não estariam, ao que parece, no estado de enlaçamento e, por isso, são incapazes de operar no processo secundário.

Mas qual seria a relação entre o que é pulsional e a compulsão à repetição? A resposta de Freud é de que uma pulsão seria “uma força impelente interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (Freud, 1920/2006, p. 160).

Se isso for verdade (que toda pulsão é conservadora e visa o restabelecimento de um estado anterior), então toda mudança se dá devido à influência de forças externas. O que aparenta ser uma evolução é na verdade uma adaptação forçada por obstáculos externos e incorporados pelas pulsões em sua busca por retornar a um estado anterior.

⁷ Aqui Freud cita pela segunda vez Breuer (a primeira havia sido uma breve menção ao analisar o fato de a consciência não ser capaz de reter memória). Voltaremos a discutir esse ponto no capítulo 2.

Levando adiante esse raciocínio, somos confrontados com a proposição de que o estado anterior ao qual todo ser vivo busca retornar é o estado inorgânico, ou seja, a morte. Freud propõe a hipótese de que em algum momento a matéria inanimada recebeu certa quantidade de estimulação por forças desconhecidas. A tensão gerada buscava descarregar-se e assim nasce a primeira pulsão: a de retornar ao estado inanimado.

Na medida em que os organismos se tornavam mais complexos, eram obrigados a desvios cada vez maiores em seu caminho rumo à morte. Isso não significa, porém, que esse objetivo havia sido abandonado.

A suposição das pulsões de morte coloca um problema para a teoria psicanalítica, que até então pensava na existência de pulsões de autoconservação. Freud tenta desfazer essa contradição afirmando que as pulsões de autoconservação são apenas pulsões parciais cuja tarefa é garantir que o organismo morra à sua própria maneira. O que pareceria um impulso pela preservação da vida, seria um esforço por evitar um atalho para a morte. “Também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviais da morte” (Freud, 1920/2006, p. 162).

O outro grupo de pulsões que poderiam colocar em questão a hipótese do caráter regressivo de todas as pulsões é composto pelas pulsões sexuais. Freud reconhece que elas se opõem às pulsões de morte, mas aponta que elas próprias são conservadoras tanto no sentido de visarem um estado anterior, quanto no sentido de conservarem a vida por períodos mais longos.

O que fica esboçado aqui é um novo dualismo pulsional: pulsões de morte se opondo de algum modo às pulsões de vida.

É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto (Freud, 1920/2006, p. 164).

Freud ainda investiga a possibilidade de haver algum grupo de pulsões que visa o progresso. Responde que não há nenhum exemplo disso nem na vida animal, nem na vegetal e que em geral parece o que parece ser uma evolução não passa de

uma adaptação a pressões externas⁸. Mesmo em casos de pessoas que parecem estar buscando um contínuo aperfeiçoamento, o que está em ação é uma tentativa de recuperar a satisfação primária e, portanto, uma tendência regressiva ou conservadora.

1.1.5 – Pulsões de morte e de vida

Até aqui, temos a oposição entre pulsões do Eu (que impelem à morte) e pulsões sexuais (que tendem à continuidade da vida). As pulsões do Eu se originaram da estimulação sobre a matéria inanimada e visam retornar ao estado inanimado, mas não sabemos a quê as pulsões sexuais visam retornar. Sua meta (prolongar a vida através da união de duas células germinativas) é uma repetição de qual evento? Freud afirma que se não conseguirmos explicar isso, toda a hipótese das pulsões de morte ficará abalada.

Nosso raciocínio se baseia na suposição de que os seres vivos morrem de causas internas. Ou seja, de que a morte é uma tendência natural de tudo que é vivo. Para ajudar a esclarecer essa questão, Freud recorre novamente a fatos da Biologia. O que é um problema, já que parece não haver unanimidade com relação a isso nesse campo.

Tomando Weismann como referência, Freud apresenta a proposição de que a substância viva se divide em uma parte mortal (o soma) e uma parte imortal (células germinativas). Estas últimas são na verdade potencialmente imortais porque em condições favoráveis podem se desenvolver até a formação de um novo indivíduo.

Essa descrição, afirma Freud, se aproxima muito daquilo que ele vinha propondo: um grupo de pulsões que tende à morte e outro a prolongar a vida.

Mas Weismann acredita que essa situação só é válida nos organismos pluricelulares. Nos unicelulares o soma e a célula reprodutora são uma só coisa, de modo que a capacidade de morrer seria uma aquisição tardia na história dos organismos vivos. Isso coloca em questão todas as hipóteses freudianas de tendências primárias à morte.

Porém, outros autores também pesquisaram esse tema e Freud passa a analisá-los, para tentar solucionar a questão. Recorre a Woodruff, que pesquisou um organismo unicelular e a cada reprodução isolava os indivíduos em água fresca.

⁸ Nesse trecho, Freud faz uma referência ao texto de Ferenczi, “O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios” (1913), que discutiremos em detalhes no capítulo 3.

Prosseguiu até a geração 3029, sem que os descendentes e nem o organismo original demonstrassem qualquer perda de vitalidade.

Outros pesquisadores chegaram a resultados diferentes. Notaram que os organismos de fato se enfraqueciam e poderiam até morrer se não recebessem certas influências renovadoras.

Das comparações entre estes experimentos, podemos destacar dois fatos. Primeiro, se dois organismos, antes de serem afetados pelo envelhecimento, forem capazes de se fundir e se separar em seguida, eles tronam-se rejuvenescidos. Essa cópula não é uma reprodução, e seus efeitos rejuvenescedores podem ser substituídos por outros estímulos (mudanças na temperatura, ação de força mecânica, etc). Em segundo lugar, os organismos provavelmente morreriam naturalmente como resultado do próprio processo vital. Isso porque a diferença entre os experimentos foi exatamente devido a Woodruff sempre substituir a água a cada geração. Portanto, se deixados por si mesmos, morreriam devido aos produtos do seu próprio metabolismo.

Freud percebe que essa oposição entre pulsões de vida e de morte encontra equivalentes não só nas idéias de Weismann sobre a célula germinativa e o soma, mas também nas proposições de Hering sobre processos construtivos e dissimilatórios e também na filosofia de Schopenhauer, para quem o resultado da vida é a morte e a pulsão sexual representa a vontade de viver.

Ainda, pensando nos fatos da biologia, Freud diz que a união de células em um só ser (o caráter pluricelular dos organismos) é claramente um meio de prolongar a vida. Nesse sentido, cada célula contribui para preservar a vida, mesmo que para isso algumas tenham que morrer. Traduzindo isso para a teoria das pulsões, diríamos que cada célula toma uma outra como objeto de sua pulsão sexual e que desse modo neutralizam suas pulsões de morte, estendendo a vida delas e de todo o organismo.

As células germinativas, nesse ponto de vista, são absolutamente narcísicas⁹, guardando sua libido para usar posteriormente ao se fundir com outra célula e construir um novo organismo.

Nesse ponto, Freud faz um breve relato da história da teoria pulsional. Apresenta o dualismo inicial entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação (do

⁹ Interessante notar, embora o próprio Freud não destaque isso, que a célula germinativa é dita narcísica e supostamente carregada de pulsão sexual, mas ela só pode se desenvolver quando em contato com outra célula germinativa que lhe é complementar. Caso isso não ocorra, ela, mesmo sendo um enorme reservatório de libido, também sucumbirá à morte. O que Freud de fato afirma, porém, é que “talvez devêssemos designar também como narcísicas as células das formações malignas que destroem o organismo” (Freud, 1920/2006, p. 172).

Eu), mostra que esse dualismo foi modificado ao reconhecermos que o eu também era investido pelas pulsões sexuais. Por último, tenta demonstrar como dar agora o salto para o novo dualismo entre pulsões de vida e de morte.

Para isso, passa a pensar na polaridade entre amor e ódio. Na teoria pulsional antiga, falava-se em um componente sádico da pulsão sexual, o que na verdade parece contraditório, já que esse componente sádico age de forma contrária ao que se esperaria de uma pulsão de vida. Freud então se pergunta se “esse sadismo seria a pulsão de morte que a libido narcísica logrou afastar do eu de modo que essa pulsão só consegue manifestar-se no objeto?” (Freud, 1920/2006, p. 175).

A consequência lógica dessa explicação (que mostra um exemplo de pulsão de morte deslocada) seria então a existência de um masoquismo primário que emana do eu. Essa sim talvez fosse uma manifestação mais clara da pulsão de morte¹⁰.

Voltando aos experimentos com os organismos unicelulares, Freud destaca o fato de a cópula ter efeito rejuvenescedor sobre eles, bem como outros estímulos (químicos, mecânicos, etc.). Deduz daí que o efeito rejuvenescedor é produzido pelo acréscimo de novas quantidades de estímulos.

Ou seja, se supomos que o organismo tem a tendência a “reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos”¹¹ (Freud, 1920/2006, p. 176), então tudo que eleva esses estímulos obriga o organismo a um novo esforço de eliminação, prolongando a vida.

Mas Freud sente que falta ainda esclarecer a repetição que diz respeito às pulsões sexuais, ou seja, se essas pulsões visam restabelecer um estado anterior e qual seria ele. Acaba por se apoiar em Platão, no mito da divisão do ser masculino-feminino por Zeus; seres que depois de divididos buscavam encontrar sua outra metade para fundir-se em um só.

Freud termina esse trecho afirmando estar ciente da incerteza de todas essas proposições e que o recurso à especulação afasta um pouco a segurança que tínhamos ao nos basearmos em fatos.

Já próximo ao final do texto, Freud afirma que “se realmente o esforço por restabelecer um estado anterior for um caráter universal das pulsões, não devemos nos

¹⁰ Aqui Freud introduz uma citação em que se refere aos trabalhos de Spielrein, Stürcke e Rank. Analisaremos o texto de Stürcke no segundo capítulo e o de Spielrein no quarto.

¹¹ Nesse ponto Freud se refere a essa tendência usando o termo princípio de Nirvana, fazendo referência a Barbara Low. Retornaremos a isso no terceiro capítulo.

surpreender de que haja na vida psíquica tantos processos ocorrendo à revelia do princípio de prazer” (Freud, 1920/2006, p. 180).

Mesmo assim, propõe analisar melhor a relação da repetição e o princípio de prazer. Uma das funções do aparelho é capturar e enlaçar as pulsões; substituir o processo primário por secundário, ou seja, transformar energia livre e móvel em energia em repouso. Nesse processo, ocorre algum desprazer, que tem de ser tolerado para que ele possa ser realizado. Embora contrarie o princípio de prazer, esse processo age em favor desse mesmo princípio, já que assegura que ele seja efetivo.

Freud agora tenta esclarecer essa situação utilizando as noções de função e tendência. Segundo ele, “o princípio de prazer é uma tendência que está a serviço de uma função, a de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre de excitação, ou de manter a quantidade de excitação constante, ou, ainda, de mantê-la tão baixa quanto possível” (Freud, 1920/2006, p. 180).

Ele nota que essa função corresponde à aspiração de retornar ao estado inorgânico. Lembra também que o exemplo de prazer mais claro, o do ato sexual, corresponde à extinção momentânea de uma excitação que foi elevada ao máximo.

Finalmente, levanta algumas questões referentes à intensidade das sensações de prazer e desprazer e se poderíamos supor uma equivalência entre processo primário (energia livre) e sensações mais intensas e processo secundário (energia ligada) e sensações mais amenas. Por fim, conclui que as pulsões de vida mobilizam muito mais nossa percepção, já que estão sempre trazendo tensões que em seguida se tornam prazer ao serem aliviadas, enquanto as pulsões de morte parecem realizar seu trabalho de maneira mais discreta. Mesmo assim, não deixa de pensar que as pulsões de vida parecem estar a serviço das de morte, em última instância.

1.1.6 – Breve reflexão sobre o texto

Tendo acompanhado o raciocínio de Freud até o final de “Além do Princípio de Prazer”, podemos agora tentar destacar o que há de essencial em sua formulação das pulsões de morte. Um primeiro ponto é que, apesar de todo o caráter especulativo do texto, ele parece associar a pulsão de morte à compulsão à repetição de forma bastante íntima. Se não seria correto afirmar que essa compulsão é uma manifestação clara de um modo de operar das pulsões de morte (por haver diversos exemplos de

repetições que obedecem ao princípio de prazer), também seria absurdo negligenciar o papel central que a compulsão à repetição tem em toda a argumentação.

É a partir da observação de repetições de situações e vivências de desprazer que a hipótese da pulsão de morte é construída. Também parece que o maior valor dado por Freud ao caráter regressivo das pulsões tenha relação direta com a repetição. E é relacionando estes temas que chegamos, guiados por Freud, à proposição de um princípio que domina o funcionamento psíquico e que não é mais o de prazer e sim o de Nirvana.

Seria interessante esclarecer de que forma estes três pontos se relacionam (repetição, regressão e princípio de Nirvana), já que eles são, aparentemente, os pilares que sustentam a noção de uma pulsão de morte. Ao que parece, a compulsão à repetição é a *manifestação* de uma *tendência* à regressão, que obedece na verdade a uma *função* de esgotar a tensão (que seria o princípio de Nirvana).

1.2 – A compulsão à repetição

Apesar de deixar explícito que a hipótese da pulsão de morte é uma especulação e dar liberdade ao leitor para descartá-la se não ficar convencido, parece que Freud a constrói baseado principalmente na idéia de repetição. Já logo no início do texto, a repetição de situações desprazerosas se apresenta como a que coloca em questão o domínio do princípio de prazer. Quando acompanhamos as tentativas de Freud de explicar a insistência em reviver experiências de desprazer (seja nos sonhos traumáticos, na brincadeira da criança ou na vida dos neuróticos), notamos que ele está diante de um problema essencialmente clínico, que coloca em questão seu modelo teórico (o dualismo pulsional vigente até então).

Curiosamente, ou talvez nem tanto, quando trata da compulsão à repetição em seu texto, Freud não sente necessidade de se apoiar em outros autores ou recorrer aos estudos da Biologia e nem nada deste tipo. Ele constata esse fenômeno a partir de sua experiência clínica e isso parece bastar para que ele faça da compulsão à repetição um espécie de âncora de sua argumentação.

Freud percebe que algo se repete e que isso contraria o que se esperaria do funcionamento do aparelho. Daí começa a esboçar um outro tipo de funcionamento, que já não visa o prazer, como antes era postulado. Somente mais adiante, quando já está absolutamente convencido da realidade da repetição, é que se pergunta o que é

que se repete e qual a função dessa repetição. Deste ponto em diante, abre caminho para um raciocínio mais especulativo.

A ideia de uma repetição não é nova na obra de Freud. Ela pode ser deduzida já em trabalhos anteriores a 1900. Podemos pensar, por exemplo, que está em questão uma forma de repetição quando Freud e Breuer afirmam que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 43), na “Comunicação Preliminar” (1893), ou mesmo na idéia de que as Qs percorrem preferencialmente os caminhos já facilitados pela passagem de outras quantidades, como podemos ler no “Projeto de uma Psicologia” (1895)¹².

Mas a noção de uma compulsão à repetição é um pouco mais tardia. Há um primeiro indício em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), já próximo ao final do texto, em que Freud está discutindo o que chama de “adesividade” ou “fixabilidade” das impressões da vida sexual. Comparando as pessoas neuróticas e perversas a “outras pessoas” (supostamente não-neuróticas e não-perversas), constata que nesse primeiro grupo as impressões sexuais infantis apresentam alta adesividade. No segundo grupo, essas impressões “não conseguem gravar-se de maneira tão profunda, a ponto de produzirem uma repetição compulsiva¹³ e prescrever por toda a vida os caminhos da pulsão sexual” (Freud, 1905/1996, p. 228).

Mas o termo “compulsão à repetição” surge efetivamente em 1914, em “Recordar, Repetir e Elaborar”. Lá, Freud está às voltas com o fato de que o paciente nem sempre se recorda do material inconsciente, mas por vezes o apresenta em ato. Segundo ele, “enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar” (Freud, 1914/1996, p. 166).

Até esse momento, porém, a compulsão à repetição (ou a repetição compulsiva) se encontra dentro dos limites do princípio de prazer. Ela aparece como uma manifestação da insistência dos conteúdos inconscientes de encontrar satisfação¹⁴. Em 1919, entretanto, o rumo tomado é bastante diferente. Em “O

¹² Como não é nosso interesse aqui investigar de forma tão detalhada toda a história da noção de repetição na obra de Freud, remetemos o leitor ao trabalho de Lúcia Grossi, “O Conceito de Repetição em Freud” (2002). Ali, a autora examina de modo cuidadoso a temática da repetição, culminando numa discussão de “Além do Princípio de Prazer”, que é, em nosso caso, o ponto de partida para o debate.

¹³ A edição Standard traz erroneamente traduzida essa palavra, que tomamos a liberdade de corrigir. Nela, a expressão que aparece é “repetição convulsiva”, o que não faria sentido algum e não corresponde em nada à ideia que Freud tenta expressar aqui.

¹⁴ Ainda em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914), encontramos um trecho algo enigmático que aparentemente se relaciona a essa questão. Freud está discutindo processos psíquicos puramente

Estranho” (1919), após discutir o efeito de desamparo e estranheza diante de repetições, em especial com relação a repetições involuntárias, Freud afirma que “é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos” (Freud, 1919/1996, p. 256). Segundo ele, essa compulsão seria “poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer”. Algumas linhas antes, Freud já havia remetido o leitor a um trabalho, que afirmava já estar concluído, sobre esse tema. Esse trabalho só foi publicado um ano depois e é, como deve ser fácil adivinhar, “Além do Princípio de Prazer”.

Se antes a compulsão à repetição era vista como ligada à fixação, como uma manifestação das pulsões sexuais que forçavam o caminho para a atuação, de 1919 em diante seu sentido passa a ser outro. Ela já não pode equivaler unicamente ao apego das pulsões a modelos de satisfação infantis fixados. Isso porque, como vimos em nossa discussão de “Além do Princípio de Prazer”, essa repetição visa algo que não está de acordo (ou que nem sempre está de acordo) com o princípio de prazer.

De fato, reconhecer que há uma força que insiste em repetir experiências de desprazer coloca um problema para todo o modelo de funcionamento do aparelho baseado em quantidades. O prazer já não poderá ser visto necessariamente como um rebaixamento de tensão e o desprazer como aumento, algo mais é necessário para compreender essa situação. Freud postula a existência de um fator temporal que definiria se a redução ou aumento em um intervalo de tempo seria experimentada como prazerosa ou desprazerosa. Com isso, no interior do pensamento quantitativo, há agora um elemento qualitativo.

De toda forma, isso ainda deixa inexplicado o fato de que em uma série de circunstâncias o aparelho se vê repetindo experiências de puro desprazer. Parece inevitável, na argumentação freudiana, que se chegue à conclusão de que, de fato, a compulsão à repetição se sobrepõe ao princípio de prazer, age sem considerá-lo. Nas palavras de Freud, ela “parece ser mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta” (Freud, 1920/2006, p. 148).

internos (fantasias, impulsos emocionais e outros) e afirma que “nestes processos, acontece com freqüência se ‘recordado’ algo que nunca poderia ter sido ‘esquecido’, porque nunca foi, em ocasião alguma, notado – nunca foi consciente” (Freud, 1914/1996, p. 164). Não fica claro exatamente que conteúdo seria esse. Teria alguma relação com o argumento apresentado em “Além do Princípio de Prazer” (1920), em particular com a ideia de conteúdos não disponíveis em estado de enlaçamento e, por essa razão, incapazes de operar no processo secundário?

Por ora, basta termos em mente que em “Além do Princípio de Prazer” a compulsão à repetição deixa de ser apenas um modo de recordar em ato experiências infantis fixadas e passa a ser o que indica que as pulsões pressionam por satisfação de forma muito mais intensa do que se estava acostumado a pensar até então. Esse novo modo de pensar a compulsão à repetição funciona como um primeiro degrau utilizado por Freud para chegar às pulsões de morte.

Assim, ao tentar compreender a função dessa compulsão e como é possível que ela se sobreponha ao princípio de prazer, Freud começa a construir a hipótese de que as pulsões tem como uma de suas principais características o fato de obedecerem a uma tendência regressiva. Tentaremos acompanhar, no capítulo seguinte, a discussão freudiana sobre a regressão, com atenção especial aos autores que cita para amparar sua argumentação.

Capítulo 2 – A Tendência Regressiva das Pulsões

Até aqui, acompanhamos com mais detalhes a discussão de Freud sobre a compulsão à repetição e argumentamos que, enquanto ele se mantém nesse campo, seu texto nada tem de especulativo. O panorama começa a mudar a partir da seção IV de “Além do Princípio de Prazer”, em que ele vai gradualmente fazendo a transição do debate sobre a repetição para sua hipótese do novo dualismo pulsional.

Curioso notar que até esse ponto, embora tenha percebido a existência de um modo de funcionamento que ultrapassa o princípio de prazer, Freud ainda não dá o salto para as pulsões de morte. Isso se dá através da noção de uma tendência conservadora ou regressiva das pulsões.

Em certa altura da seção V, Freud está retomando o que já havia dito sobre a repetição nas brincadeiras infantis e propõe que “a repetição, no sentido de reencontrar a identidade, constitui por si mesma uma fonte de prazer” (Freud, 1920/2006, p. 159). Mas o caso das repetições apresentadas pelos analisandos parece, na visão dele, se sobrepôr ao princípio de prazer em todos os sentidos. Nesse momento, se pergunta: “qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir?” (Freud, 1920/2006, p. 160).

Respondendo a essa pergunta, afirma que “uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (Freud, 1920/2006, p. 160). Essa seria “uma característica universal das pulsões”; uma “manifestação da inércia na vida orgânica” (Freud, 1920/2006, p. 160). Freud ainda comenta que suposições similares a respeito da natureza das pulsões já foram formuladas várias vezes, mas não indica quando ou por quem, deixando-nos totalmente no escuro com relação a isso.

Avançando em sua argumentação, Freud agora passa brevemente pela hipótese da existência de pulsões que tendem ao progresso, em oposição às pulsões conservadoras. Baseado em certos exemplos de migrações de animais para se reproduzirem e também em fatos da embriologia, logo descarta essa hipótese.

O passo seguinte é considerar, já que estamos supondo que todas as pulsões são conservadoras e tendem à regressão, a que elas aspiram retornar. O objetivo dessa tendência “deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou pra trás” (Freud, 1920/2006, p. 161). Esse estado é,

de acordo com esse raciocínio, a morte ou, dito de outro modo, o retorno ao estado inorgânico.

Em seus esforços para esclarecer essa questão, Freud chega a construir uma espécie de mito sobre a origem das pulsões. Segundo ele, “em um certo momento, as propriedades da vida devem ter sido despertadas na matéria inanimada por uma ação de forças que ainda não conseguimos imaginar”. A partir daí, “a tensão que foi gerada na substância até então inanimada buscava por todos os meios distensionar-se e desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado” (Freud, 1920/2006, pp. 160-161).

Essa forma de pensar o movimento pulsional é, ao que parece, um dos pontos em que Freud mais se distancia de sua teoria pulsional anterior. Não que ele não considerasse o caminho regressivo tomado pelas pulsões em algumas ocasiões, mas aqui ele amplia radicalmente a relevância e a extensão da regressão em suas teorizações. Seria sensato retornar ao período pré-1920 e tentar compreender qual o papel da regressão até então e, se possível, coletar indícios dos motivos para essa aparente mudança de posição de Freud com relação a esse tema.

Para isso, temos dois caminhos a seguir. O mais óbvio seria simplesmente ler a obra freudiana pré-1920, o que nos forneceria os elementos para esse debate. Mas temos ainda outra possibilidade, que deve complementar essa primeira: localizar, dentre os autores citados por Freud, em “Além do Princípio de Prazer”, aqueles que abordam esse problema, para que possamos também obter alguma clareza sobre a influência deles nessa mudança.

2.1 – Breve histórico da regressão em Freud

O tema da regressão aparece muito cedo na obra de Freud¹⁵. É possível localizar referências a um deslocamento da libido “numa direção regressiva” (Freud, 1897/1996, p. 321) na correspondência com Fliess desde 1897, por exemplo, no Rascunho L e na carta 75. Na obra publicada, a primeira ocorrência se dá em “A Interpretação dos Sonhos” (1900). Há, entretanto, uma passagem breve de “Estudos sobre a Histeria” (1895), em que Breuer menciona uma “excitação retrogressiva” operando no mecanismo das alucinações (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 211).

¹⁵ Uma descrição resumida desse tema pode ser encontrada no Apêndice A do “Projeto para uma Psicologia Científica” (1895), pp. 397-400.

Os trechos de “A Interpretação dos Sonhos” que tratam da questão, se aproximam desse raciocínio de Breuer. Vemos, por exemplo, Freud afirmar que nos sonhos “a excitação se move em direção retrocedente” e que “os sonhos têm um caráter ‘regressivo’” (Freud, 1900/1996, p. 572). O argumento freudiano apresentado aqui é que a excitação, que em condições normais flui da percepção para a extremidade motora do aparelho, encontra a saída para a motricidade bloqueada durante o sono e toma o caminho de volta à percepção. Essa regressão, contudo, não ocorre apenas nos sonhos. A “memoração deliberada e outros processos constitutivos de nosso pensamento normal” também realizam um movimento retrocedente desse tipo, embora não cheguem a retornar à extremidade perceptiva, como é o caso nos sonhos.

Há ainda um outro trecho em “A Interpretação dos Sonhos” digno de nota. Quando está discutindo a vivência de satisfação, e o desejo de restabelecer a satisfação original, Freud aponta que o primeiro mecanismo para isso seria a alucinação, que consiste num reinvestimento de imagens mnêmicas da percepção, num movimento regressivo semelhante ao que propôs ocorrer nos sonhos. Como isso não produz a satisfação esperada, o bebê deverá abandonar essa tentativa “pela curta via da regressão” (Freud, 1900/1996, p. 595). Desse modo, é através de uma inibição da regressão que se torna possível ao indivíduo se voltar ao mundo externo.

Se seguirmos as discussões sobre a regressão que aparecem nos anos posteriores, veremos que em diversos textos Freud a relaciona à fixação e à frustração. Vemos, por exemplo, ao discutir o mecanismo da paranoia em “Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia” (1911/1996), a proposição de que um represamento da libido ou uma intensificação em sua exigência de satisfação (ambos resultando em frustração) acabaria por fazer “a libido fluir regressivamente” e “desfazer assim as sublimações” (Freud, 1911/1996, p. 70). Poderíamos multiplicar os exemplos de descrições semelhantes espalhados por toda a obra¹⁶, mas o raciocínio se baseia essencialmente na ideia de que a libido toma um caminho regressivo, retornando a modos de satisfação anteriores (fixados) sempre que o caminho atual para a satisfação se encontra impedido. Essa explicação serve para compreender mecanismos da paranoia, como já vimos, mas pode ser estendida

¹⁶“Tipos de Desencadeamento da Neurose” (1912/1996), p. 253; “A Dinâmica da Transferência” (1912/1996), p. 114; ou ainda “Conferência XXII” (1917/2006), p. 343-347.

também ao pensamento obsessivo, a sintomas histéricos e até mesmo para esclarecer a crença na onipotência de pensamentos dos povos primitivos ou a melancolia¹⁷.

Independente dos variados usos da regressão e da complexidade de sua descrição em alguns momentos¹⁸, parece que até “Além do Princípio de Prazer” (1920) não havia qualquer indício de que Freud pensava o movimento regressivo como uma característica universal das pulsões. Pelo contrário, parecia que a pulsão só entrava em um curso regressivo quando encontrava bloqueado seu caminho para a satisfação.

Há apenas um trecho, acrescentado à “Interpretação dos Sonhos” em 1919, em que Freud, ao discutir a regressão, afirma que o ato de sonhar é um exemplo de “regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma revivescência de sua infância” (Freud, 1900/1996, p. 578). Logo em seguida, ele completa que “por trás dessa infância do indivíduo é-nos prometida uma imagem da infância filogenética”. Embora esse trecho não seja muito claro, e Freud pareça mais estar fazendo equivaler a infância a uma repetição abreviada do desenvolvimento da espécie, fica aberta a possibilidade de interpretação de que ele pode estar considerando, então que o sonho visa também uma regressão a esse passado mais longínquo.

De toda forma, quando Freud passa a apresentar como característica de todas as pulsões uma tendência regressiva ou conservadora, aparentemente está modificando sua visão do problema. Se compararmos o que havia dito sobre o represamento da pulsão forçá-la ao caminho da regressão com as afirmações ao final da seção V de “Além do Princípio de Prazer”, veremos que estas últimas se apresentam quase que diametralmente opostas às primeiras. Isso porque, no texto de 1920, ao investigar a possibilidade de existirem pulsões que não aspiram o retorno a estados anteriores, mas que visam o progresso, propõe que todo progresso é efeito de

¹⁷ Exemplos podem ser encontrados em “Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva” (1909/1996), p. 211; “Totem e Tabu” (1913/2006), p. 100 ou ainda “Luto e Melancolia” (1917/2006), p. 255.

¹⁸ Em um trecho acrescentado em 1914 em “A Interpretação dos Sonhos” (1900/1996), Freud chega a distinguir três tipos de regressão: tópica, temporal e formal. Porém, ele também afirma que “no fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só” e ocorrem juntos. Na visão dele, de modo geral, o que é mais antigo no tempo é também mais primitivo na forma e se situa mais próximo da extremidade perceptiva do aparelho. Assim, mesmo pensando em variados tipos de regressão, elas obedecem a um movimento retroativo comum a todas.

recalcamentos e outros mecanismos defensivos, que bloqueiam o caminho das pulsões à repetição da satisfação primária¹⁹.

É exatamente nesse trecho, em que está se esforçando por justificar o caráter regressivo de todas as pulsões, que Freud cita “O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios” (1913), de Ferenczi. Parece necessário investigar esse texto, portanto, para que possamos compreender porque Freud recorre a ele e, se a partir dessa leitura, toda essa questão se tornará menos nebulosa.

2.2 – Ferenczi e o caráter regressivo das pulsões

Freud introduz uma referência a Ferenczi ao final da quinta parte de “Além do Princípio de Prazer”. Nesse ponto, ele se encontra diante do problema de sustentar a existência da tendência regressiva das pulsões e contestar a existência de pulsões que tendem ao progresso. Afirmando que os desvios aos quais o organismo é obrigado são fruto de influências perturbadoras vindas do mundo externo, insiste na ideia de que o trabalho das pulsões é retomar o caminho regressivo. Cita para isso alguns fatos da biologia para apontar que mesmo em organismos em que ocorre uma aparente evolução, ela geralmente é efeito de influências externas e por vezes vem acompanhada de uma involução noutro aspecto.

O texto de Ferenczi a que Freud se refere foi escrito em 1913 e se chama “O Desenvolvimento do sentido de Realidade e seus Estágios”. Ferenczi parte da proposição freudiana de que a criança recém nascida é forçada a abandonar seus esforços de satisfação através da alucinação devido às repetidas experiências de frustração. Ainda acompanhando Freud, é a partir daí que se inicia a transição entre um funcionamento primário e secundário.

Para pensar melhor como se dá essa transição do princípio de prazer e de realidade (se esse processo se dá por etapas ou progressivamente), Ferenczi recorre à crença dos obsessivos na onipotência de seus pensamentos e desejos. Esse sentimento de onipotência, segundo ele, seria “uma projeção da nossa percepção de ter de obedecer como escravos a certas pulsões irreprimíveis” (Ferenczi, 1913/2011, p. 47).

¹⁹ Talvez aqui seu raciocínio se aproxime um pouco do que discutimos pouco antes em “A Interpretação dos Sonhos”, sobre a inibição da regressão levar à busca de satisfação no mundo externo, abandonando a alucinação.

O autor parte então em busca das fontes desse sentimento de onipotência. Segundo afirma, há um momento da vida do indivíduo em que ele de fato é capaz de desprezar o mundo externo: o período da vida dentro do útero materno. O pequeno ser humano, um “parasita do corpo materno”, não precisa fazer nenhum esforço para ter suas necessidades atendidas. Em alguma medida, prossegue Ferenczi, esse ser deve acreditar ser onipotente.

Pois o que é onipotência? É a impressão de ter tudo que se quer e de não ter mais nada a desejar. É o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o que lhe é necessário à satisfação de suas pulsões, portanto nada tem a desejar, é desprovido de necessidades (Ferenczi, 1913/2011, p. 48-49).

A esse período, Ferenczi dá o nome de período da onipotência incondicional. Tanto o obsessivo quanto a criança, ao manifestar sua megalomania, não estão fazendo nada além de exigir o retorno desse estado.

A sequência do pensamento ferencziano é uma tentativa de localizar as etapas pelas quais essa onipotência passa até chegar ao estado último em que reconhece a realidade externa. Acompanhemos um pouco mais seus argumentos.

Para o recém-nascido, a mudança em suas condições o coloca diante de todo tipo de desprazer. Ele é agora obrigado a tentar obter aquilo que antes recebia sem esforço. Fica claro que ele “não está nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude isenta de desejos que desfrutava no seio materno, e até mesmo que deseja, com todas as suas forças, reencontrar-se nessa situação” (Ferenczi, 1913/2011, p.49). Todos os primeiros cuidados fornecidos visam exatamente reproduzir as condições de ausência de excitações que ele vivenciava até então.

Apoiando-se em Freud, Ferenczi aponta que a primeira consequência dessa mudança é o reinvestimento alucinatório da satisfação perdida, ou seja, que o primeiro desejo da criança é retornar à situação anterior. As ações das pessoas que cuidam dela acabam por restabelecer em algum grau essas condições, de modo que ainda pode persistir a impressão de onipotência graças a essa coincidência. Esse é o período da onipotência alucinatória mágica.

Como nem sempre a satisfação pulsional coincide com o momento em que essa pulsão se manifesta, o mecanismo da alucinação logo se mostra ineficaz. A realização de desejos fica então vinculada à produção de certos sinais, que tem o efeito de trazer à atenção daqueles que cuidam da criança o surgimento de alguma

necessidade, que é logo atendida. Como não tem verdadeiramente conhecimento do mundo externo, esses sinais (inicialmente uma tentativa totalmente inadequada de descarga da excitação) ganham o valor de sinais mágicos, que devem ser executados para a realização dos desejos. Esse é o período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos.

Na medida em que suas necessidades e desejos se tornam mais complexos, também se complexificam as condições necessárias para satisfazê-los. Nesse ponto, cada vez mais a criança terá de reconhecer a existência de algo que não se curva diante de suas vontades; é forçado a conceber um mundo externo separado de seus conteúdos psíquicos. Ferenczi denomina fase de introjeção todo esse período inicial em que o mundo externo ainda faz parte do eu e impera a onipotência, e fase de projeção ao estágio seguinte em que tem de incluir a realidade como algo à parte.

Isso não significa que os vínculos entre interno e externo se dissolvem. O mundo externo é visto como contendo os objetos que portam a capacidade de satisfação e a tarefa agora é conseguir com que a satisfação se siga ao gesto mágico já não tão eficiente.

A nova ferramenta à disposição da criança nessa etapa é a linguagem. Através de um processo complexo, a criança se torna apta a fazer uso de signos verbais para evocar os objetos de seu desejo, numa tentativa de reaver ainda a onipotência perdida. Esse é o período de pensamento e palavras mágicas.

Em algum grau, o sentimento de onipotência é ainda mantido ao longo da vida, e podemos ver suas manifestações em neuróticos obsessivos, em ritos religiosos e comportamentos supersticiosos.

Ferenczi aponta o fato de que até aqui toda a discussão do sentido de realidade se refere às pulsões do eu, a serviço da autoconservação, e não levamos em conta as pulsões sexuais. Estas, segundo ele, tem menos contato com a realidade e permaneceriam a vida inteira mais submetidas ao princípio de prazer. Ele parece pensar que há um descompasso entre o desenvolvimento das pulsões do eu e das pulsões sexuais, ficando estas últimas mais próximas dos sentimentos de onipotência. “O autoerotismo e o narcisismo são, pois, os estágios da onipotência do erotismo; e como o narcisismo jamais cessa, mas subsiste ao lado do erotismo objetual, pode-se dizer (...) que em matéria de amor é possível conservar a vida inteira a ilusão de onipotência” (Ferenczi, 1913/2011, p. 58).

Em seguida, debate certos aspectos filogenéticos do sentido de realidade. Segundo ele, o desenvolvimento do sentido de realidade é fruto de uma série de impulsos ao recalçamento, forçados pelas constantes frustrações às quais o ser humano está submetido. É resultado da necessidade, e não da ação progressiva de tendências para a evolução. “O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude do corpo materno, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalçar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros” (Ferenczi, 1913/2011, p. 59-60). A cada nova etapa no desenvolvimento esse processo se repete.

Nesse ponto, numa nota de rodapé, afirma que “se seguirmos este raciocínio até o fim, será preciso considerar a existência de uma tendência para a inércia ou para a regressão, dominando a própria vida orgânica; a tendência para a evolução, para a adaptação, etc. dependeria, pelo contrário, unicamente de estímulos externos” (Ferenczi, 1913/2011, p. 60n).

É exatamente esse trecho que Freud cita em “Além do Princípio de Prazer” (1920). O que Ferenczi afirma aqui, e que Freud destaca é que a tendência regressiva é o que domina a vida psíquica (e segundo as hipóteses de ambos, a vida orgânica também). Aparentemente, ao estabelecer que o primeiro desejo da criança só pode ser um desejo de retorno ao estado de onipotência, Ferenczi torna a ideia da regressão mais ampla do que Freud talvez pretendesse inicialmente. Além disso, a outra consequência lógica dessa afirmação seria a de que todo desejo subsequente seria um desejo de retorno a um estado sem desejo algum.

2.2.1 – Os ecos de Ferenczi em Freud

Embora tenhamos chegado ao texto de Ferenczi com a intenção de utilizá-lo para esclarecer os pontos de vista sobre a regressão, ele acaba levantando outras questões relacionadas a esse tema e que estavam ausentes em Freud, ou no mínimo não tão evidentes. A onipotência é um desses pontos que não se faz presente em “Além do Princípio de Prazer”, mas que, se abordada do ponto de vista de sua relação com a regressão, pode contribuir para nossa compreensão do problema.

Já vimos que, para Ferenczi, o estado de onipotência é real no interior do útero materno. Segundo ele, o feto sequer chega a possuir necessidades, já que é constantemente atendido em todos os aspectos. Ele se apoia em Freud (usando inclusive o trecho de “A Interpretação dos Sonhos”, que citamos no início do capítulo,

no item 2.1) para propor que o primeiro desejo da criança será o de se reencontrar exatamente nessa situação de onipotência que experimentou no interior do corpo da mãe. Aqui Ferenczi parece estar levando o argumento de Freud mais longe que ele próprio faz, porque no raciocínio freudiano a questão se refere à tentativa de recuperar a vivência de satisfação, que em geral se supõe ter ocorrido após o nascimento, e em geral vemos associada à alimentação do bebê pela mãe.

Ainda na trilha dessa argumentação, ele supõe também que “o primeiro sono é (...) a reprodução bem-sucedida da situação intrauterina” e mesmo o sono posterior “nada mais é senão uma regressão periódica e repetida ao estágio de onipotência alucinatória mágica e, por esse intermédio, à onipotência absoluta da situação intrauterina” (Ferenczi, 1913/2011, p. 51).

A insistência de Ferenczi em localizar situações em que o indivíduo visa retornar à onipotência demonstra como, em sua visão, a regressão é um processo bastante mais amplo do que o que Freud considerava até a data. E, para além disso, sua forma de pensar a onipotência parece já nos acenar com a formulação do que mais tarde seria o princípio de Nirvana²⁰.

Por fim, ele também adianta a argumentação freudiana de “Além do Princípio de Prazer” ao afirmar que a tendência à evolução ou adaptação é forçada por estímulos externos, não sendo, desse modo, inerentes às pulsões. Lendo “O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios”, fica muito mais claro o aparente salto de Freud da compulsão à repetição à regressão, que observamos com alguma surpresa na obra freudiana de 1920.

Antes de avançarmos naquilo que seria o próximo passo de nossa análise de “Além do Princípio de Prazer”, a discussão do princípio de Nirvana, faremos um breve desvio por outro dos autores citados por Freud, August Stärcke. Embora a referência a ele ocorra num trecho em que a regressão não é o foco do debate, o texto dele a que Freud se refere se ocupa essencialmente disso, embora de um modo bem pouco usual.

²⁰ Teremos oportunidade de discutir isso no capítulo seguinte quando estivermos analisando o princípio de Nirvana no texto de Barbara Low.

2.3 – August Stürcke e as forças pulsionais centrífuga e centrípeta

August Stürcke formou-se em Medicina aos 21 anos de idade, se especializando em psiquiatria e neurologia. Além de Psicanálise, outra de suas paixões era a Entomologia, área em que publicou mais de 100 artigos ao longo da vida.

Seu primeiro contato com a Psicanálise se deu em 1905 ao ler “Sobre os Sonhos”, de Freud. Sua primeira publicação discutia exatamente os sonhos, e apareceu em 1911, mesmo ano em que foi aceito na Sociedade Psicanalítica de Viena²¹. Teve também um importante papel em introduzir a psicanálise na Holanda, onde fez uma conferência em 1912 para uma sociedade de psiquiatras e neurologistas que despertou grande interesse. Em 1914 traduziu “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna” para o holandês e junto a isso escreve um prefácio²², que anos depois seria citado por Freud em “Além do Princípio de Prazer” (Spanjaard, 1966).

Freud cita Stürcke em uma nota de rodapé, imediatamente após dar algum crédito a Spielrein, por haver antecipado uma parte das ideias que ele debatia: “De uma maneira ainda diferente, A. Stürcke (1914) procurou identificar o próprio conceito de libido com o conceito biológico teoricamente suposto de um impulso para a morte” (Freud, 1920/2006, p. 196).

Freud está se referindo²³, como já indicamos acima, ao prefácio escrito por Stürcke em 1914, ao traduzir para o holandês “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna”. Nesse texto breve, o autor holandês tenta apresentar o que considera ser a premissa básica de Freud²⁴. Ele afirma que para Freud, a alma humana é o produto de duas forças que se opõem. Essas forças seriam a libido e as pulsões do eu. A pulsão do eu tenta “reunir a energia do cosmos no indivíduo (...), se esforça por

²¹ Curiosamente, sua entrada coincidiu com a de Sabina Spielrein, tendo ambos se tornado membros na mesma data, 11 de outubro de 1911.

²² O texto de Stürcke é difícil de localizar. Tivemos acesso a uma edição em holandês, que, embora não datada, provavelmente, é da década de 1950. A partir dessa versão, foi realizada uma tradução para o inglês (não publicada), que é a que consultamos. Por essa razão, nossas citações não contam com número de página.

²³ Ao que parece, Stürcke escreveu para Freud questionando a interpretação de seu texto dessa forma. Eles trocaram algumas cartas sobre esse assunto até que interromperam a correspondência, por sugestão de Freud. Duas versões ligeiramente diferentes desse incidente podem ser encontradas em Kerr (1997) e Spanjaard (1966).

²⁴ Como veremos a seguir, Stürcke faz diversas afirmações que não parecem corresponder a uma leitura convencional da teoria pulsional freudiana. Tentaremos não nos ater a isso no momento, pois esse fato será examinado em detalhes adiante. É bem verdade que ele próprio alerta, em uma nota de rodapé em seu prefácio, que essa “premissa básica” não é referida explicitamente por Freud, mas pode ser lida nas entrelinhas.

centralização, expansão da unidade individual, pela extensão da vida do indivíduo”. Já a libido visa “abandonar a individualidade para alcançar o infinito através da morte” (Stärcke, 1914/2013).

Ele prossegue em sua exposição peculiar da teoria pulsional dizendo que a libido é uma força centrífuga, enquanto a pulsão do eu é centrípeta. Essa última é vista por ele como inata, a libido, por outro lado, seria resultante do contato com o ambiente.

Stärcke supõe que inicialmente a pulsão do eu governa o desenvolvimento do indivíduo, promovendo seu rápido crescimento. Esse ritmo é logo moderado pela libido. A interação entre essas duas forças atinge um equilíbrio na puberdade, período em que se inicia a função do acasalamento (visto como relacionado diretamente à morte, tanto no sentido biológico quanto psicológico).

Ele faz um breve desvio para mostrar que nos animais mais primitivos ambos (morte e cópula) são idênticos ou então a morte invariavelmente ocorre após o acasalamento. Nos animais superiores, ocorre uma separação entre esses fenômenos, mas uma relação simbólica entre eles permanece. Desse modo, “apesar de o acasalamento não ser necessariamente seguido pela morte, cada cópula é acompanhada por uma regressão da vida psíquica, que temporariamente leva o indivíduo de volta ao estágio dos impulsos primitivos” (Stärcke, 1914/2013).

A cópula terá mais semelhança com a morte se a regressão for muito profunda. Além disso, “cada regressão reduz a unidade da vida psíquica e o esforço requerido para mantê-la” (Stärcke, 1914/2013). Desse modo, a regressão é vista como um período de descanso para a psique. Levando adiante esse argumento, Stärcke aponta que a civilização se esforça por restringir o acesso do indivíduo à regressão (segundo ele, essa restrição se dá não com relação à quantidade de períodos de regressão, mas na extensão de regressão que é permitida ao indivíduo).

A vida amorosa do homem civilizado se encontra sob o efeito de duras restrições, diluída, usando a analogia de Stärcke, como o leite nas cidades grandes. Desse modo, um sentimento de infelicidade e insatisfação prolifera entre os indivíduos, impedidos de dar livre curso a sua necessidade por regressão. Como resultado disso, libido e pulsão do eu são forçadas a chegar a um estado em que formam um compromisso, atendendo a ambas igualmente, e, portanto, inadequadamente.

As ações resultantes desse compromisso entre libido e pulsão do eu são divididas por Stürcke em dois grupos. O primeiro é formado pelo que denomina “ações sociais”, que ajudam na construção da sociedade e são altamente valorizadas – as sublimações, de acordo com o autor. O segundo grupo é chamado por ele de “ações neuróticas e psicóticas” (Stürcke, 1914/2013). A diferença entre os grupos não é tão grande quanto pode inicialmente parecer. O que diferencia as ações é apenas o fato de que no segundo grupo a libido continua se impondo de forma mais intensa e consegue manter uma parcela de gratificação para o indivíduo, enquanto a sublimação promove incansavelmente uma diluição da libido.

2.3.1 – Regressão em Stürcke

Se tentarmos localizar quais são os argumentos centrais de Stürcke, logo vemos que boa parte de seu raciocínio parece ser uma versão bastante modificada da teoria freudiana. Chega a soar engraçada sua afirmação de que, embora Freud não explicitava essas questões, elas poderiam ser lidas nas entrelinhas. Façamos o esforço de tentar perceber em que medida suas hipóteses se aproximam ou distanciam das de Freud, com atenção especial ao uso que ele faz da regressão.

Sendo um texto de 1914, é de se esperar que ele se valesse do dualismo pulsional da época, que considerava a oposição entre pulsão sexual e pulsão do Eu²⁵. De fato é assim, embora ele já de imediato nos mostre que a sua maneira de conceber cada uma dessas pulsões tem alguns pontos que provavelmente não seriam aceitas de forma unânime por seus colegas de Viena.

A pulsão do Eu, na sua visão, opera como uma força centrípeta, buscando reunir a energia do indivíduo, em expandi-lo e prolongar a vida. A libido, por outro lado, atua como força centrífuga e aspira a dissolução da individualidade através da morte²⁶. A interação entre esses dois grupos de pulsões chegaria a uma espécie de equilíbrio a partir da puberdade, e isso parece ser devido ao fato de ter início nesse período o que ele chamou de função do acasalamento.

²⁵ Embora nesse mesmo ano Freud acabasse alterando a teoria pulsional exatamente esse ponto, ao introduzir o narcisismo.

²⁶ Como veremos no quarto capítulo, esse argumento se aproxima do que Spielrein elabora em “A Destruição como Origem do Devir”. À primeira vista a formulação de Stürcke parece até mesmo mais radical e soa como uma verdadeira pulsão de morte.

Recorrendo a dados biológicos para demonstrar a equivalência entre a cópula e a morte, Stärcke apresenta exemplos de animais inferiores em que os dois se equivalem ou que a morte se segue ao acasalamento. O passo seguinte é afirmar que nos animais superiores isso não ocorre, mas essa relação entre morte e coito permanece em um nível simbólico.

De toda forma, ele ainda supõe que cada relação sexual é acompanhada pelo que denominou “uma regressão da vida psíquica”. Stärcke ainda levanta a hipótese de que quanto mais profunda for essa regressão, maior será a semelhança entre coito e morte. Parece que ele imagina também que isso tem alguma relação com a intensidade da satisfação obtida, embora isso não fique explícito.

Desse ponto em diante, porém, o termo regressão é usado como um sinônimo de satisfação, ou algo próximo a isso. Podemos perceber esse uso, principalmente, quando ele afirma que a civilização tenta restringir o acesso do indivíduo à regressão (bloqueando principalmente aquelas regressões mais intensas). A infelicidade e insatisfação experimentadas pelos indivíduos, vivendo em civilização, seria fruto, portanto, desse impedimento.

No final, ficamos com a impressão de que Stärcke incorpora ao termo “regressão” sentidos e características que aparentemente não seríamos capazes de ler no uso freudiano do conceito. Não só pela possível equivalência entre regressão e satisfação, mas pela relação que ele estabelece entre a extensão dessa regressão e a semelhança do coito à morte. Ele ainda é capaz de afirmar que a regressão é um período de descanso para a alma, já que reduz o esforço necessário para manter a unidade da vida, aproximando, com isso, mais uma vez do tema da morte.

Dessa forma, nossa tentativa de conseguir alguma contribuição para a compreensão do uso de Freud da regressão em “Além do Princípio de Prazer” trouxe um resultado ambíguo. Por um lado, verificamos que Stärcke de fato faz um uso extensivo desse termos em seu breve texto. Por outro, percebemos que ele utiliza o conceito de um modo tão particular que tivemos alguma dificuldade em integrar seu raciocínio a nossa argumentação.

Não devemos, porém, nos abater com esse desvio aparentemente desnecessário em nossa linha de raciocínio. É possível que outras partes do texto de Stärcke venham a se mostrar úteis adiante, e sejamos, afinal, recompensados por ter realizado essa leitura. Por ora, retomemos o nosso caminho e prossigamos. Tendo já acompanhado a discussão freudiana sobre a compulsão à repetição e nos deixado

guiar por ele até o debate a respeito das tendências regressivas das pulsões, vamos, agora, dar mais um passo e investigar o terceiro elemento que compõe nossa pesquisa sobre a pulsão de morte: o princípio de Nirvana.

Capítulo 3 – Princípio de Nirvana

Conforme vínhamos discutindo, Freud parece tomar como centrais para a constituição do conceito de pulsão de morte a compulsão à repetição, a tendência regressiva das pulsões e o princípio de Nirvana. Tendo já debatido o uso da compulsão à repetição em Freud e acompanhado os problemas relacionados à regressão em Freud, Ferenczi e Stárcke, podemos agora mergulhar na discussão do último destes três pontos em que se assenta a pulsão de morte.

Para isso, tomemos o momento de “Além do Princípio de Prazer” em que Freud introduz o termo. No trecho em questão, ele está debatendo o efeito rejuvenescedor que a cópula tem sobre os protistas, e explica esse fato afirmando que ocorre um acréscimo de novas quantidades de estímulos, que teriam de “ser exauridas através dos processos vitais”. Logo em seguida, aponta que “um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte” é nossa concepção de que a tendência dominante da vida psíquica (e ele supõe que da vida orgânica também) seja, “tal como expressa o princípio de prazer, o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos (o princípio de Nirvana, segundo uma expressão de Barbara Low)” (Freud, 1920/2006, p. 176).

Algumas páginas adiante, retoma essa argumentação e propõe que “o princípio de prazer é uma tendência que está a serviço de uma função, a de tornar o aparelho psíquico inteiramente livre de excitações, ou de manter a quantidade de excitação constante, ou, ainda, de mantê-la tão baixa quanto possível”. Fica visível que essa forma de enunciar a questão não esclarece de que modo o aparelho opera, se pretende extinguir a excitação totalmente, mantê-la estável ou apenas reduzi-la. Freud indica que “ainda não podemos nos decidir com segurança por nenhuma dessas três concepções, mas percebemos que a função assim definida participaria da aspiração mais universal de todo ser vivo de retornar ao estado de repouso original do mundo inorgânico” (Freud, 1920/2006, p. 180).

Complementando essa formulação, também vemos Freud afirmar que a função do aparelho seria a de capturar e enlaçar as excitações que antes estavam livres. Esse trabalho seria de alguma maneira anterior ao estabelecimento do princípio de prazer, funcionando como uma preparação para que ele possa operar.

Tomando apenas “Além do Princípio de Prazer” como referência, não fica claro se Freud de fato vê o princípio de Nirvana como equivalente ao princípio de

prazer. Outro ponto que parece também obscuro é a relação desses dois com o princípio de constância.

De acordo com Freud, “o princípio de prazer deriva do princípio de constância, embora, na realidade, o princípio de constância tenha sido, ele mesmo, inferido dos fatos que nos levaram a adotar a hipótese do princípio de prazer” (Freud, 1920/2006, p. 136).

Mesmo se recorrermos a um texto posterior, por exemplo, “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), no qual ele tenta esclarecer a relação entre esses dois princípios, muitas perguntas ainda permanecem sem resposta. Vemos Freud diferenciar o princípio de prazer do de Nirvana ao associar o primeiro à libido e o último às pulsões de morte. Também encontramos a indicação de que o princípio de prazer é uma modificação do princípio de Nirvana provocada pela ação da libido. Isso em nada esclarece, porém, qual o lugar do princípio de constância nesse novo arranjo.

Para tentar lançar alguma luz sobre essa série de questões, pode ser interessante recorrer a um autor que Freud cita por duas vezes em “Além do Princípio de Prazer” e que tem um papel importante na formação das bases das hipóteses quantitativas de Freud: Josef Breuer.

3.1 – Breuer, Freud e o Princípio de Constância

Freud cita Breuer em dois trechos de “Além do Princípio de Prazer”. Na primeira destas citações, relaciona as cargas de investimento em repouso e as móveis com o sistema Cs ao afirmar que nele está em ação apenas a energia suscetível de livre escoamento. Não muito adiante, quando inicia uma discussão a respeito da ação das pulsões no inconsciente (comparando com sua ação nos sistemas pré-consciente e consciente), recorre novamente a Breuer.

Nesse ponto, Freud afirma que “como todas as moções pulsionais iniciam seu trabalho nos sistemas inconscientes, não seria nenhuma novidade dizer que elas obedecem ao processo primário” (Freud, 1920/2006, p. 158). Prossegue dizendo que “tampouco seria necessário fazermos um grande esforço para identificar o processo psíquico primário com as cargas de investimento livremente móveis e o processo secundário com as modificações que se produzem nas cargas de investimento presas ou tônicas de Breuer” (Freud, 1920/2006, p. 158).

Na verdade, essa noção de diferenciação entre energia livre e ligada perpassa todo o raciocínio de Freud nesse texto, e podemos observar que ele retorna com frequência a esse tema em diversos pontos. De modo muito similar também encontramos outra referência direta a Breuer em “O Inconsciente” (1915), onde Freud parece atribuir o desenvolvimento da distinção entre processo psíquico primário e secundário em alguma medida a Breuer²⁷.

Desse modo, nos sentimos tentados a investigar a contribuição de Breuer de forma mais detalhada. Seguindo a indicação de Freud, analisaremos a seção III dos “Estudos sobre Histeria” (1895) para tentar definir em que consiste exatamente o pensamento de Breuer.

Antes de mergulharmos na análise das “Considerações Teóricas” escritas por Breuer para a publicação conjunta com Freud, seria bastante proveitoso, ou até mesmo necessário, estabelecer o contexto da escrita dessa obra. Como nem sempre é possível, no caso de trabalhos dessa natureza, estabelecer qual idéia partiu de quem, um olhar atento ao período anterior à publicação pode servir para que sejamos capazes de localizar melhor o posicionamento de cada autor com relação aos pontos mais importantes desse texto, em especial no que diz respeito ao princípio de constância.

Segundo Jones (1953/1989), Freud conheceu Breuer no final da década de 1870²⁸, e logo se tornaram amigos, compartilhando interesses científicos. Entre novembro de 1880 e junho de 1882, se confiarmos no relato de Jones ou do próprio Breuer, Anna O. recebeu tratamento através do método catártico e foi curada de seus sintomas²⁹.

Breuer compartilhou com Freud as informações referentes ao caso após seu término, causando uma forte impressão em seu colega mais jovem. Anos depois, quando esteve em Paris, Freud contou sobre esse tratamento a Charcot, que aparentemente não demonstrou o mesmo interesse.

De acordo com as versões mais conhecidas (os relatos de Jones e do próprio Freud), após o término do tratamento de Anna O., Breuer nunca mais se envolveu

²⁷ Essa referência é um pouco mais discreta. Nela Freud apenas informa que essa discussão se apoia na contribuição de Breuer aos “Estudos sobre Histeria”, sem maiores detalhes.

²⁸ Provavelmente entre 1876 e 1877, de acordo com Hirschmüller (1989).

²⁹ Embora isso não tenha relação com o rumo de nossos argumentos, não é exagerado indicarmos que há controvérsias com relação ao que poderia ser chamado de “versão oficial” do caso. Tanto com relação a seu término, quanto com relação aos motivos para o final do tratamento. Para um relato detalhado, ver Hirschmüller (1989), pp. 95-132.

com o tratamento de neuroses. Isso não corresponde aos fatos, já que há registros de pacientes encaminhados por ele ao sanatório Bellevue em Kreuzlingen, entre 1881 e 1912³⁰. Breuer também era uma das maiores fontes de pacientes de Freud. Mesmo nos casos que Freud apresenta nos “Estudos sobre Histeria”, há indícios da colaboração de Breuer na condução do tratamento³¹. Tudo isso indica que Breuer esteve muito mais envolvido com o problema das neuroses do que geralmente se considera.

Nosso interesse em destacar essa particularidade é exatamente colocar em questão a versão de Freud de como teve de insistir com Breuer até conseguir convencê-lo a publicar o trabalho conjunto. Embora possa ser verdade que Breuer tenha se mostrado relutante em publicar o caso de Anna O., não significa que isso fosse devido aos motivos relatados por Freud (por exemplo, em “A História do Movimento Psicanalítico” e “Um Estudo Autobiográfico”) e eternizada por Jones (1953/1989). De acordo com eles, a rejeição da etiologia sexual da histeria³² se assentava na incapacidade de Breuer de lidar com os fatores transferenciais envolvidos no caso.

Mas se a explicação para essa relutância não é baseada numa resistência do autor à questão da sexualidade, que outros motivos ele poderia ter para adiar por tanto tempo a publicação do caso? Em primeiro lugar, poderia estar apenas preservando o sigilo, que seria difícil manter após um relato que fornecia tantas informações pessoais. Segundo, há indicações de que a paciente não tinha se restabelecido totalmente, e veio a receber tratamento em períodos posteriores. Terceiro, Breuer poderia estar esperando poder testar seu método em mais pacientes, antes de generalizar os resultados (o que pode ter ocorrido, se levarmos em conta o fato de ele ter tratado outros neuróticos mesmo após interromper o tratamento de Anna O.). E quarto, talvez ele não concordasse totalmente com as explicações de Freud com relação ao mecanismo da histeria. Esse último ponto será discutido adiante, com ênfase especial na diferença de opinião com relação ao princípio de constância.

³⁰ Ver Hirschmüller (1989), p.136-141 e p.309-311.

³¹ Por exemplo, no caso de Emmy Von N., Freud afirma: “por fim, após uma observação do dr. Breuer, aliviei-a dessa paramnésia compulsiva” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 110). Ou então, ao comentar o caso de Cäcilie, “na verdade, foi o estudo desse caso notável, juntamente com Breuer, que levou diretamente à publicação de nossa ‘Comunicação Preliminar’” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 199).

³² Esse tipo de alegação parece exagerar os fatos. Tanto que vemos Breuer afirmar que “a pulsão sexual é sem dúvida a fonte mais poderosa de acúmulos sistemáticos de excitação (e, por conseguinte, de neuroses)” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 221). A menos que se suponha que ele não estava convencido disso, apesar de ter escrito, não nos parece ser possível dizer que ele rejeitava a etiologia sexual, embora ele, de fato, não desse o mesmo tratamento que Freud ao tema.

De toda forma, em 1892 os dois autores começaram a trabalhar no que viria a ser a “Comunicação Preliminar”, publicada em 1893 e que posteriormente veio a ser incorporada aos “Estudos sobre Histeria” em 1895. Um fato bastante curioso é que, embora a discussão com relação ao princípio de constância estivesse presente nos esboços (datados de 1892), ela foi omitida da “Comunicação Preliminar” e nos “Estudos sobre Histeria” só é abordada na parte teórica, de autoria de Breuer. Isso parece indicar que esse talvez fosse mais um ponto em que os autores não estivessem totalmente de acordo. Com isso em mente, podemos agora passar à discussão das “Considerações Teóricas”.

3.1.1 – As “Considerações Teóricas” de Breuer

Apesar de Breuer iniciar seu texto afirmando que utilizará a linguagem da psicologia, toda a discussão e os termos que emprega parecem ser provenientes muito mais da fisiologia (e por vezes encontramos analogias com a física). Podemos notar que ele se serve de expressões como “excitação intracerebral”, “excedente de excitação”, “excitabilidade do sistema nervoso” e faz uso de um modelo energético para explicar a atuação das representações na produção dos sintomas histéricos.

A hipótese central parece ser a de que “a alteração fundamental que se acha presente em cada caso” de histeria “reside numa excitabilidade anormal do sistema nervoso” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 212). De modo a compreender essa excitabilidade, sua origem e o mecanismo pelo qual ela gera os sintomas histéricos, Breuer passa a discutir o funcionamento do sistema nervoso central, tanto no caso das histéricas quanto das pessoas sadias.

Breuer propõe que as vias de condução do sistema nervoso central “se encontram num estado de excitação tônica” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 215), sendo que essa excitação intracerebral é exatamente o que determina a capacidade de condução das vias, e na ausência de tal excitação teríamos o estado de sono.

Fazendo uma analogia com o funcionamento de um sistema elétrico, afirma que “deve haver certa tensão presente em toda a rede de linhas de condução” e, no caso do sistema nervoso, “há certa quantidade de excitação presente nas vias condutoras do cérebro quando este se encontra em repouso, mas desperto e preparado para trabalhar” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 215).

Nesse ponto, Breuer insere um comentário detalhado em uma nota de rodapé (que é o trecho a que Freud parece aludir em “O Inconsciente” e em “Além do Princípio de Prazer”) em que tenta explicar como supõe que funciona a “tensão nervosa”. Nisso, diferente do que Freud aponta posteriormente, distingue três formas de energia em ação. Segundo ele, “além de uma energia potencial que está quiescente na substância química da célula, e de uma forma desconhecida de energia cinética”, seria necessário “presumir a existência de mais outro estado quiescente de excitação nervosa: a excitação tônica ou tensão nervosa” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 215n).

Prosseguindo nessa linha de raciocínio, destaca que “os elementos cerebrais (...) liberam certa quantidade de energia mesmo quando estão em repouso; e quando essa energia não é empregada funcionalmente, ela aumenta a excitação intracerebral normal”. Dessa forma, “o resultado é uma sensação de desprazer”. A partir disso, conclui que “a eliminação dessa excitação excedente é uma necessidade do organismo” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 218).

Aqui ele cita Freud, atribuindo a ele a proposição da existência de uma “tendência a manter constante a excitação intracerebral” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 218). Curiosamente, a eliminação da excitação parece, ao menos na versão de Breuer, se referir apenas ao “excedente de excitação”, que é visto como uma sobrecarga ao sistema. Isso é tornado explícito quando ele afirma que podemos “presumir que existe um ponto ótimo para o nível da excitação tônica intracerebral” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 219).

O que podemos deduzir daí é que não está em questão uma eliminação ou descarga total da excitação e sim um esforço de retorno ao nível ótimo em que o aparelho tem energia suficiente para a ação.

Breuer aponta que a elevação da excitação pode se dar de formas que são úteis à atividade mental, “por elevarem a energia livre de todas as funções cerebrais de maneira uniforme” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 220). De modo análogo, há elevações prejudiciais, “por aumentarem parcialmente e inibirem parcialmente essas funções psíquicas de maneira que não é uniforme” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 220). Estas últimas provocam tentativas de descarga mais violentas, mais próximas de fenômenos patológicos.

Ainda tendo em mente esse problema, indica que “a pulsão sexual é sem dúvida a fonte mais poderosa de acúmulos sistemáticos de excitação” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 221). Como esses aumentos se distribuem de forma muito

desigual pelo sistema nervoso, provocam perturbações intensas no seu funcionamento.

Desse ponto em diante, passa a demonstrar como, no caso das histéricas, a descarga do excedente de excitação se acha de algum modo impedida. Tenta também explicar a predisposição à histeria como sendo resultante do fato de que no caso das histéricas, o sistema nervoso “libera um excesso de excitação que exige ser utilizado” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 258). A isso se acrescentam as excitações sexuais de modo que “há uma quantidade excedente de energia nervosa livre disponível para a produção de fenômenos patológicos” (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 258).

Podemos considerar nossa leitura da contribuição teórica de Breuer aos “Estudos sobre Histeria” concluída. Já coletamos até aqui todos os elementos essenciais que necessitamos para contrapor sua descrição de um modelo energético do funcionamento do aparelho à descrição fornecida por Freud, conforme faremos a seguir.

3.1.2 – As diferenças entre o modelo quantitativo de Breuer e Freud

Como já havíamos indicado, em “Além do Princípio de Prazer” (1920), Freud recorre a hipóteses que atribui a Breuer sobre a atuação de um tipo de energia livre que atuaria no processo primário e uma energia ligada em ação no processo secundário.

Ao examinarmos a teoria apresentada por Breuer, notamos que embora ele tenha pensado em termos bastante semelhantes, há algumas particularidades que merecem um exame mais cuidadoso.

Nesse sentido, seguiremos a argumentação de Hirschmüller (1989), que destaca, para além da diferença nos termos que cada autor utiliza para expressar seu modelo energético, uma diferença crucial na compreensão que cada um tinha do princípio de constância.

Já vimos que nas formulações de Breuer o princípio de constância é definido como algo próximo da noção de homeostase. O sistema nervoso tenderia a eliminar a excitação na medida em que ela ultrapassasse o nível ótimo, através da descarga motora ou associativa.

Em Freud, não parece ser esse sempre o caso. Se observarmos suas publicações do período imediatamente anterior aos “Estudos sobre a Histeria”,

veremos, por exemplo, em “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos” (1893), a afirmação de que “quando uma pessoa experimenta uma impressão psíquica, alguma coisa em seu sistema nervoso, que chamaremos provisoriamente de soma de excitação, aumenta” (Freud, 1893/2006, p. 44). E completa: “em todo indivíduo existe uma tendência a tornar a diminuir essa soma de excitação, a fim de preservar a saúde” (Freud, 1893/2006, p. 44).

Essa formulação aparentemente coincide com a de Breuer, que pensava na eliminação do “excedente de excitação”. De modo também similar, Freud afirma em “Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas” (1893) que a incapacidade ou relutância em eliminar o “afeto excedente” faz com que uma impressão psíquica adquira a importância de um trauma (Freud, 1893/1996, p. 215).

Ainda mais próximo dessa ideia, e um ano antes destes textos, Freud faz uma referência direta ao “teorema referente à constância da soma de excitação” numa carta que envia a Breuer com esboços para a “Comunicação Preliminar”, que só seria publicada no ano seguinte. No final do esboço C, afirma: “o sistema nervoso procura manter constante, nas suas relações funcionais, algo que podemos descrever como a soma de excitação” (Freud, 1892/1996, p. 196).

Todas estas passagens parecem sugerir que Freud e Breuer estavam de acordo com relação ao princípio que guiava o funcionamento do sistema nervoso. Porém, como Hirschmüller (1989) nota, não há qualquer menção do princípio de constância na “Comunicação Preliminar” (1893), o que ele supõe ser devido ao fato de os dois autores não terem conseguido chegar a um acordo sobre sua formulação.

Como evidência disso, podemos recorrer, por exemplo, ao “Projeto de uma Psicologia” (1895). Nesse texto, Freud já nos apresenta de imediato o princípio da inércia nervosa: “o neurônio aspira a libertar-se de Q” (Freud, 1895/1995, p. 10). Esse princípio básico, porém, é modificado devido à ação de estímulos endógenos, e “o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível = 0” (Freud, 1895/1995, p. 11). O resultado disso é que o sistema passa então a tentar “manter a Q no menor nível possível, em defender-se contra sua elevação, ou seja, mantê-la constante” (Freud, 1895/1995, p. 11). Uma definição idêntica, mas expressa em termos um pouco diferentes, pode ser encontrada em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), onde Freud afirma que o aparelho psíquico seria

regulado “pelo esforço de evitar um acúmulo de excitação e de se manter, tanto quanto possível, sem excitação”³³ (Freud, 1900/1996, p. 624).

Embora isso possa parecer uma diferença sutil, o que vemos Freud introduzir nesse ponto é a noção de uma tendência a eliminar toda a excitação, algo que para Breuer não era coerente com o funcionamento do sistema nervoso, que precisava manter sempre algum nível de energia. Como aponta Hirschmüller (1978), o princípio freudiano poderia ser melhor definido como princípio de descarga ou de anulação do que de constância.

Posteriormente, Freud parece derivar o princípio de prazer do princípio de constância, e a situação atinge seu ápice em “Além do Princípio de Prazer” (1920) com a introdução do princípio de Nirvana, que define como sendo “o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos” (Freud, 1920/2006, p. 176).

O próprio Freud parece incapaz de se decidir por uma destas três formas de enunciar o princípio em questão. Mesmo já no final do texto, quando retoma esse ponto, indica que independente da dúvida sobre qual dessas concepções seja correta, elas correspondem à aspiração do organismo de retorno ao inorgânico. Com essa última afirmação, parece tender a pensar que a função do aparelho seja, de fato, alcançar o nível zero de excitação.

Dessa forma, o que vemos Freud fazer em “Além do Princípio de Prazer” é traçar uma espécie de equivalência entre o princípio de constância e o de Nirvana, o que, inicialmente, contamina este último com a noção de manter a excitação constante, coisa que, posteriormente, será removida dessa formulação. Assim, chegamos ao ponto em que é necessário investigar detalhadamente de que maneira o princípio de Nirvana entra na teorização freudiana, e, para isso, teremos de nos aprofundar na leitura de Barbara Low, a quem é atribuída a criação desse termo.

3.2 – Low e o princípio de Nirvana

No contexto da psicanálise freudiana, o nome de Barbara Low aparece invariavelmente associado ao princípio de Nirvana. Esse termo, conforme o próprio

³³ Nessas duas passagens, notamos que Freud supõe que a tendência ao zero de excitação está na base do funcionamento do aparelho, embora também indique que esse estado não pode ser alcançado. O princípio de constância freudiano parece ser uma tendência à anulação das excitações, que é impedido de ser alcançado por ação de outras forças no interior do próprio aparelho.

Freud nos informa, criado por ela, passa a representar a tendência que opera no caso das pulsões de morte. Essa ligação do princípio de Nirvana à pulsão de morte, porém, é resultado de uma sutil modificação que Freud realiza ao tomar de empréstimo essa ideia em “Além do Princípio de Prazer” (1920). Seria interessante, portanto, acompanhar essa transição e mesmo investigar que sentido tinha essa noção antes que ela chegasse a Freud.

3.2.1 – O princípio de Nirvana de Low

Quando publicou seu primeiro livro, “Psycho-Analysis – A brief account of the Freudian theory” em 1920, Barbara Low pretendia expor as noções básicas da psicanálise para um público leigo. Ela não tinha qualquer intenção de apresentar novos conceitos ou ideias, mas sim de apresentar o que já era conhecido de forma clara e resumida.

Sendo assim, encontramos no terceiro capítulo de seu livro, que aborda o recalçamento, breves descrições do princípio de prazer e de realidade. Ao explicar o princípio de prazer, se vê diante da tarefa de demonstrar de que modo sensações de dor e desprazer obedecem a essa tendência. Após afirmar que dor e desprazer podem ser utilizados para intensificar as sensações de prazer e que de fato isso é feito desde a infância, propõe:

É possível que mais profundamente que o princípio de prazer jaz o princípio de Nirvana, como se poderia chamá-lo – o desejo da criatura recém nascida de retornar ao estágio de onipotência, no qual não há desejos não satisfeitos, no qual ele existia dentro do útero da mãe³⁴ (Low, 1920, p.73).

Ela não explora essa ideia e retoma sua exposição da teoria freudiana sem esclarecer esse novo princípio. Chega apenas a afirmar poucas linhas abaixo que esse desejo de retorno ao útero age como uma tendência regressiva nos seres humanos. Desse modo, não fica claro como ela chega a essa ideia e nem onde ela se encaixa em suas formulações.

Para tentar trazer alguma luz para as formulações um tanto obscuras de Low, podemos tomar sua definição e investigar cada parte. Em primeiro lugar, o nome

³⁴ It is possible that deeper than the Pleasure-principle lies the Nirvana-principle, as one may call it – the desire of the newborn creature to return to that stage of omnipotence, where there are no non-fulfilled desires, in which it existed within the mother’s womb.

princípio de Nirvana, que parece bastante inusitado nesse contexto. Com relação a isso, algumas possibilidades podem ser levantadas.

Low tinha algum contato com a obra de Jung, e este pode ter sido um dos caminhos pelo qual a idéia do Nirvana chega até ela. Há, entretanto, uma outra via (mais provável, inclusive) que é a filosofia de Schopenhauer. Começemos por Jung.

Investigar a influência da obra de Jung sobre Low é uma tarefa bastante complexa. Um livro de Jung, “Studies in Word Association”, consta como referência ao final de “Psycho-Analysis”, o que indica que ela estaria familiarizada com a produção inicial dele³⁵. Entretanto, ela pode ter tido um contato com os escritos de Jung através de seu cunhado M. D. Eder³⁶.

Por esse motivo, talvez não seja absurdo supor que Low tenha de fato lido Jung através de Eder. Seguindo essa trilha, podemos tomar como hipótese que ela tenha lido as obras de Jung que Eder veio a traduzir, no caso somente o já referido “Studies in Word Association”.

Porém, a leitura desse livro não nos aponta nenhum parentesco entre as ideias de Jung e Low. O interesse dele só avança no sentido das religiões orientais (e do Nirvana) em um período posterior, de forma que não há uma influência direta sobre a autora britânica.

Se tentarmos localizar na filosofia de Schopenhauer algo que possa ter influenciado Low em suas afirmações sobre o princípio de Nirvana, encontraremos indícios em “O Mundo como Vontade e como Representação”. Já na última parte dessa obra, Schopenhauer tenta refletir sobre os efeitos de seu pensamento na prática, caminhando para uma proposição (ou talvez uma problematização) ética.

Sem nos determos nas minúcias de seu raciocínio, vemos que ele indica haver uma semelhança entre o que chama de negação da vontade e o nirvana, “um estado no qual não existem quatro coisas, a saber, nascimento, velhice, doença e morte” (Schopenhauer, 2005, p. 455).

³⁵ Em seu livro, Low cita Jung apenas em duas ocasiões. A primeira para diferenciar a Psicologia Analítica da Psicanálise e a segunda ao reconhecer que foi ele quem primeiro utilizou o termo “complexo” (o que, de todo modo, é um equívoco, já que o próprio Jung atribui esse termo a Bleuler).

³⁶ Montague David Eder foi um dos primeiros médicos a praticar psicanálise na Inglaterra. Casou-se com Edith Low, irmã de Barbara Low. Foi analisado por Jung em 1909 e conheceu Freud no ano seguinte. Foi um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica de Londres, em 1913. Para mais detalhes sobre a vida e obra de Eder, ver o excelente artigo de Thomson, “The Solution to his Own Enigma: Connecting the life of Montague David Eder (1865 – 1936)”.

Ele prossegue analisando as noções de bom, mau, justiça e vê como problema na relação entre os homens a afirmação da vontade, que causaria um bem transitório e relativo. Em oposição a isso afirma que o “bom absoluto” implicaria na “satisfação final da vontade além da qual nenhum novo querer apareceria” (Schopenhauer, 2005, p. 462), coisa que só é possível ao negar a vontade. A total supressão da vontade seria o único caminho para livrar o homem do sofrimento que enfrenta quando está submetido a ela. Essa supressão parece ocorrer, segundo Schopenhauer, na vida de santos e sábios budistas, por exemplo.

Interrompendo nossa leitura extremamente limitada de Schopenhauer³⁷, já podemos encontrar nos escritos dele uma possível fonte para o pensamento de Low. Se notarmos que na definição dela o estado intra-uterino é visto também como uma espécie de negação da vontade (não há desejos não satisfeitos), não podemos deixar de indicar que ela pode também ser fonte de uma leitura de Schopenhauer já contaminada pela psicanálise. Isso porque embora no pensamento de ambos o efeito final seja o mesmo (cessação do desejo), em Schopenhauer isso é alcançado através da renúncia, enquanto em Low parece se dar pelo fato de que no interior do útero materno os desejos são atendidos prontamente, não restando nenhum não realizado.

Uma influência não muito explícita³⁸, mas que pode ser traçada a partir de algumas observações, é a obra de Ferenczi. Esse autor apresenta idéias muito semelhantes às de Low em seu artigo de 1913, “O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios”, que analisamos anteriormente.

Ferenczi parte da explicação freudiana do princípio de prazer e do princípio de realidade para interrogar como se passa de um ao outro. Ele analisa então a onipotência de pensamento e afirma (de modo semelhante a Low) que a onipotência existe de fato na vida dentro do útero.

Ao se interrogar o que constitui a onipotência, a define como “a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar” (Ferenczi, 1913/2011, p. 48). Esse estado, conclui, é real para o feto. A megalomania infantil, os pensamentos do

³⁷ Podemos encontrar uma discussão mais detalhada em Rocha (2010), em particular nas páginas 112-122. Nesse trecho, o autor analisa também a relação entre o Nirvana de Schopenhauer e o princípio de Nirvana, embora direcione a discussão para um caminho diferente do nosso.

³⁸ Low não faz referência direta a Ferenczi ao apresentar o princípio de Nirvana (embora chegue a citá-lo em outros pontos de seu livro), mas suas formulações são incrivelmente semelhantes. Ela enumera, porém, “Contributions to Psycho-Analysis” como uma das obras de referência em seu livro. Essa publicação, uma compilação de textos de Ferenczi traduzida por Jones para o inglês, contém o artigo “Stages in the Development of the Sense of Reality”.

neurótico obsessivo, e outros fenômenos similares são uma espécie de exigência de retorno a um estado que existiu no passado, em que o indivíduo era todo-poderoso.

O texto de Ferenczi prossegue localizando diversos estágios que essa onipotência atravessa até chegar ao princípio de realidade, mas as duas ideias básicas do princípio de Nirvana já estão aqui: onipotência (estado sem desejos não satisfeitos) na vida intrauterina e desejo de retornar a esse estado.

Desse modo, ficamos com a impressão de que Low, embora não tenha deixado explícito em seu texto, se utiliza de idéias de Ferenczi. Como seu livro tinha a intenção de ser mais acessível a leigos, ela pode ter optado por não incluir muitas notas ou citações, o que justificaria em parte a omissão. Fato é que ela descreve o princípio de Nirvana em termos tão parecidos com os que Ferenczi havia utilizado sete anos antes que é muito provável que tenha sido ele uma das principais fontes dessa ideia.

3.2.2 – O contato de Freud com Low

Não se sabe exatamente como Freud conheceu o livro de Low. Há uma referência a respeito na carta que ele envia a Jones em 24 de maio de 1920, em que afirma ter recebido o livro dela naquele dia. É possível que Jones tenha enviado, ou talvez ela própria. Sendo um dos primeiros livros que apresenta a Psicanálise em inglês a um público mais amplo, tanto ela quanto Jones podem tê-lo enviado como presente a Freud³⁹. Jones não faz qualquer comentário nas cartas anteriores e nem mesmo nas posteriores, de modo que permanece um mistério sua participação nisso.

Entretanto, Jones esteve em abril em Viena, de modo que pode ter referido a isso pessoalmente e se comprometido a enviar um exemplar ao retornar à Inglaterra. Existe também a possibilidade de Jones ter comentado sobre o livro de Low em uma carta perdida. Há uma carta de Freud de 5 de maio agradecendo a felicitação pelo seu aniversário, mas a carta a que essa responde, enviada por Jones, parece ter se perdido.

A possibilidade de Low ter entrado em contato com Freud diretamente pode ser levantada, já que ela trabalhou na tradução de “A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher”, em 1920. Contudo, não há registro de qualquer

³⁹ A cópia de Freud do livro de Low conta com uma dedicatória da autora. Sendo assim, sabemos que ela pretendeu de fato presentear Freud com seu livro, só não temos evidência de quem o enviou a Freud.

correspondência entre os dois nesse período. Tudo ficaria novamente no campo das hipóteses, não fosse o fato de Barbara Low ter fornecido algumas informações a Eissler sobre seu contato com Freud.

Segundo ela, encontrou Freud pela primeira vez em Berlim, durante o congresso internacional de Psicanálise (que ocorreu em 1922) e conversaram na ocasião sobre autores da literatura inglesa. Ela afirma que acreditava que ele não fazia ideia de quem ela era. Ela ainda viu Freud outra vez em Innsbruck, em outro congresso, mas sem nenhum contato próximo. De toda forma, o primeiro contato foi em 1922, após a publicação de “Além do Princípio de Prazer”.

Sendo assim, se nos basearmos no relato de Low, não foi através de contato direto que Freud veio a saber de seu livro e, conseqüentemente, do princípio de Nirvana. Outra hipótese é que Eder tenha sido a ponte entre os dois. Essa possibilidade também fica descartada por não haver qualquer registro de correspondência entre Eder e Freud, o que faria qualquer afirmação sobre isso ser pura especulação.

A possibilidade mais plausível fica sendo então a de Jones, seja pessoalmente ou na carta perdida, ter comentado sobre o livro de Low. Provavelmente o interesse de Freud no livro não se devia ao princípio de Nirvana, mas ao fato de ele apresentar a teoria psicanalítica de forma simples e acessível a um público mais amplo.

3.2.3 – O princípio de Nirvana de Freud

Freud introduz o princípio de Nirvana em suas formulações sobre a teoria pulsional de forma bastante discreta. Sua primeira aparição ocorre, como já havíamos comentado, em “Além do Princípio de Prazer” (1920). Aqui, esse princípio serve para nomear a tendência a “reduzir, manter constante e suspender a tensão interna”. Alguns anos mais tarde, em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), Freud afirma que ele representa a tendência da pulsão de morte, a partir do qual os outros princípios se derivam.

Não nos parece absurdo pensar que ao se apropriar do princípio de Nirvana de Low, Freud o apresenta sob um novo prisma. A descrição que ela apresenta tem como foco a noção de um desejo de retornar ao estado de onipotência da vida dentro do útero. Para Freud, o essencial parece ser o mecanismo econômico desse desejo,

traduzido como tendência à extinção das excitações. Aparentemente, as duas versões do princípio de Nirvana são complementares.

O curioso é que no uso freudiano do conceito não há qualquer referência à ideia de onipotência que sua criadora destaca. Para Freud o foco parece ser o rebaixamento ou eliminação da tensão, que na formulação de Low aparece como estado em que não há desejos não realizados. Ficamos com a impressão de que a versão de Freud é mais sofisticada e elaborada, mas na realidade é uma reformulação, uma expansão da idéia de Low que acaba por inserir esse princípio em outro contexto, o que obrigatoriamente faz com que ganhe um novo sentido.

Assim, o princípio de Nirvana poderia parecer uma nova forma do que anteriormente era referido como princípio de constância. Se o compararmos, por exemplo, ao que Freud afirma no “Projeto de uma Psicologia” (1895) ou em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), encontraremos a proposição de que “os esforços do aparelho tinham o sentido de mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível” (Freud, 1900/1996, p. 594).

Essa forma de compreender o princípio de Nirvana só poderia ser lida em Low de forma bastante indireta, ao fazermos equivaler o estado sem desejos não realizados ao esgotamento ou suspensão da tensão. Essa parece ser a leitura de Freud e, ao fazer isso, integra o conceito de Low a sua teoria pulsional de modo irreversível. Tentaremos a seguir relacionar essa discussão do princípio de Nirvana com o que apresentamos anteriormente sobre o princípio de constância.

3.3 –Da constância ao Nirvana

Vimos no início do capítulo que Freud parece tomar as ideias de Breuer sobre o princípio de constância em um sentido diferente, em que nem sempre estava em questão a manutenção de um nível constante de excitação, mas em que a redução ou extinção dessas quantidades era o alvo final dessa tendência.

Com isso, esse princípio parecia carregar certa ambigüidade, fato que pode ser visto de forma evidente, por exemplo, na discussão apresentada por Kanzer (1983) em seu artigo “The Inconstant ‘Principle of Constancy’”. Esse autor argumenta, de modo similar ao que já havíamos apontado, que não há uma linearidade na transição entre constância e Nirvana e que em certos pontos da obra freudiana encontramos os dois sobrepostos, apesar de serem contraditórios. Numa tentativa de solucionar esse

problema, recorre ao “Projeto de uma Psicologia”, onde vê no princípio de inércia a encarnação dos dois outros, o de constância e de Nirvana.

Para acompanhar esse raciocínio, retornemos ao trecho do texto a que Kanzer se refere. Já no início, Freud apresenta o princípio de inércia nervosa, afirmando que “o neurônio aspira a libertar-se de Q” (Freud, 1895/1995, p. 10). Logo percebe que a inércia não pode ser mantida, uma vez que o organismo recebe estímulos a partir de seu interior, dos quais não pode escapar. Por essa razão, o sistema nervoso se vê forçado a abandonar a tendência originária à inércia (ou seja, de rebaixar Q a zero). O organismo “tem de permitir a ocorrência de armazenamento de Q₁ para satisfazer a exigência da ação específica” (Freud, 1895/1995, p. 11). De todo modo, Freud ainda vê nesse funcionamento “a permanência da mesma tendência, modificada no esforço de manter a Q₁ no menor nível possível, em defender-se contra a elevação, ou seja, em mantê-la constante” (Freud, 1895/1995, p. 11).

Tendo isso em vista, “todos os desempenhos do sistema nervoso devem ser considerados ou sob o ponto de vista da função primária ou da função secundária imposta pela necessidade da vida” (Freud, 1895/1995, p. 11). Kanzer (1983) acredita que aqui temos dois princípios de inércia: um primário que tende ao zero e outro secundário, que visa manter constante a excitação.

Mas ele leva seu argumento um passo além, e afirma que:

A pulsão de morte, com seu ímpeto de livrar o sistema de toda a energia, realmente renomeia o princípio de inércia nervosa, enquanto Eros, dirigido à ligação da energia e estabelecimento de relações de objeto que são tanto autoconservadoras quanto sexualmente gratificantes, se correlaciona com o sistema ampliado de inércia nervosa, que atinge constância relativa, mas deve no final sucumbir à extinção de sua energia (Kanzer, 1983, p. 858).

A proposição de Kanzer parece razoável, mas antes de aceitá-la seria prudente retornar a Freud mais uma vez e verificar se há mais algum ponto onde apoiar essa leitura. Já tivemos oportunidade de observar que, ao introduzir o princípio de Nirvana, Freud está usando um novo nome para uma descrição do aparelho que é excessivamente ampla, que ele julga estar extraído diretamente de suas formulações sobre o princípio de constância. A tendência a “reduzir, manter constante e suspender a tensão interna” (Freud, 1920/2006, p. 176) carrega em si três metas que não necessariamente coincidem.

Toda a situação se torna ainda mais complexa quando voltamos nossa atenção para a produção freudiana pós-1920. Para nosso assombro, o vemos afirmar em “O Eu e o Id” (1923) que “se por um lado o princípio de constância, (...) domina o curso da vida – que nada mais é que um deslizar para a morte –, por outro lado, são as reivindicações de Eros, (...) que se manifestam na forma de necessidades e carências pulsionais” (Freud, 1923/2007, p. 55).

Não bastasse isso, em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), Freud aponta que “nosso aparelho psíquico teria a função de reduzir a zero a soma de excitações que a ele afluem ou, pelo menos, de mantê-la a menor possível” (Freud, 1924/2007, p. 105). Segundo ele, essa tendência teria o nome de princípio de Nirvana. Prossegue indicando que até então o princípio de prazer e de Nirvana eram equivalentes e que estariam ambos a serviço das pulsões de morte, que visam o retorno ao inorgânico.

Nesse trecho, Freud se mostra, por estranho que possa parecer, um péssimo leitor de si mesmo. Como já constatamos em nossa análise de “Além do Princípio de Prazer, ele supõe que “o princípio de prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte” (Freud, 1920/2006, p. 181).

Mas não fica evidente em momento algum essa “total identidade” (Freud, 1924/2007, p. 106) entre princípio de prazer e de Nirvana. Por sorte, Freud logo apresenta uma nova argumentação que visa esclarecer exatamente esse ponto, ao investigar a relação entre os dois princípios de forma mais cuidadosa. O princípio de Nirvana, sofrendo ação das pulsões de vida, passa a dividir a regulação dos processos vitais com o de prazer. Dessa forma, “o princípio de Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de prazer representa a sua transformação em reivindicação da libido; e o princípio de realidade, a influência do mundo exterior” (Freud, 1924/2007, p. 106).

Com isso, a confusão parece de algum modo se dissipar. Temos agora três princípios claramente distintos e sabemos a que forças atendem. A solução freudiana parece satisfatória, embora tenha exigido de nós uma enorme tolerância às contradições e incertezas com que nos deparamos até chegar a esse ponto.

Mas não relaxemos ainda. Resta um aspecto do conceito de pulsão de morte que permanece inexplorado e que nos força à investigação de duas outras fontes citadas por Freud. Trata-se da relação da pulsão de morte com a

agressividade/destrutividade, que encontra apoio nos textos de Adler e Spielrein, que abordaremos no capítulo seguinte.

Capítulo 4 – Agressividade, Destrutividade e Pulsão de Morte

Até aqui fomos guiados em nossa investigação sobre as origens da pulsão de morte pela suposição de que ela está baseada na constatação de uma compulsão à repetição que obedece a uma tendência à regressão e que, no fim das contas atende a uma função: livrar o aparelho de tensão (princípio de Nirvana). Ao analisar cada um desses elementos, tentamos compreender as modificações que sofreram na história do pensamento freudiano e, de modo simultâneo, aprofundar a leituras das fontes que o próprio Freud cita em “Além do Princípio de Prazer” e que se relacionavam com estes temas.

Entretanto, há dois autores citados por Freud que merecem ainda nossa atenção⁴⁰, apesar de o tom da discussão que apresentam acabar extrapolando o que se compreendia por pulsão de morte no texto freudiano de 1920. São ele: Alfred Adler, que aborda a noção de uma pulsão agressiva, e Sabina Spielrein, cujas hipóteses seriam difíceis de resumir em poucas linhas, mas que parecem adiantar vários pontos debatidos por Freud.

Começaremos por Adler e seu texto “The Aggression Drive in Life and in the Neurosis”, de 1908. Para isso teremos também de passar brevemente pela história da agressividade na obra freudiana.

4.1 – Adler, Freud e a pulsão agressiva

Embora Adler já seja um personagem relativamente conhecido, talvez possamos tirar proveito de algumas informações sobre sua vida, em especial de seu período de contato com Freud. Já que os incontáveis relatos da controvérsia entre Freud e Adler tendem a retratar cada um deles como heróis desbravadores ou vilões traiçoeiros, dependendo de quem os tenha escrito, nos apoiaremos essencialmente em três obras que são, a maior parte do tempo, imparciais e mantêm do início ao fim uma postura crítica, essencial nesses casos. São elas: “A Controvérsia Freud-Adler”, de

⁴⁰ Já havíamos indicado, mas não é exagerado lembrar, que na verdade Freud cita ainda outros autores que optamos por não incluir em nossas discussões. Seja por desviarem demais o rumo de nossa argumentação, por dificuldade de acesso ao texto, ou simplesmente por não acrescentarem nada de particularmente interessante ao debate, Rank, Marcinowski, Pfeifer e Jung ficaram de fora de nosso trabalho.

Handlbauer; “Discovering the Mind – Freud versus Adler and Jung”, de Kaufmann e “In Freud’s Shadow”, de Stepansky.

De forma resumida, Adler teve contato com Freud em 1902⁴¹, sendo um dos membros originais do primeiro grupo que se reunia para discutir psicanálise e que veio a ser conhecido como “Sociedade Psicológica das Quartas-feiras”. Composta por cinco membros, contava com a participação de Rudolf Reitler, Max Kahane, Wilhelm Stekel (que supostamente foi quem sugeriu a criação do grupo), além dos já referidos Alfred Adler e Sigmund Freud.

Adler fez parte desse grupo até 1911. Nesse ano, após três meses de discussões detalhadas na “Sociedade Psicanalítica de Viena”, suas teorias foram declaradas como incompatíveis com as de Freud. Isso levou à retirada de Adler da sociedade, sua demissão como presidente (cargo que ocupava na ocasião) e diversos membros se desligaram do grupo em solidariedade a ele. Posteriormente Adler constituiu seu próprio grupo e desenvolveu sua teoria de forma independente, que veio a ser conhecida eventualmente como “Psicologia Individual”⁴².

Mas mesmo antes desse rompimento dramático, diferenças teóricas já podiam ser sentidas. Se tomarmos unicamente o texto que debateremos em seguida, que foi publicado em 1908 (portanto três anos antes da saída de Adler), podemos vislumbrar o quanto existia de distância entre as teorias de ambos já nessa data.

4.1.1 – A pulsão agressiva de Adler

A citação que Freud faz de Adler em “Além do Princípio de Prazer” (1920) é bastante curiosa. Ela é introduzida numa parte em que discute a existência de outras pulsões do eu, para além das “pulsões libidinais de autoconservação”. Após lamentar a dificuldade de demonstrar a existência de tais pulsões, afirma que “é possível também que as pulsões libidinais do Eu estejam conectadas, segundo a expressão de

⁴¹ O relato, já lendário, de como se deu esse encontro é o seguinte: supostamente Freud leu uma defesa de Adler de “A Interpretação dos Sonhos” em um jornal de Viena e, impressionado, enviou a ele um pequeno cartão postal convidando para a reunião em sua residência. Ver Stepansky (1983, p.81-2) para uma visão crítica desse episódio.

⁴² Um relato ligeiramente mais extenso pode ser encontrado em Handlbauer (2005, p.147-157) ou em versão ainda mais detalhada, Stepansky (1983, p.112-149).

Alfred Adler, ‘limitadas’, de uma maneira peculiar a essas outras pulsões do Eu ainda desconhecidas por nós”⁴³ (Freud, 1920/2006, p. 174).

Essa curta referência é removida do texto a partir da segunda edição, de 1921. Além disso, parece estranho Freud indicar a leitura de um texto de Adler que trata da pulsão agressiva sem que ele próprio faça qualquer comentário sobre isso e se refira exclusivamente a uma expressão que Adler usava para definir a união de pulsões (confluência), o que não é, nem de longe, o ponto principal do texto citado.

Temos de suspeitar que há algo mais em questão, especialmente levando em conta o fato de que, como veremos adiante, Freud parece modificar sua forma de pensar a agressividade e talvez se aproxime da visão de Adler, que havia rejeitado na época em que este a apresentou. Tudo isso se torna ainda mais curioso ao notarmos que apenas poucas linhas após citar Adler em “Além do Princípio de Prazer”, Freud inicia uma discussão que resulta na reformulação de sua visão sobre o sadismo e o masoquismo. Voltaremos a isso adiante.

O texto de Adler a que Freud se refere, “The Aggression Drive in Life and in the Neurosis” foi originalmente publicado em 1908 em *Fortschritte der Medizin*⁴⁴ em 1908⁴⁵. Antes de publicá-lo, Adler leu esse trabalho em abril desse ano no Congresso de Salzburg e também debateu o tema diante da Sociedade Psicanalítica de Viena em junho. Esse texto apresenta alguns desdobramentos das teorias de Adler sobre inferioridade do órgão, que ele já vinha debatendo com seus colegas vienenses e que havia publicado no ano anterior. Avancemos para a análise do texto.

Adler aponta que ao examinarmos o sadismo e o masoquismo, geralmente partimos das manifestações sexuais que estão misturadas com as tendências cruéis. Contudo, segundo ele, esse fenômeno tem como fonte duas pulsões que se entrecruzam: a pulsão sexual e a pulsão agressiva. Tais cruzamentos são comuns e ele cita alguns exemplos (pulsão de comer unida à pulsão visual e do olfato). Para ele praticamente toda pulsão está conectada de modo similar a uma ou mais pulsões.

⁴³ Para uma versão alternativa desse trecho: “É possível, na verdade, que os instintos libidinais do ego possam estar vinculados de maneira peculiar, por confluência instintual, para tomar de empréstimo uma expressão utilizada por Adler, a esses outros instintos do ego que ainda nos são estranhos”. (Freud, 1920/1996, p. 64)

⁴⁴ Progressos da Medicina.

⁴⁵ O texto também apareceu em 1908 em *Heilen und Bilden* (Curar e Formar), e novamente em 1922, com alguns comentários adicionais. Esta última é a versão que foi traduzida para o inglês e que usamos de base em nossa discussão.

Daí se depreende, também, que para Adler o termo pulsão “deve significar não mais que uma abstração, a soma de funções elementares de um órgão particular e os nervos relacionados”⁴⁶ (Adler, 1908/2003, p.62). A meta de uma pulsão é a gratificação do órgão e a obtenção de prazer do ambiente.

Já vemos aí que para ele o conceito de pulsão é muito mais amplo do que para Freud. Ele passa a analisar as características das pulsões e suas manifestações. Nesse ponto, parte de suas descrições são muito similares ao que Freud apresenta em 1915, em “Pulsões e Destinos da Pulsão”.

Por exemplo, Adler comenta que as pulsões podem sofrer uma reversão em sua direção (pulsão de comer se tornando rejeição de comida); pode mudar de alvo (amor ao pai passa a ser dirigido ao professor); pode retornar a si mesmo (numa descrição similar a um investimento narcísico) e por último aponta que uma pulsão pode emprestar força a outra mais intensa.

Na discussão que se segue, Adler se afasta um pouco mais da teoria freudiana. De acordo com seu pensamento, cada pulsão poderia ser rastreada até a função primária do órgão. Isso, por si só, já fragmenta a noção de pulsão de modo impressionante. De toda forma, não está também totalmente desligada da psicanálise da época, já que temos uma proposição semelhante em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, com a ideia de pulsões parciais.

Mas o passo seguinte de Adler é talvez o mais marcante de sua posição (e possivelmente a que depois tornou impossível sua manutenção no campo psicanalítico). Ele afirma que o prazer sexual só pode ser atribuído às sensações referentes aos órgãos sexuais. Somente através de um entrecruzamento pulsional esse prazer pode ser associado a outros órgãos. Apesar de isso ser a conclusão lógica de sua hipótese, tal proposição tira a predominância da sexualidade nos processos psíquicos e restringe o termo “sexual” à atividade propriamente genital, num movimento absolutamente contrário à teoria freudiana.

Adler prossegue, agora abordando o que já havia apresentado em seu “Study of Organ Inferiority”, de 1907⁴⁷. Ele apresenta a ideia da inferioridade do órgão e do movimento de compensação que advém daí. Ao que parece, o órgão inferior é

⁴⁶ “Drive should mean no more than na abstraction, a sum of elementary functions of the particular organ and its related nerves”.

⁴⁷ A ideia da inferioridade do órgão era muito valorizada por Adler, mas para os fins de nossa argumentação tem pouca utilidade. Mais informações a esse respeito em Adler (1907/2003), “A Study of Organ Inferiority”.

inicialmente incapaz de obter a gratificação e isso causa um desenvolvimento exagerado de sua “superestrutura” psíquica, já que ao órgão também estará ligada uma pulsão intensa. Ele então tenta apresentar exemplos dessa hipótese de um órgão inferior resultando em atividade mais intensa dele como forma de compensação, algo que não é necessário detalhar aqui.

Nesse momento, ele introduz a discussão sobre a pulsão agressiva. De acordo com Adler:

Notamos que a criança assume uma atitude com relação ao mundo exterior começando em seu primeiro dia (o primeiro choro), uma atitude que não pode ser descrita de nenhum outro modo a não ser hostil. Se procurarmos por uma explicação, perceberemos que essa atitude é determinada pela dificuldade de gratificar o órgão. Esta circunstância, assim como outras interações da atitude agressiva e hostil do indivíduo com relação ao seu ambiente, torna possível reconhecer que o impulso para lutar por gratificação, que eu chamarei de ‘pulsão agressiva’, não é diretamente ligado ao órgão com sua tendência a obtenção de prazer⁴⁸ (Adler, 1908/2003, p.66).

A pulsão agressiva, portanto, não é ela própria ligada a um órgão em particular (algo em desacordo com as proposições do autor até o momento), mas surge da impossibilidade de gratificação de outras pulsões. Para Adler a agressividade se liga mais intimamente a pulsões primárias, que demandam gratificação mais imediata (fome, sede, pulsão sexual).

Apesar de aparentemente ser uma categoria de pulsão diferente das outras, a pulsão agressiva está sujeita aos mesmos destinos já discutidos no início do artigo. A diferença, porém, é que se levarmos a sério a proposta de Adler, a agressividade terá necessariamente um papel predominante na vida psíquica, já que ela surgirá sempre que uma outra pulsão esteja insatisfeita, e é capaz de agir de modo mais independente, já que não está restrita à gratificação de um órgão. Sendo assim, ficamos com a impressão de que o modo como o indivíduo lida com a pulsão agressiva terá impacto bastante amplo em toda sua organização psíquica.

Para além de nossa breve apresentação sobre esse artigo, talvez seja interessante incluir alguns comentários que foram feitos quando Adler debateu estas ideias diante da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 3 de junho de 1908.

⁴⁸ “We find that the child assumes an attitude toward the outside world beginning on its first day (the first cry), an attitude that cannot be described in any other way but hostile. If one looks for an explanation then one will find that this attitude is determined by the difficulty in gratifying the organ. This circumstance, as well as other interactions of the hostile aggressive attitude of the individual toward his environment, make it possible to recognize that the drive to struggle for gratification, which I shall name ‘aggression drive’ is not directly attached to the organ with its tendency to gain pleasure”.

Nas atas dessa reunião, encontramos o comentário de Freud, à primeira vista surpreendente, de que ele concorda com a maioria do que foi dito, mas aponta que “o que Adler chama de pulsão agressiva é nossa libido”⁴⁹ (Nunberg & Federn, 1962, p. 408). O comentário seguinte, de Federn, parece muito mais sensato: não é a intenção de Adler fazer equivaler pulsão agressiva e libido. “Na visão de Adler, é a frustração das várias formas de obter prazer que torna a criança agressiva”⁵⁰ (Nunberg & Federn, 1962, p. 409). Adler toma a palavra pouco depois, mas não toca nesse ponto em particular. Ao final, as atas registram apenas que “um longo debate se seguiu a respeito da identidade ou diferença entre a pulsão agressiva de Adler e nossa libido”⁵¹ (Nunberg & Federn, 1962, p. 410).

4.1.2 – A pulsão agressiva de Adler na visão de Freud

Levando em consideração o comentário que fazia equivaler a pulsão agressiva de Adler à libido, ficamos com a impressão de que talvez Freud tenha, inicialmente, compreendido mal o que Adler propunha, ou tenha tentado integrar de alguma maneira as ideias contraditórias que surgiram nesse debate. Entretanto, em 1909 já aborda essa questão de forma mais lúcida, ao comentar brevemente a noção de pulsão agressiva de Adler no caso do pequeno Hans. Nesse texto, afirma:

Não posso convencer-me a aceitar a existência de um instinto agressivo especial ao lado dos instintos familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destes. Parece-me que Adler promoveu erradamente a um instinto especial e auto-subsistente o que é, na realidade, um atributo universal e indispensável de todos os instintos – o seu caráter instintual [*triebhaft*] e ‘premente’, o que poderia ser descrito como sua capacidade para iniciar movimento (Freud, 1910/1996, p.125).

Numa nota acrescentada a esse trecho em 1923, chega a reconhecer que foi “obrigado a afirmar a existência de um ‘instinto agressivo’, mas este é diferente do de Adler”. Segundo Freud, seria preferível “chamá-lo de instinto destrutivo ou de instinto de morte”⁵² (Freud, 1910/1996, p.125).

⁴⁹ “What Adler call aggressive drive is our libido”.

⁵⁰ “In Adler’s view, it is the frustration of various ways of obtaining pleasure that makes the child aggressive”.

⁵¹ “A long debate follows on the identity of or the difference between Adler’s aggressive drive and our libido”.

⁵² Com relação à concordância ou discordância das hipóteses de Adler com o pensamento de Freud, ver Stepansky, “In Freud’s Shadow” (em especial as páginas 42-46) e também Handlbauer, “A

Apesar dessa afirmação de Freud, seria necessário investigar ainda outros aspectos da pulsão de morte antes de aceitar essa equivalência entre ela e a pulsão agressiva, mesmo em sua versão freudiana.

4.1.3 – O tema da agressividade em Freud

Se tomarmos a discussão de Freud sobre a pulsão de morte apenas em “Além do Princípio de Prazer”, teremos muito pouco a dizer sobre o tema da agressividade. Há uma breve passagem, no trecho em que está tentando compreender a brincadeira de arremessar os objetos de seu neto, em que levanta a hipótese de que esse ato atende a certos impulsos hostis ou de vingança, mas não insiste nesse rumo e logo abandona o argumento.

Somente muito adiante, quando está buscando alguma manifestação clara das pulsões de morte, é que Freud retorna a esse problema. Analisando a “polaridade entre o amor (ternura) e o ódio (agressão)” (Freud, 1920/2006, p. 174), ele nos remete à proposição já conhecida desde os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” a respeito da existência de um componente sádico na pulsão sexual.

Já que o pressuposto de “uma pulsão sádica que visa a prejudicar o objeto” (Freud, 1920/2006, p. 174) parece contradizer a meta das pulsões de vida, não seria correto pensar nela como componente da pulsão sexual. Freud levanta, então, a hipótese de esse sadismo ser na realidade a pulsão de morte que foi afastada do Eu pela libido narcísica, fazendo com que ela se manifestasse no objeto. “De fato, poderíamos dizer que foi o sadismo anteriormente expulso do Eu que indicou aos componentes libidinais da pulsão sexual o caminho em direção ao objeto” (Freud, 1920/2006, p. 175).

Desse fato, se deduz também que a forma de pensar o masoquismo deve ser reformulada. Assim, “além do masoquismo secundário que retorna ao Eu, poderia também existir um masoquismo primário que emana do Eu” (Freud, 1920/2006, p. 175). Com isso, Freud considera ter fornecido exemplos da manifestação da pulsão de morte, apesar de serem exemplos de pulsão de morte deslocada.

Vemos, desse modo, que o tema da agressividade é abordado apenas tangencialmente nesse texto. Teremos de avançar na leitura de alguns trabalhos de

Controvérsia Freud-Adler” (páginas 64-73), que inclusive parece concordar com o rumo de nossa própria discussão.

Freud posteriores a 1920, para compreender de que maneira a pulsão de morte veio a ser efetivamente amarrada à agressividade e destrutividade. Mas antes, será prudente investigar como Freud pensava essa questão desde seus primeiros trabalhos.

Podemos nos valer dos comentários editoriais de Strachey que antecedem “O Mal-estar na Civilização” para rastrear parte das mudanças de opinião de Freud a respeito da agressividade, sadismo e temas relacionados.

Inicialmente, as tendências agressivas eram abordadas como ligadas de modo não muito claro às pulsões sexuais. Vemos Freud, nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, afirmar que “o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (Freud, 1905/1996, p. 149). Nesse trecho, fica claro que os impulsos agressivos são componentes da libido e que somente em certas circunstâncias se separam dela e se tornam autônomos.

Entretanto, Freud parece abrir caminho para outra forma de pensar a questão ainda nos “Três Ensaios”. Em uma seção, em que discute as pulsões parciais de prazer de ver e de exhibir, bem como a de crueldade, indica que elas “aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas” (Freud, 1905/1996, pp. 180-181).

Ele parece, de fato, não saber exatamente como integrar os impulsos agressivos às suas teorizações. Poucas linhas abaixo, após fazer um breve comentário sobre as pulsões ligadas ao prazer de ver, afirma que “com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual” (Freud, 1905/1996, p. 181). Aqui, fica evidente a dificuldade de localizar a origem da agressividade. Ela é independente da sexualidade ou apenas um componente da libido?

A saída de Freud mantém ainda em suspenso o problema, já que, de acordo com ele, “podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior” (Freud, 1905/1996, p. 181). Isso não esclarece muita coisa, a menos que estejamos dispostos a supor que a pulsão de dominação tem relação com as pulsões de autoconservação (como parece fazer Strachey), o que seria uma afirmação possível,

mas que pediria uma investigação mais detalhada, que extrapola os limites de nossa pesquisa⁵³.

De toda forma, notamos que Freud não parece pretender alçar os impulsos agressivos à categoria de uma pulsão independente. Tanto que já o vimos se opor a isso no trecho de “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos” (1909), que citamos anteriormente.

Essa situação parece ser mantida ainda por um bom tempo. Em “Além do Princípio de Prazer”, já indicamos como ele revê suas explicações a respeito do sadismo e masoquismo à luz da pulsão de morte e, como isso, aparentemente, abre caminho para um novo modo de pensar a agressividade, posteriormente.

Nos anos imediatamente seguintes a 1920 já podemos sentir uma mudança no lugar ocupado pela agressividade, uma vez que ela está agora ligada à pulsão de morte. Em “O Eu e o Id” (1923), o tema reaparece em vários momentos. Em determinado trecho, Freud afirma que as pulsões de morte são, em parte, “tornadas inofensivas ao serem misturadas com componentes eróticos, em parte elas são desviadas para fora, na forma de agressão” (Freud, 1923/2007, p. 61). Em seguida propõe que é possível que, através do redirecionamento da agressividade contra o próprio Eu, o Ideal-de-Eu se torne ainda mais severo.

Em um sentido parecido, Freud aponta em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924) que, “direcionada ao mundo externo, a pulsão de morte passaria, então, a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou como vontade de exercer poder” (Freud, 1924/2007, p. 109). Nas passagens que destacamos, a pulsão agressiva ou de destruição surge como um direcionamento da pulsão de morte (seja para o mundo externo, seja retornando ao Eu). É exatamente nesse contexto que se insere a nota de Freud ao caso Hans, em que afirma ter sido forçado a reconhecer a existência de uma pulsão agressiva, mas que seria preferível chamá-la de pulsão destrutiva ou de morte⁵⁴.

Aparentemente, Freud continua sustentando essa equivalência e inclusive faz um amplo debate a respeito do redirecionamento das tendências agressivas em “O

⁵³ Para algumas informações que ajudam a esclarecer o modo como Freud passa a encarar essa questão, ver o início da seção VI de “O Mal-Estar na Civilização” (1930/1996), em especial pp.121-3.

⁵⁴ De modo praticamente idêntico, afirma em “O Mal-Estar na Civilização” que “parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade” (Freud, 1930/1996, p. 123).

Mal-Estar na Civilização” (1930), onde ele vê a agressividade como o maior impedimento à civilização.

Desse modo, se, inicialmente, a possibilidade da existência de uma pulsão agressiva era descartada claramente por Freud, isso não significa que ele não tentasse dar algum tratamento ao tema da agressividade. Mesmo antes de Adler ter proposto sua própria versão da pulsão agressiva, Freud já se ocupava com o problema do componente sádico da libido e de como ele não parecia poder ser totalmente mantido no campo da pulsão sexual.

Talvez a rejeição das ideias de Adler por Freud tenha contribuído para a manutenção em segundo plano de todo o debate sobre os impulsos ou tendências à agressão, que acabavam aparecendo de forma apenas secundária ou como acessório para outro tipo de argumentação. A postura um tanto ambivalente de Freud com relação à pulsão agressiva de Adler, pode até mesmo ter relação com a referência a ele em “Além do Princípio de Prazer” e sua subsequente remoção.

Quando, após a constituição do conceito de pulsão de morte, surge um lugar para a agressividade e a destrutividade na teoria psicanalítica, vemos que Freud não se incomoda em explorar a questão em diversos contextos. Temos de reconhecer, contudo, que no fim das contas sua pulsão agressiva acaba se aproximando da de Adler (sem ser equivalente a ela, obviamente) e, mesmo assim, ela é mantida como uma forma deslocada de manifestação da pulsão de morte; não sendo, dessa maneira, uma pulsão em si mesma.

Ainda nos resta analisar a obra de Spielrein, que também aborda o problema da agressividade e destrutividade em alguma medida. Reservamos essa discussão para o final, porque seu texto trata, na verdade, de uma série de outros temas paralelos e se desdobra em muitas direções interessantes, que pretendemos acompanhar com o máximo de detalhamento possível.

4.2 – Spielrein e a pulsão destrutiva

Spielrein é citada por Freud, em uma nota de rodapé, ao analisar a possibilidade de um masoquismo primário:

Em um trabalho rico em conteúdo e articulação, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma

grande parcela desta especulação. Ela caracteriza os componentes sádicos da pulsão sexual como os destrutivos (Freud, 1920/2006, p. 196).

E assim permaneceu o nome de Sabina Spielrein, relegada a uma nota de rodapé com um elogio ambíguo e uma interpretação limitada de seu texto. Mesmo tendo escrito e publicado mais de 30 artigos, em um intervalo de cerca de 20 anos, muito pouco é conhecido e debatido sobre seus textos. Quase invariavelmente ela é recordada por seu envolvimento com Jung e, mais raramente, devido à nota de rodapé de Freud.

Embora nossa intenção seja tomar como foco a contribuição de Spielrein para a criação da pulsão de morte, teremos de passar brevemente pela literatura que se produziu a seu respeito desde a década de 70.

4.2.1 – Um resumo da literatura sobre Spielrein

Até o ano de 1977, Sabina era uma figura sem qualquer destaque na história da Psicanálise. Nesse ano, documentos encontrados em Genebra trouxeram à tona material até então desconhecido e que ajudava a recuperar um episódio nebuloso dos primórdios da Psicanálise.

Estes documentos eram cartas trocadas entre Spielrein e Jung, Spielrein e Freud, seu diário de 1909 a 1912 e cartas de outras pessoas (Bleuler, Rank, Stekel, etc). Tendo acesso a esse material, Carotenuto publicou em 1984 “Diário de uma Secreta Simetria”, em que narrava a trágica história de Sabina – paciente, aluna e amante de Jung.

Desse ponto em diante, um crescente interesse pela autora mobilizou freudianos e junguianos, fazendo que diversos artigos aparecessem nas décadas seguintes.

Em 1993, Kerr publica “Um Método Muito Perigoso”, ampliando a pesquisa de Carotenuto e fornecendo um relato mais detalhado da relação de Spielrein com Jung e Freud. No mesmo ano, Kress-Rosen publica “Trois figures de La passion”. Em 1996, Lothane publica “In Defense of Sabina Spielrein”, em que argumenta de forma contrária a Carotenuto e Kerr. O autor critica, principalmente, um suposto diagnóstico de psicose que ambos impuseram sobre Spielrein, com o efeito de desvalorizar suas contribuições teóricas e seu real valor de pioneira da Psicanálise.

Em 2001, O Journal of Analytical Psychology lança uma edição dedicada a Spielrein com contribuições de diversos autores, entre eles Covington, Cifali, Wharton, Minder e Graf Nold. Dois anos depois, artigos desse volume foram reunidos por Covington e Wharton em um livro “Sabina Spielrein – Forgotten Pioneer of Psychoanalysis”, que contava com trechos inéditos do diário de Spielrein, documentos referentes a sua internação no Burghölzli e textos de Richebächer, Kress-Rosen, Cremerius e Vidal. Ainda em 2003, Orellana e Ruiz publicam “Sabina Spielrein, La primera mujer que enriqueció la teoría psicoanalítica”. Em 2005, Richebächer publica “Sabina Spielrein”, uma biografia, extremamente detalhada, traduzida para diversos idiomas (inclusive para o português, em 2012).

No contexto da produção brasileira, temos como principal fonte os trabalhos de Cromberg⁵⁵. Sua tese de doutorado “O Amor que Ousa Dizer seu Nome” é provavelmente a obra mais completa existente em língua portuguesa. A autora também está trabalhando na publicação das obras completas de Spielrein em português, com comentários detalhados de seus textos. Ao que parece, quando publicada, será a única edição com todos os textos de Spielrein, além da alemã, publicada em 2002.

De modo geral, as publicações que abordavam a vida e obra de Spielrein focavam, inicialmente, no aspecto escandaloso de sua história, dando ênfase a sua relação com Jung e na intervenção de Freud na questão. Aos poucos, os diversos autores passaram a tomar como foco a própria produção spielreiniana e a partir daí destacavam seu papel não só na criação da pulsão de morte, mas como pioneira na análise de crianças, no tratamento da esquizofrenia e nas teorias sobre o surgimento da linguagem.

4.2.2– Breve relato biográfico

Sabina Nikolaievna Spielrein nasceu em Rostov, na Rússia, em 1885. Em agosto de 1904 é internada no Burghölzli, hospital psiquiátrico suíço, dirigido por Bleuler, onde Jung trabalhava. Esteve em tratamento nessa instituição até junho de 1905. Nesse ano, inicia o curso de Medicina, que conclui em 1911. De sua internação

⁵⁵ Há alguns outros autores brasileiros que também se interessaram pela obra de Spielrein. Ver, por exemplo, “Contribuições de Sabina Spielrein à Psicanálise” (2012), de Holst e Nunes e também “Sabina Spielrein – Do que não se pode falar, do que não se pode saber...” (2012), de Peres.

até sua partida para Viena em 1911 desenvolveu um contato com Jung que a levou de paciente a amiga e, posteriormente, amante (Richebächer, 2012).

Para os nossos propósitos, não é necessário nos perdermos em detalhes da relação entre ambos. Bastará acompanharmos Lothane (2003), que pensa o contato entre ambos dividido em três momentos: o tratamento (1904-1905); o aprofundamento da amizade (1906-1908) e a relação erótico-sensual (1909-1910). Isso não significa que eles tenham cortado relações totalmente após essa data, mas que, de 1911 em diante, a correspondência versa mais sobre questões científicas e teóricas e, como Spielrein já não morava mais em Zurique, o contato também se tornou mais distante.

Spielrein se muda para Viena em 1911, onde participa da Sociedade Psicanalítica de Viena. No ano seguinte se casa e vai morar em Berlim, onde permanece até 1914. Volta a viver na Suíça, primeiro em Lausanne e, posteriormente, em Genebra, onde trabalha com Claparède e Piaget. Em 1923 retorna à Rússia e passa a trabalhar na Sociedade Psicanalítica Russa e no Instituto Estatal de Psicanálise. Morre em 1942, durante a invasão dos nazistas a Rostov (Richebächer, 2012).

Na verdade, o período que nos interessa é o da escrita e publicação de “A Destruição como Origem do Devir”, ou seja, teremos de localizar, se possível, quando ela começou a redigi-lo e avançar a partir daí.

Se seguirmos a hipótese de Moll (2003) sobre a data do diário de Spielrein, teremos de supor que, embora ainda não estivesse de fato redigindo o seu trabalho em 1906-1907, algumas das ideias já se anunciavam. Vemos, por exemplo, Spielrein declarar que “a pulsão é sempre de morte, aniquilação da personalidade, dois indivíduos fundidos em um”⁵⁶. E acrescenta que “é dessa forma que podemos explicar as numerosas representações da pulsão como força destrutiva, demoníaca”⁵⁷ (Moll, 2003, p. 21).

De um modo um pouco mais elaborado, encontramos também uma argumentação similar em um trecho de uma carta a Freud, de 1909:

Esta força demoníaca, que na sua essência é a destruição (o Mal) e, ao mesmo tempo, é também força criativa, dado que da destruição (de dois indivíduos) nasce um novo indivíduo. Este é, precisamente, o instinto

⁵⁶ “(...) the instinct is always one of death, the annihilation of the personality, two individuals fused into one”.

⁵⁷ “This is how one can explain the numerous representations of the instinct as a destructive force, demonic...”.

sexual, que na sua essência é um instinto de destruição e aniquilamento para o indivíduo singular e, também por isto, em minha opinião, deve superar em todo homem uma forte resistência... (Carotenuto, 1984, p. 183).

Também nos trechos do diário de Spielrein de 1909-1912 podemos localizar referências, agora bem mais diretas, a um novo trabalho sobre a pulsão de morte⁵⁸. Isso nos leva a crer que, embora algumas das idéias contidas em seu texto de 1912 já possam ser vistas em estado ainda inicial desde 1906 (aproximadamente), só foram efetivamente começar a ser sistematizadas por Spielrein por volta de 1910.

Em 1911, quando escreve “Sobre o Conteúdo Psicológico de um Caso de Esquizofrenia”, já está claramente envolvida na escrita de seu trabalho seguinte. Isso fica evidente, por exemplo, em uma carta que Jung escreve a ela (de julho de 1911) em que afirma estar ansioso pelo novo trabalho dela.

Durante boa parte do ano de 1911, o texto sobre a pulsão de morte será alvo de discussões entre Jung e Spielrein. Jung a estava ajudando na redação do texto, que seria publicado no *Jahrbuch*⁵⁹, mas Spielrein se queixava constantemente de que ele estava demorando a lê-lo, e atrasando sua publicação. Após sua mudança para Viena, pede a Jung que devolva o texto para preparar sua apresentação para a Sociedade Psicanalítica de Viena, que aconteceu em 29 de novembro de 1911.

A apresentação, intitulada “On Transformation”, tentava expor a hipótese central de um componente destrutivo da pulsão sexual recorrendo em sua maioria a elementos da mitologia e literatura. As ideias apresentadas ali não foram muito bem recebidas, e a discussão culminou na declaração de Spielrein, ao final da reunião, de que havia falhado em sua tentativa de demonstrar os pontos fundamentais de sua teoria e que isso havia prejudicado o debate. Ela ainda tenta esclarecer algumas ideias centrais, mas sem se alongar no assunto (Nunberg & Federn, 1974).

No ano de 1912, finalmente, parece considerar o trabalho concluído. Ela o envia a Jung: “Receba agora o fruto de nosso amor, o trabalho (...) seu filhinho Siegfried. (...) Quando tiver impresso o trabalho, vou considerar que minha obrigação para com você e com seu filhinho estará cumprida” (Richebächer, 2012, p. 175). Logo após, comunica a Jung que depois de enviar o texto a ele, descobriu um livro de

⁵⁸ Ela se refere a isso em vários trechos, em especial no mês de setembro de 1910. Ver Carotenuto, p. 204, p. 208 e p. 216 para alguns exemplos.

⁵⁹ *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen* (Anuário de Pesquisa Psicanalítica e Psicopatológica).

Stekel que adianta parte de suas ideias e novamente se sente na obrigação de fazer novas correções. O texto é publicado em 1912.

4.2.3 – A destruição como origem do devir

Spielrein parte de uma pergunta: “por que essa tão poderosa pulsão, a pulsão de procriação⁶⁰, esconde, ao lado dos sentimentos positivos que são esperados a priori, também outros negativos como angústia, aversão, os quais na verdade precisam ser superados para que possamos chegar ao ato positivo?” (Spielrein, 1912/2014, p.229).

Na tentativa de compreender esse fato, apresenta a posição de alguns autores (Stekel, Gross, Freud e Bleuler), mas parece insatisfeita com as explicações fornecidas por eles. Passa então a Jung, que cita de modo bastante detalhado, para em seguida afirmar que “o afeto de angústia é normal, o qual passa ao primeiro plano dos afetos de recalçamento quando a possibilidade da realização de desejo surge pela primeira vez” (Spielrein, 1912/2014, p.230). E prossegue afirmando que “é uma forma muito específica de angústia: a pessoa sente o inimigo em si mesmo, é o próprio fogo da paixão que a obriga, com férrea inexorabilidade, àquilo que não quer” (Spielrein, 1912/2014, pp.230-1).

Para compreender essa contradição, presente na experiência sexual, recorre aos fatos retirados da biologia. Segundo ela, no ato de procriação as células masculina e feminina se unificam e nesse processo são aniquiladas. Somente a partir dessa aniquilação é possível surgir uma nova vida. Ela chega a citar exemplos de alguns seres vivos em que a reprodução e a morte coincidem de fato.

Pensando em seres vivos mais complexos, é verdade que a procriação não resulta na morte do indivíduo, mas as células sexuais se extinguem como unidades e estas representam todo o indivíduo no ato sexual. Desse modo, durante a cópula dois indivíduos se unificam; um é diluído no outro e passa a ter uma outra forma, já que agora incorpora também um estranho em si.

⁶⁰ O termo utilizado, pulsão de procriação, parece ser um equivalente da pulsão sexual. Talvez a escolha desse nome tenha relação com o fato de ela querer destacar que está tratando nesse momento da pulsão sexual no contexto específico do coito. Veremos que Spielrein usa diversos nomes pouco comuns para os grupos de pulsões, mas de modo geral o sentido que ela atribui a eles fica claro no contexto de suas formulações.

Segundo Spielrein, no ato sexual “destruição e reconstrução, as quais sempre ocorrem mesmo em circunstâncias normais, ocorrem bruscamente”. Ela conclui que “assim como os próprios afetos de bem-estar associados ao devir estão presentes na pulsão de procriação, os afetos de defesa, como angústia e aversão (...) são afetos que correspondem aos componentes destrutivos do instinto sexual” (Spielrein, 1912/2014, p.232).

Abandonando a argumentação biológica, Spielrein passa ao que chama de “considerações psicológico-individuais”. Num movimento bastante brusco, seu texto adentra uma discussão sobre a diferenciação entre consciente e inconsciente. Segundo ela, não vivemos nada no presente: todo evento “é para nós apenas carregado de afetos na medida em que puder estimular conteúdos (vivências) carregados de afetos experimentados anteriormente, os quais se encontram guardados no inconsciente” (Spielrein, 1912/2014, p.232).

Nesse sentido, toda representação consciente funciona como alegoria de um conteúdo inconsciente. Isso se dá através da projeção do afeto do inconsciente sobre a representação consciente atual. Para demonstrar como cada representação consciente é acompanhada por um conteúdo inconsciente equivalente, cita um estudo de Silberer⁶¹. Nele, um pensamento consciente é acompanhado por uma imagem que funciona como um símbolo do enunciado pensado.

Através dos exemplos citados, fica claro que o símbolo fornecido pelo inconsciente é recuperado de vivências anteriores e ultrapassam o sentido específico do pensamento presente. Spielrein aponta, então, que o inconsciente tende a recuperar imagens do passado e, de algum modo, diluir a linha de pensamento atual nesse conteúdo indiferenciado. Afirma que “cada partícula do nosso ser deseja voltar a se transformar em sua fonte original, a partir da qual então o novo devir volta a emergir” (Spielrein, 1912/2014, p.235).

Spielrein percebe que há em Freud um raciocínio similar, já que os impulsos amorosos dos adultos podem ser remontados a experiências de prazer infantis e que buscamos, constantemente, experimentar novamente. Também destaca o fato de que os dois grupos de pulsões, de autoconservação e sexual (que ela denomina pulsão de conservação da espécie), se relacionam de forma muito íntima. Isso é comprovado por

⁶¹ Os exemplos de Silberer demonstram que uma linha de raciocínio consciente tem como correspondente uma imagem inconsciente que carrega o sentido pretendido e o amplia, relacionando a conteúdos provenientes de representações anteriores.

certas situações em que a satisfação de uma dessas pulsões acaba produzindo algum alívio nas excitações provenientes do outro grupo de pulsões.

O passo seguinte, embora ainda apoiado em Freud, já introduz alguns questionamentos bastante originais e que só apareceriam na obra freudiana anos depois. Para Spielrein, Freud tem razão em supor que a busca pelo prazer e evitação do desprazer são os fatores que movem o Eu consciente e inconsciente⁶². Contudo, ela questiona se a vida psíquica como um todo se dá nessa esfera do Eu: “afinal, não existem forças pulsionais em nós que colocam nosso conteúdo psíquico em movimento sem se preocuparem com o bem estar e o sofrimento do Eu?” (Spielrein, 1912/2014, p.236).

Ela se posiciona em defesa da ideia de que “a psique do Eu, inclusive a inconsciente, é guiada por moções que se encontram ainda mais profundas e não se ocupam nem um pouco com nossas reações emocionais às demandas impostas por elas” (Spielrein, 1912/2014, p.237). Como consequência dessa hipótese, ela afirma que o prazer é meramente uma reação do Eu e que, desse modo, é possível obter prazer a partir do desprazer e da dor. De acordo com Spielrein, “em nosso âmago há algo que, por mais paradoxal que isso possa soar a priori, busca esse autoprejuízo, uma vez que o Eu reage a ele com prazer” (Spielrein, 1912/2014, p.237).

Para tentar desfazer essa contradição, de um Eu que busca o prazer, mas que faz isso através da obtenção de desprazer, Spielrein cita Mach e Jung, que parecem propor que o Eu não é uma unidade. Assim, o Eu seria composto de um grande número de elementos que lutam entre si para obter prioridade. Dessa forma, “a principal característica do indivíduo consiste no fato de ele ser um indivíduo” (Spielrein, 1912/2014, p.237).

Como ela já havia notado, no nível do pensamento consciente as representações são mais diferenciadas, e quanto mais nos aprofundarmos em direção ao inconsciente, mais generalizadas e típicas elas se tornam. Portanto, “o âmago de nossa psique não conhece o ‘Eu’, mas apenas seu somatório, o ‘nós’, o Eu presente, visto como objeto, é subordinado a outros objetos semelhantes” (Spielrein, 1912/2014, p.238).

⁶² Nesse ponto Spielrein começa a esboçar uma teoria do Eu bastante peculiar e complexa, em que adianta alguns pontos que Freud só desenvolveria anos mais tarde. A própria noção de um Eu inconsciente surge como uma novidade aqui e os desenvolvimentos que apresenta a seguir também parecem bastante inovadores. Adiante, retomaremos esse ponto de modo mais detalhado.

O que Spielrein parece visar aqui, e que desenvolverá mais adiante, é evidenciar uma divisão radical entre um Eu consciente, diferenciado e um Eu inconsciente (um ‘nós’), indiferenciado. O conflito se dá entre essas duas instâncias.

Para esclarecer essa tensão entre diferenciado e indiferenciado, ela passa a apresentar exemplos de situações em que a unidade do Eu se dissolve em algum grau. Cita um homem anestesiado que percebe seu próprio crânio como algo externo, uma criança que transfere a dor em seu dedo para um cachorro, as manifestações da indiferenciação nos pensamentos do sonho e chega por fim aos fenômenos da esquizofrenia.

Nesses casos, segundo a autora, “a falta de atividade do Eu apenas faz com que nós aqui lidemos com as formas de pensamento típicas, as arcaicas e análogas” (Spielrein, 1912/2014, p.240). Se para Freud a questão na psicose é um conflito entre um movimento de retração da libido e seu investimento nos objetos, para Spielrein o conflito se dá entre a psique do Eu e a psique da espécie⁶³.

Enquanto a psique da espécie tenta transformar a psique do Eu em algo impessoal e típico, esta última se defende transferindo seu afeto para alguma outra representação. Spielrein usa esse esquema para explicar a fragmentação do Eu e as manifestações inadequadas dos afetos dos pacientes esquizofrênicos.

Esse mesmo movimento também é visto na base da criação artística. Num primeiro momento, a situação é semelhante ao que havia descrito na esquizofrenia, já que “a psique da espécie quer assimilar em si a psique do Eu, enquanto (...) cada partícula do Eu possui a ambição de se autoconservar na forma presente” (Spielrein, 1912/2014, pp. 241-2). Entretanto, o que ocorre em seguida é diferente da desintegração do Eu observada nos esquizofrênicos, uma vez que “a psique da espécie, a qual, portanto, nega o Eu atual, consegue fazê-lo de novo justamente por meio da negação, pois a partícula do Eu submersa volta a emergir travestida de novas representações, mais rica do que nunca” (Spielrein, 1912/2014, p.242).

Toda essa questão de o Eu resistir a se diluir na espécie, ao mesmo tempo em que também anseia o prazer (que pressupõe um retorno à indiferenciação dos conteúdos inconscientes) está colocada não só na criação artística, mas também na posição dos neuróticos no que diz respeito à relação sexual.

⁶³ Podemos notar que essa é, na verdade, apenas uma nova forma de descrever o conflito que já havia expressado, anteriormente, entre Eu consciente e inconsciente ou entre conteúdos diferenciados e indiferenciados. Da mesma forma, parece corresponder também à oposição entre pulsões de autoconservação e de conservação da espécie.

Aqui Spielrein está retornando aos problemas com os quais iniciou o texto, a idéia de que há simultaneamente uma tendência ao prazer que é acompanhada de um desprazer. O que ocorre na vida amorosa é que o Eu deseja se entregar totalmente a um outro, o que significaria que ele concorda em se diluir, em se deixar destruir como unidade. Acontece que “essa fase mais perigosa para o Eu da pulsão de procriação (de transformação), no entanto, vem acompanhada de um sentimento de euforia, pois ocorre uma diluição no ser semelhante amado (=no amor)” (Spielrein, 1912/2014, p.244).

A descrição do mecanismo psíquico da relação sexual que Spielrein fornece é a seguinte: quando ocorre o encontro com o objeto, o complexo de representações sexuais é satisfeito, o que equivale a dizer que ele é momentaneamente aniquilado, juntamente com a tensão que o acompanha. Essa diluição gera um sentimento prazeroso de relaxamento e felicidade, e nesse momento a pessoa é improdutiva psicologicamente. Isso não significa, porém, uma morte, já que essa paralisia diz respeito a um complexo que, após se dissolver na realização do ato, ressurge transformado, diferenciando-se da vivência original.

Ela parece colocar em oposição a esse movimento de se deixar diluir no outro para a obtenção de prazer, um movimento que poderia ser descrito como narcísico (embora ela própria não utilize esse termo). Afirma que “por meio da negação completa do objeto de amor alheio ao Eu, a pessoa apenas consegue se tornar ela mesma objeto da própria libido, com a autodestruição consequente” (Spielrein, 1912/2014, p.246).

Em seguida, Spielrein passa a citar Stekel, recorre a trechos de casos clínicos, a Nietzsche e certas obras literárias, tentando demonstrar como as idéias de vida e morte estão intimamente relacionadas em cada uma dessas fontes. Não só isso, mas também fica evidente uma certa proximidade entre amor e destruição, culminando numa discussão sobre os pólos ativo e passivo, masculino e feminino.

Nesse sentido, no homem, que tem em geral a função ativa, predominam as representações de sujeito. Na mulher, passiva, devem prevalecer as representações de objeto. A questão para o homem seria como ele ama, para a mulher, como ela é amada.

Spielrein percebe também uma outra face dessa situação, pois “segundo o componente destrutivo contido no instinto sexual, o homem que tende a ser mais ativo também tem mais desejos sádicos: ele quer destruir a amada” (Spielrein, 1912/2014,

p.253). De forma complementar, “a mulher, que se representa mais como objeto do amor, quer ser destruída” (Spielrein, 1912/2014, p.253).

Ela indica que isso tem de ser pensado de modo relativo, já que o ser humano é bissexual. Assim, também a mulher é sádica e ativa e o homem masoquista e passivo em algum grau. Após tentar demonstrar que amor e ódio são complementares, chega ao tema da ambivalência em Bleuler e o aproxima de Freud (com a significação antitética das palavras primitivas), de Stekel e sua noção de bipolaridade e também de Jung, para quem um impulso positivo sempre é acompanhado de um negativo.

Para Spielrein, esse impulsos antagônicos em geral se encontram em equilíbrio e basta uma leve predominância de um deles para que se destaque e tenhamos a impressão de que esse impulso corresponde ao que desejamos. Ela conclui que “essa teoria é muito adequada para explicar porque não enxergamos o instinto de morte no instinto sexual”. Além disso, “sob circunstâncias normais, as representações do devir devem predominar um pouco, mesmo porque o devir é resultado da destruição, é determinado pela destruição” (Spielrein, 1912/2014, p.259).

Interrompendo o texto nesse ponto, Spielrein apresenta na forma de um resumo todas as hipóteses discutidas até o momento. De acordo com ela, há em nós duas tendências opostas em ação: uma no sentido da diferenciação e outra que visa a assimilação ou dissolução. As obras de arte, os sonhos e as manifestações patológicas demonstram a ocorrência desses dois movimentos. Vemos aí uma dissolução do Eu, que é convertido em um ‘nós’. Essa dissolução, que obedece a essa tendência à assimilação, é uma expressão da pulsão de conservação da espécie (procriação). A tendência contrária, à diferenciação e preservação de uma partícula do Eu corresponde a uma expressão da pulsão de autoconservação. Retomando suas reflexões sobre a vida amorosa. Afirma: “No amor, a dissolução do Eu no ser amado é, ao mesmo tempo, a autoafirmação, uma nova vida na pessoa do ser amado” (Spielrein, 1912/2014, p.261). Portanto, “se o amor falta, então a representação de uma alteração no indivíduo psíquico ou físico sob a influência de um poder estranho é, assim como no ato sexual, uma representação de aniquilamento ou de morte” (Spielrein, 1912/2014, p.261).

E finalmente, conclui que:

A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, composta apenas de um lado positivo, a pulsão de conservação da espécie, que precisa dissolver o antigo para que o novo surja, é composta de um componente positivo e

um negativo. A pulsão de conservação da espécie é, por essência, ambivalente; por isso, o estímulo dos componentes positivos provoca, ao mesmo tempo, o estímulo dos componentes negativos, e vice-versa. A pulsão de autoconservação é uma pulsão “estática”, na medida em que deve proteger o indivíduo que já existe contra influências externas. A pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica” que anseia pela alteração, pela “ressurreição” do indivíduo em uma nova forma. Nenhuma alteração pode acontecer sem o aniquilamento do estado antigo (Spielrein, 1912/2014, p.261).

A última parte do texto parece ser uma versão mais trabalhada do texto apresentado por Spielrein à Sociedade Psicanalítica de Viena. Apesar de extremamente interessante, não introduz nenhuma ideia além das que já foram apresentadas. Ela discute detalhadamente a vida e a morte em uma ampla gama de mitos e analisa os vários símbolos presentes neles de acordo com suas hipóteses sobre a destruição e o devir.

A autora encerra o texto indicando que seria preciso realizar uma pesquisa mais aprofundada para comprovar a existência dos componentes destrutivos da sexualidade, mas que os exemplos que fornece deixam claro que “a pulsão de procriação também é formada psicologicamente de dois componentes antagônicos e, portanto, é igualmente uma pulsão de devir e de destruição” (Spielrein, 1912/2014, p.277).

4.2.4 – O impacto do texto de Spielrein na obra freudiana

Após acompanhar de modo detalhado as hipóteses apresentadas por Spielrein em “A Destruição como Origem do Devir”, podemos perceber que seu texto aborda muito mais do que a noção de um masoquismo primário ou a proposição de uma pulsão de morte. Alguns dos temas debatidos por ela estavam até mesmo à frente da teoria psicanalítica da época e certas ideias introduzidas aqui tiveram impacto nas teorizações freudianas posteriores, embora Freud não tenha anunciado isso abertamente.

4.2.4.1 – Paralelos entre a teoria do Eu em Spielrein e em Freud

Se tomarmos, por exemplo, toda a discussão sobre a psique do Eu, veremos que os desdobramentos que Spielrein produz a partir daí soam estranhamente

similares aos argumentos freudianos sobre o narcisismo ou até mesmo alguns de seus comentários sobre a constituição do Eu, em “O Eu e o Id” (1923).

Para Spielrein, a psique do Eu está em luta constante para tentar manter sua unidade, enquanto entra em conflito com a psique da espécie, que visa dissolver o Eu em um ‘nós’. Mesmo o Eu, na visão da autora, é altamente fragmentado e, por vezes, está em conflito com os vários complexos que o constituem. Do ponto de vista pulsional, ela descreve esse conflito como se dando entre a pulsão de autoconservação e a pulsão de conservação da espécie.

Se levarmos em consideração que a pulsão de conservação da espécie de Spielrein (também chamada de pulsão de procriação) é, ao que parece, equivalente à pulsão sexual de Freud, veremos que ela não se encontra tão distante da teoria psicanalítica freudiana. O fato é que ela acaba indo um pouco além, ao introduzir um conflito na própria pulsão sexual, ao pensar num componente destrutivo da libido ou, formulado de outra maneira, na composição da pulsão de procriação por uma pulsão de destruição e uma pulsão de devir.

Dessa forma, vemos que a teoria spielreiniana localiza o conflito em vários níveis: no interior do próprio Eu, entre o Eu e a espécie (diferenciação e indiferenciação), entre destruição e devir.

Voltando aos paralelos entre “A Destruição como Origem do Devir” e “À Guisa de Introdução ao Narcisismo”, podemos notar que ambos se aproximam bastante, em particular em dois pontos.

O primeiro deles diz respeito à divisão entre Eu e espécie, que Spielrein demonstra ser fonte de conflitos e que só se resolve satisfatoriamente quando o Eu se submete a ser diluído na espécie. Curioso notarmos que Freud apresenta um raciocínio similar logo na primeira parte do seu texto, quando tenta justificar suas hipóteses a partir de “considerações de cunho biológico”. Ele afirma que “o indivíduo leva de fato uma dupla existência: uma em que persegue seus próprios fins e outra em que é um elo de uma corrente, à qual serve involuntariamente e, às vezes, até contra sua vontade” (Freud, 1914/2004, p. 101). E prossegue indicando que “ele imagina que a sexualidade seja uma de suas metas pessoais, mas, de outro ponto de vista, podemos considerar o indivíduo como apenas um apêndice de seu próprio plasma germinal” (Freud, 1914/2004, p. 101). Se pensarmos nesse trecho, passa a soar menos estranho o fato de Spielrein denominar de pulsão de conservação da espécie exatamente a pulsão sexual.

O segundo ponto de proximidade entre os dois textos se refere às descrições do movimento pulsional que ocorre na relação amorosa. Se lembrarmos bem, para Spielrein, a relação, que ela afirma ser perigosa para o Eu, se dá exatamente quando o Eu consente em se dissolver no objeto amado. O Eu, nesse sentido, abre mão temporariamente de sua tendência à autoconservação e seus esforços para manter a unidade e concorda em fundir-se com o objeto de seu amor. De modo praticamente idêntico, vemos Freud afirmar que “a mais avançada fase de desenvolvimento que a libido objetual parece ser capaz de atingir é o estado de apaixonamento, que se apresenta como uma desistência da própria personalidade a favor do investimento no objeto” (Freud, 1914/2004, p. 99).

Ambos percebem também o efeito do movimento contrário. Pouco adiante desse trecho, Freud pensa certos fenômenos da paranoia, da hipocondria e da *dementia praecox* como um retorno da libido ao Eu, com efeitos patológicos e perturbadores da relação com o mundo externo. Também Spielrein havia chegado a conclusões semelhantes, como vimos anteriormente, ao propor que “por meio da negação completa do objeto de amor alheio ao Eu, a pessoa apenas consegue se tornar ela mesma objeto da própria libido, com a autodestruição consequente” (Spielrein, 1912/2014, p.246). A destruição que ela parece colocar em questão aqui é da unidade do Eu, que, paradoxalmente, ocorreria no momento em que ele se torna mais cristalizado ao se afastar do mundo externo.

4.2.4.2 – Teoria pulsional spielreiniana e “Além do Princípio de Prazer”

Um outro texto de Freud em que podemos notar um pensamento próximo ao de Spielrein é “Além do Princípio de Prazer”. Freud chega a citá-la já na quinta parte do texto, mas de forma discreta e até mesmo injusta. Talvez até mais do que no pensamento freudiano sobre o narcisismo, aqui vemos que Freud poderia facilmente ter se referido a Spielrein em várias partes da obra, já que emprega hipóteses e argumentos bastante próximos dos dela. Vejamos então quais são as ideias que Freud desenvolve aqui e em que grau se aproximam ou afastam das que acompanhamos no texto de Spielrein.

Freud inicia a discussão questionando se o princípio de prazer de fato domina os processos psíquicos, já que boa parte desses processos culmina em desprazer. Ele adentra um longo debate sobre as formas de desprazer experimentadas até chegar ao

tema da compulsão à repetição, após analisar as neuroses traumáticas, as brincadeiras infantis e as repetições de pacientes neuróticos. Assim, se vê forçado a supor a atuação de forças que operam sem levar em consideração o princípio de prazer. É baseado nessa constatação que ele começa a construir toda sua argumentação que o conduzirá à formulação da pulsão de morte.

A questão é que, percorrendo outros caminhos, Spielrein já havia chegado a essa mesma proposição de forças pulsionais que agem sem se preocupar com o prazer ou desprazer. E chega logo à resposta de que a psique do Eu “é guiada por moções que se encontram ainda mais profundas e não se ocupam nem um pouco com nossas reações emocionais às demandas impostas por elas” (Spielrein, 1912/2014, p.237).

Em Freud, encontramos a afirmação de que a compulsão à repetição (que nesse momento do texto é uma espécie de precursor da pulsão de morte) é “mais arcaica, mais pulsional e mais elementar do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta” (Freud, 1920/2006, p. 148).

De toda forma, Spielrein não só chega a uma proposição semelhante (cerca de oito anos antes), como também deduz daí conclusões similares, já que nesse seu modelo o aparelho pode obter prazer da dor e do desprazer (o que ajuda a compreender o mecanismo do masoquismo e do sadismo) e também o próprio Eu surge como altamente fragmentado e submetido a estas forças primitivas.

O dualismo apresentado no pensamento de Spielrein, que coloca de um lado uma tendência à dissolução e aniquilamento, de retorno ao estado indiferenciado, fazendo oposição à tendência à perseveração e diferenciação, parece também encontrar um eco em Freud.

Ele chega a descrever a pulsão como uma “força impelente interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (Freud, 1920/2006, p. 160). Esse estado anterior seria o estado inorgânico.

Assim, a tendência de retorno ao inorgânico nos parece se aproximar da noção de retorno ao estado indiferenciado. Se isso se confirmasse, poderíamos esperar ser possível localizar em Freud também algum movimento contrário a esse retorno ou que operasse de forma a limitar sua ação, assim como as tendências à perseveração de Spielrein.

E não seria algo desse tipo que de fato ele propõe em seu dualismo pulsões de vida x pulsões de morte? Freud chega a descrever o movimento oscilante da vida ao

afirmar que “é como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto” (Freud, 1920/2006, p. 164). Destruição e devir, poderíamos afirmar usando a terminologia de Spielrein.

Aqui, talvez, seja interessante tentar explicitar o dualismo pulsional de Spielrein de forma um pouco mais detalhada e compará-lo com os dualismos freudianos. Para ela, um grupo de pulsões de autoconservação se opõe ao das pulsões de conservação da espécie. À primeira vista isso em nada se diferencia do dualismo freudiano anterior a 1914 que coloca em oposição as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Spielrein chega até mesmo a usar o termo “pulsão de procriação” para se referir à pulsão de conservação da espécie, o que evidencia a semelhança entre as hipóteses de ambos.

Ocorre que Spielrein introduz uma divisão na própria pulsão de conservação da espécie. Como ela chega a afirmar em seu texto, essa pulsão é ambivalente por essência, ela é formada por componentes antagônicos. O caráter duplo dessa pulsão é visto por ela como uma espécie de dialética entre destruição e devir, entre aniquilamento e criação. A satisfação dessa pulsão depende, portanto, de que se vença uma tendência contrária que ela parece localizar no interior da própria pulsão. O que Spielrein faz é efetivamente introduzir um outro dualismo, que não se sobrepõe completamente ao anterior (autoconservação x conservação da espécie), mas que deve ser considerado ao analisarmos as manifestações pulsionais.

Isso lembra em alguma medida o próprio movimento freudiano ao modificar sua primeira teoria pulsional, que pensava o conflito entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. Quando ele aponta que as pulsões do eu eram elas próprias sexuais e passa a localizar o conflito entre libido do eu e libido de objeto, o que ele faz é exatamente demarcar o conflito no campo sexual, assim como Spielrein parece ter tentado fazer.

Já com relação à teoria pulsional freudiana pós-1920, os paralelos são um pouco mais claros. A pulsão de morte, que diz respeito a tendências regressivas, de retorno ao inorgânico, de desligamento, soa como algo muito próximo do componente destrutivo da pulsão de procriação de Spielrein. Muito embora ela não descreva a

pulsão destrutiva nos mesmo termos de Freud, fica claro que as semelhanças são profundas.

Há ainda um outro detalhe que chama a atenção. Já tivemos oportunidade de comentar que Spielrein faz uso (relativamente breve, na verdade) de fatos da biologia para conseguir avançar em seu raciocínio. Ela toma como foco a cópula em organismos simples e em seguida em organismos mais complexos. Nesses fenômenos percebe exatamente as manifestações de seu dualismo entre destruição e devir.

Freud recorre a material do mesmo tipo, porém de forma ainda mais extensa e detalhada. O curioso é que ele assenta boa parte de suas especulações nos relatos que apresenta de estudos da biologia. Isso em si não diz muita coisa, mas é com surpresa que encontramos, em uma carta enviada a Jung em 30 de novembro de 1911, a seguinte afirmação: “O que me incomoda é que Fräulein Spielrein quer subordinar o material psicológico a considerações biológicas”. E a isso Jung responde, em 11 de dezembro do mesmo ano: “Sei, é claro, que Spielrein opera demasiado com a biologia. Mas isso não o aprendeu comigo, é próprio dela”. Parece que ambos estavam de acordo que havia um exagero no uso de Spielrein dos fatos biológicos. Só não sabemos o que poderiam dizer do uso muito mais amplo que o próprio Freud faz em 1920.

Por fim, temos o trecho de “Além do Princípio de Prazer” em que Freud afinal cita Spielrein. Nesse momento do texto, ele está buscando alguma manifestação pura da pulsão de morte que possa servir de exemplo para justificar sua nova teoria pulsional. Chega, por esse caminho, ao problema do masoquismo primário. E é a isso que atribui algum crédito a Spielrein, sem, no entanto, discutir em que consiste a teoria do masoquismo que ela havia proposto.

Em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924), Freud já não está debatendo se um masoquismo primário é possível e o toma como fato. O que ele pretende nesse momento é tentar descrever qual seu mecanismo. Diferente de em “Além do Princípio de Prazer”, aqui ele não faz qualquer menção ao trabalho de Spielrein.

De toda forma, o raciocínio que apresenta para explicar o masoquismo erógeno (que está na base das outras formas discutidas) é idêntico ao que já havia apresentado em 1920, que supunha uma quantidade de pulsão de morte que não foi expulsa do Eu, estabelecendo algum vínculo com as pulsões sexuais e dando origem a tendências masoquistas.

Retomando as ideias de Spielrein sobre o masoquismo, temos de reconhecer que nesse ponto seu texto faz pouco mais do que indicar a existência de um masoquismo que pode ser dito primário. Ela não dá um tratamento detalhado ao tema, embora seja preciso notar que uma de suas hipóteses centrais, a existência de um certo nível de desprazer no interior da vivência do prazer, aponta para a possibilidade de uma noção do masoquismo, talvez até mais ampla do que a freudiana.

Considerações finais

Feito todo esse percurso pela história da pulsão de morte, resta saber se nosso esforço foi capaz de produzir uma narrativa consistente com a forma como Freud pensava o conceito, ao mesmo tempo em que lançamos nova luz sobre ele ao analisar os autores que serviram de fonte para sua construção.

Partimos da leitura de “Além do Princípio de Prazer”, de onde extraímos a hipótese de que a compulsão à repetição é a base clínica da obra, que não permite que a pulsão de morte seja vista como pura especulação. Através dela, Freud é capaz de dar novo sentido a alguns pontos da teoria psicanalítica, o que resulta no novo dualismo pulsional. Nossa leitura poderia ser resumida na proposição de que a compulsão à repetição é uma *manifestação* de uma *tendência* à regressão das pulsões, tendência que atende à *função* de esgotar a tensão do aparelho (o princípio de Nirvana). Estes foram os três pilares que guiaram nossa argumentação nos três primeiros capítulos, onde tentamos pensar em cada um separadamente e, quando possível, refletir também sobre a relação entre eles.

Ao fazer isso, fica claro que o primeiro ponto, a compulsão à repetição é extraído diretamente da experiência clínica de Freud, e talvez por essa razão ele não tenha sentido a necessidade de recorrer a nenhum outro autor para dar suporte a seus argumentos nesse momento. Mesmo já tendo abordado esse problema em períodos anteriores (que acompanhamos de forma resumida), em 1920 a repetição (em especial de vivências de desprazer) abre caminho para colocar em questão algo que era até então inquestionável: o domínio do princípio de prazer.

Assim, a compulsão à repetição acaba funcionando como ponto de partida para o que vem em seguida, que é a proposição de que todas as pulsões visam o retorno a um estado anterior. Aqui, Freud já se encontra em um campo um pouco mais incerto. Isso porque o movimento regressivo das pulsões era visto até então como algo que só ocorria em algumas circunstâncias. Agora, ao propor uma tendência regressiva ou conservadora que é característica das pulsões, não pode sustentá-la com a mesma segurança que tinha quando tratava da repetição. Ele aponta que “quando afirmamos o caráter regressivo das pulsões, sem dúvida nos apoiamos também em material observado, a saber, nos fatos que se reportam à compulsão à repetição” (Freud, 1920/2006, p. 178).

Nesse ponto, nosso esforço de buscar as fontes em que Freud se apóia nos levou à obra de Ferenczi. Esse autor, ao tentar resolver uma questão absolutamente

diferente (compreender a passagem do princípio de prazer para o de realidade), nos apresenta uma visão da teoria pulsional que se aproxima da que Freud só veio a discutir 7 anos mais tarde.

Para ele, o primeiro desejo é de retorno ao estado sem desejos, de onipotência, que o feto experimentou no interior do útero da mãe. Assim, na visão de Ferenczi, todo desejo é de retorno e, portanto, toda pulsão tem como característica uma tendência regressiva. Esse argumento é essencialmente o mesmo apresentado por Freud em “Além do Princípio de Prazer”, com a diferença que, para Freud, o retorno é a um estado ainda anterior; o que se visa não é a onipotência da vida intrauterina, mas o repouso do estado inorgânico.

Chegamos dessa forma ao terceiro ponto em que se sustenta a pulsão de morte, o princípio de Nirvana. Com relação a isso, fomos forçados a reconhecer que há, na argumentação freudiana, muitas incertezas e ambiguidades. Notamos que Freud parece derivar o princípio de Nirvana do princípio de constância, o que, longe de simplificar a questão, só a torna mais complexa.

Em nosso percurso pela obra de Freud, vimos que ele recorre a algumas ideias de Breuer para pensar a constância, mas acaba dando a elas um sentido ligeiramente diferente. Se para Breuer a noção de constância envolvia eliminar o excedente de afeto, mas mantendo ainda um nível ótimo de excitação, para Freud a questão que se coloca é que o aparelho aspira se ver livre das excitações e que só secundariamente é que vem a tolerar certo acúmulo.

E o que causa ainda mais espanto é que em 1920, ao fazer a transição da constância ao Nirvana, ele apresenta o último como a tendência a reduzir, suspender a tensão interna ou mantê-la constante. Estas três tarefas, Freud supõe, não se equivalem, mas atendem de alguma forma à aspiração mais geral de retornar ao estado inorgânico. Somente alguns anos mais tarde, em 1924, ele retoma esse debate e tenta estabelecer claramente as diferenças entre princípio de prazer (ligado às pulsões de vida), princípio de Nirvana (que atende às pulsões de morte) e de realidade (que responde às exigências da realidade externa). Acompanhamos também de que modo Freud veio a utilizar o termo “princípio de Nirvana”, através da leitura de Low. Novamente notamos que ele toma emprestado a noção, mas imprime a ela algumas ligeiras modificações ao incorporá-la ao seu raciocínio. Nesse caso, o que ele faz é essencialmente traduzir a proposição de Low, de um anseio por retornar ao estado de onipotência, para os termos quantitativos com os quais estava familiarizado.

Tendo discutido o que julgamos ser a base da de pulsão de morte, voltamos nossa atenção para algumas relações que Freud estabelece entre esse conceito e a agressividade e destrutividade. Com relação a esse aspecto, suas discussões sobre sadismo, impulsos cruéis e um componente sádico da libido podem ser rastreados desde os “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”.

Notamos que muito cedo, em 1908, Adler propõe uma pulsão agressiva que é rejeitada por Freud, que mantém todo esse tema em segundo plano em sua obra até que se sente forçado a reconhecer a existência dessas pulsões. Entretanto, como faz questão de apontar, sua pulsão agressiva não é idêntica à de Adler. Ele a apresenta como uma manifestação da pulsão de morte deslocada e analisa em algumas obras esse mecanismo e também seus efeitos.

No trecho final de nosso trabalho abordamos ainda o texto de uma autora, Spielrein, que, em vários pontos, se aproxima das ideias de Freud sobre a pulsão de morte. Tentamos acompanhar em detalhes seu pensamento e localizamos formulações particularmente interessantes sobre a teoria pulsional.

Vimos, por exemplo, que para Spielrein há, nos níveis mais profundos da psique, moções pulsionais que buscam satisfação sem se preocupar se isso gerará prazer ou desprazer. Na sua forma de pensar a questão, a pulsão sexual contém um componente destrutivo e por essa razão tem um caráter ambivalente. É como se uma certa quantidade de desprazer estivesse contida em toda a experiência de satisfação.

Freud parece ter sido influenciado pelas idéias de Spielrein, embora não fique claro a real extensão dessa influência e nem se ele estava ciente disso. O que ele de fato atribui a ela é ter levantado a hipótese de um masoquismo primário muito antes dele, sem discutir os outros aspectos da obra dela.

Tendo analisado de forma relativamente detalhada todos estes temas, que embora originalmente separados, são amarrados uns aos outros por Freud na constituição do conceito de pulsão de morte, percebemos que talvez tenham algo em comum, afinal.

Não que estes autores, cujos textos estão espalhados por um intervalo de cerca de uma década, tenham discutido as mesmas questões. Mas parece que cada um indicou algum ponto que a teoria psicanalítica não era capaz de tratar no momento. Embora Freud fosse capaz de rejeitar ou ignorar cada um individualmente, o peso acumulado de todos eles, assim como as questões levantadas pela sua própria prática

clínica, acabaram forçando-o a um reordenamento radical de sua teoria pulsional, que tem efeito profundo em vários outros pontos da teoria psicanalítica.

Toda nossa argumentação tentou demonstrar exatamente isso, a maneira pela qual Freud conseguiu conjugar influências tão diversas, extraindo de cada autor o que pensava ser essencial. Notamos que por vezes ele acabava transportando sem perceber outros elementos do pensamento dos autores que cita, e essa foi outra questão que procuramos tornar explícita.

Evidentemente que nossa exposição acabará parecendo sucinta demais em alguns momentos, e ficamos com a impressão de que poderíamos ter tomado ainda outros caminhos para conduzir nossa discussão. Por exemplo, em alguns trechos esbarramos de forma bastante discreta em um debate sobre o narcisismo. Chegamos a ver Freud fazendo uma breve referência a esse tema e sua relação com a pulsão de morte, quando indica que tanto as células germinativas quanto as “formações malignas que destroem o organismo” (Freud, 1920/2006, p. 172) deveriam ser designadas narcísicas. Poderíamos explorar todo o caráter mortífero do narcisismo, mas optamos por manter essa discussão em suspenso por sua extensão e complexidade, além do fato de que isso nos desviaria ainda mais do estudo das fontes de Freud.

Por fim, mesmo com as claras limitações de nossa pesquisa, nos sentiremos satisfeitos se nosso esforço tiver trazido maior clareza para a compreensão de um conceito tão complexo quanto a pulsão de morte e do caminho percorrido por Freud em sua criação. Não restam dúvidas de que um trabalho desse tipo, que combina pesquisa histórica com uma reflexão psicanalítica, pode produzir enormes ganhos para nosso entendimento não só de um conceito isolado, mas da forma não-linear com que são produzidos avanços na teoria psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Adler, A. (1908/2003). The Aggression Drive in Life and in the Neurosis. In: A. Adler, & H. Stein (Ed.), *Journal Articles: 1898-1909* (Vol. 2, pp. 62-68). Washington: Classical Adlerian Translation Project.
- Breuer, J., & Freud, S. (1895/2006). *Estudos sobre a Histeria* (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago.
- Carotenuto, A. (1984). *Diário de uma Secreta Simetria*. (A. R. Coutinho, Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ferenczi, S. (1913/2011). O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios. In: S. Ferenczi, *Obras Completas - Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2ª Edição ed., Vol. 2, pp. 45-61). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1912/1996). A Dinâmica da Transferência. In: S. Freud, *O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos* (Vol. XII, pp. 109-119). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1941/2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/1996). *A Interpretação dos Sonhos e Sobre os Sonhos* (Vol. V). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1996). Além do Princípio de Prazer. In: S. Freud, *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos* (Vol. XVIII, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/2006). Além do Princípio de Prazer. In: S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1893/1996). Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Hísticas. In: S. Freud, *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. I, pp. 199-216). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909/1996). Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. In: S. Freud, *Dois Histórias Clínicas* (Vol. X, pp. 13-133). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1897/1996). Carta 75. In: S. Freud, *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. I, pp. 318-322). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1996). Carta a Fritz Wittels. In: S. Freud, *O Ego e o Id e outros trabalhos* (Vol. XIX, pp. 320-321). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917/1996). Conferência XXII - Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão. In: S. Freud, *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)* (Vol. XVI, pp. 343-360). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1892/1996). Esboços para a Comunicação Preliminar de 1893. In: S. Freud, *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. I, pp. 189-196). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917/2006). Luto e Melancolia. In: S. Freud, *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos* (Vol. XIV, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1911/1996). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia. In: S. Freud, *O caso de Schreber, Artigos sobre a Técnica e outros trabalhos* (Vol. XII, pp. 15-89). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1909/1996). Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. In: S. Freud, *Duas Histórias Clínicas* (Vol. X, pp. 137-273). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919/1996). O Estranho. In: S. Freud, *História de um Neurose Infantil e outros trabalhos* (Vol. XVII, pp. 235-269). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/2007). O Eu e o Id. In: S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/1996). O Mal-Estar na Civilização. In: S. Freud, *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos* (Vol. XXI, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1924/2007). O Problema Econômico do Masoquismo. In: S. Freud, *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1895/1995). *Projeto de uma Psicologia*. (O. F. Gabbi, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1897/1996). Rascunho L. In: S. Freud, *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (Vol. I, pp. 297-300). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/1996). Recordar, Repetir e Elaborar. In: S. Freud, *O Caso de Schreber, Artigos sobre a Técnica e outros trabalhos* (Vol. XII, pp. 161-171). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1893/2006). Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Uma Conferência. In: S. Freud, *Primeiras Publicações Psicanalíticas* (Vol. III, pp. 35-47). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912/1996). Tipos de Desencadeamento da Neurose. In: S. Freud, *O Caso de Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos* (Vol. XII, pp. 247-255). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1913/2006). Totem e Tabu. In: S. Freud, *Totem e Tabu e outros trabalhos* (Vol. XIII, pp. 13-162). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1996). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: S. Freud, *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade e outros trabalhos* (Vol. VII, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago.
- Hirschmüller, A. (1978). *The Life and Work of Josef Breuer*. New York: New York University Press.
- Jones, E. (1957/1989). Metapsicologia. In: E. Jones, *A Vida e a Obra de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 268-281). Rio de Janeiro: Imago.
- Jones, E. (1953/1989). O Período de Breuer. In: E. Jones, *A Vida e a Obra de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 229-273). Rio de Janeiro: Imago.
- Kanzer, M. (1983). The Inconstant 'Constancy Principle'. *Journal of the American Psychoanalytic Association* , pp. 843-865.
- Kerr, J. (1997). *Um Método Muito Perigoso - Jung, Freud e Sabina Spielrein: A história ignorada dos primeiros anos da Psicanálise*. (L. Rumchinsky, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Lothane, Z. (1996). In Defense of Sabina Spielrein. *International Forum of Psychoanalysis* , pp. 203-217.
- Lothane, Z. (2003). Tender Love and Transference: unpublished letters of C. G. Jung and Sabina Spielrein. In: C. Covington, & B. Wharton, *Sabina Spielrein - Forgotten Pioneer of Psychoanalysis* (pp. 189-225). New York: Routledge.
- Low, B. (1920). *Psycho-analysis - A brief account of the freudian theory*. London: Allen & Unwin.
- May, U. (2013). Die Zweit- und Druckfassung: Von der Spekulation zur dritte Triebtheorie. (M. Schröter, Ed.) *Luzifer-Amor* , pp. 125-146.
- Moll, J. (2003). Unedited Extracts from a Diary. In: C. Covington, & B. Wharton, *Sabina Spielrein - Forgotten Pioneer of Psychoanalysis* (pp. 15-31). New York: Routledge.
- Nunberg, H., & Federn, E. (1962). Scientific Meeting on June 3, 1908. In: H. Nunberg, & E. Federn, *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 1, pp. 406-410). New York: International Universities Press.
- Nunberg, H., & Federn, E. (1974). Scientific Meeting on November 29, 1911. In: H. Nunberg, & E. Federn, *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society* (Vol. 3, pp. 329-335). New York: International Universities Press.
- Richebächer, S. (2012). *Sabina Spielrein - De Jung a Freud*. (D. Martineschen, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Rocha, G. M. (2010). *O Estético e o Ético em Psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese de doutorado, Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo.

Santos, L. G. (2002). *O Conceito de Repetição em Freud*. São Paulo: Escuta.

Schopenhauer, A. (2005). Livro quarto - Do Mundo como Vontade. In: A. Schopenhauer, *O Mundo como Vontade e Representação* (J. Barboza, Trad., pp. 351-519). São Paulo: Unesp.

Spanjaard, J. (1966). August Stärcke. In: F. Alexander, S. Eisenstein, & M. Grotjahn, *Psychoanalytic Pioneers* (pp. 321-332). New York & London: Basic Books.

Spielrein, S. (1912/2014). A Destruição como Origem do Devir. In: R. U. Cromberg, *Sabina Spielrein - Uma pioneira da Psicanálise* (R. D. Mundt, Trad., Vol. 1, pp. 227-277). São Paulo: Livros da Matriz.

Stärcke, A. (1914/2013). Preface to "Civilized" Sexual Morality and Modern Nervous Illness. (T. Vonhof, Trad.)

Wittels, F. (1924). *Sigmund Freud - His personality, his teaching and his school*. (E. a. Paul, Trad.) New York: Dodd, Mead and Company.